



**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**



**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**



*Nº 52
Natal, Julho / Setembro – 2017*

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado / CJA Edições

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.52
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 52, jul./set.2017.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS	7
NESTOR LIMA - <i>Vicente serejo</i>	9
PREFÁCIO PARA UM LIVRO NUNCA PUBLICADO - Inédito de Nilo Pereira	11
A LITERATURA MODERNISTA NO BRASIL: PRIMÓRDIOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE - <i>João Batista Pinheiro Cabral</i>	15
INVENÇÃO E RENOVO EM “CAMBONO”, DE CLAUDE ARCANJO - <i>Nelson Patriota</i>	28
BARTOLOMEU CORREIA DE MELO: A SOFISTICAÇÃO DO SIMPLES - <i>Manoel Marques Filho</i>	31
AUGUSTO SEVERO NETO, INÉDITO - <i>Por Gustavo Sobral</i>	36
EÇA DE QUEIROZ E A CULINÁRIA PORTUGUESA (3) - <i>Manoel Onofre Jr.</i>	48
JOÃO ALMINO: O PRIMEIRO MOSSOROENSE A ENTRAR NA ABL - <i>Maria Conceição Maciel Filgueira</i>	52
A VIAGEM DE UM POEMA DE MOURA RABELO - <i>Oreny Júnior</i>	59
PALAVRATRIX: REINVENTANDO OS CAMINHOS DO POETRIX - <i>José de Castro</i>	61
À PROCURA DA UNIDADE: OS FRAGMENTOS LÍRICOS DE FELIPE GARCIA - <i>Kalliane Amorim</i>	74
BICENTENÁRIO DO PADRE MIGUELINHO - <i>Jurandy Navarro</i>	93
PADRE MIGUELINHO - <i>Cláudio Emerenciano</i>	97
GUARAPES 2017: AUDIÊNCIAS PÚBLICAS! - <i>Valério Mesquita</i>	100
TANCREDO: O CRIADOR DA NOVA REPÚBLICA - <i>João Batista Machado</i>	103

UM PEQUENO MAPA DO TEMPO: PRINCIPAIS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA COLÔNIA, IMPÉRIO & REPÚBLICA VELHA - <i>Thiago Gonzaga</i>	110
A PROBLEMÁTICA DA PECUÁRIA REGIONAL - <i>Benedito Vasconcelos Mendes</i>	116
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GRÁCIO BARBALHO (1917-2017) - <i>Leide Câmara</i>	120
TRIBUNAL DE CONTAS SEXAGENÁRIO - <i>Carlos Roberto de Miranda Gomes</i>	127
CRÔNICAS	135
O BARRO VERMELHO DA MINHA INFÂNCIA - <i>Lívio Oliveira</i> ...	137
A BARBA - <i>Vicente Serejo</i>	143
CARTA PARA DIOGENES - <i>Daladier Pessoa Cunha Lima</i>	145
DIÓGENES DA CUNHA LIMA - 33 ANOS - <i>Armando Negreiros</i> ..	147
POEMAS	152
HAICAIS: BREVE COLETÂNEA - <i>Jarbas Martins</i>	153
CONFETES E CINZAS - <i>Ladislau Araújo</i>	158
TRÊS POEMAS À MEMÓRIA DO MEU PAI - <i>Roberto Lima de Souza</i>	159
DISCURSOS	163
A NECESSIDADE DA TEOLOGIA - <i>Padre João Medeiros Filho</i> ..	165
AULA DA SAUDADE - <i>Pe. José Mário</i>	171
SAUDAÇÃO AOS ANIVERSARIANTES DO MÊS DE JULHO NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, PROFERIDA EM REUNIÃO DE CONFRATERNIZAÇÃO PELO ACADÊMICO ARMANDO NEGREIROS	176
HOMILIA PARA A MISSA DE OITENTA ANOS DE DIÓGENES DA CUNHA LIMA	179
MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA DIÓGENES DA CUNHA LIMA	183



ARTIGOS E ENSAIOS



NESTOR LIMA

Vicente serejo

Fui o repórter do Diário de Natal encarregado de cobrir o Seminário de Tropicologia, no auditório da Biblioteca Central, hoje Zila Mamede. E aqui se realizou por influência dos seminários promovidos pela Fundação Joaquim Nabuco, e trazê-los para a UFRN foi uma ideia de Sanderson Negreiros, então pró-reitor de extensão do então reitor Diógenes da Cunha Lima, interessado nos debates modernos, e quando a vida acadêmica era um território fechado a iniciados, longe do Brasil.

Primeiro, entrevistei o embaixador Nestor dos Santos Lima que viria - nesse tempo ainda residia no exterior - para representar o Nordeste, contracenando com uma das maiores cabeças da arquitetura brasileira, Carlos C. Lemos, professor da Universidade de S. Paulo, ensaísta erudito, um estudioso da casa brasileira. A ideia de Sanderson foi discutir a identidade da vida nos trópicos do semiárido, dentro dos parâmetros da Tropicologia, a ciência imaginada e criada por Gilberto Freyre.

Fiquei impressionado com a força das convicções e a capacidade de defesa das idéias do embaixador. No dia seguinte, acompanhei o arquiteto Carlos Lemos num passeio pelas ruas e bairros de Natal. Ele queria conhecer, anonimamente, como viviam os natalenses, suas casas e os seus hábitos. Ao longo da manhã, pediu para conhecer áreas residenciais tradicionais, grandes conjuntos populares, suas praças e subúrbios. Educado, refinado no seu silêncio, mas atento a tudo.

Lembro que no dia seguinte o embaixador fez a defesa dos trópicos, do sol e do vento, o que alguns anos depois acabaria inspirando seu livro de ensaios - 'Esqueça a primavera, irmão', lançado no governo Geraldo Melo, gestão de Woden Madruga na Fundação José Augusto. Sem saber, consagrou a visão de Lemos, que falou de-

pois, defendeu o alpendre, condenou o excesso de vidros fechando as varandas e janelas das casas, os espaços de luminosidade e ventilação nestes trópicos.

Talvez por isso, por encantamento intelectual, fui guardando aqui os livros de Carlos C. Lemos e Nestor dos Santos Lima. Eles nos ensinaram a bem compreender a vida nos trópicos e a adaptação do homem à civilização da seca. Ser o bicho racional na convivência com a caatinga, trazendo com ele a ancestralidade de velhas heranças ibéricas. Eles mostraram o homem e a sua casa, aquele casarão sertanejo de telhadão elevado, criando um microclima para enfrentar o calor.

Além de ‘Esqueça a primavera, irmão’ e ‘Samurais e Jecatus’, Nestor brilhou com seu ensaio ‘A Terceira América’, saído no Brasil (Freitas Bastos, 1967), com edições em Portugal, México e Copenhague. É precioso seu depoimento sobre Ribeiro Couto, com quem iniciou a vida diplomática, em Belgrado. Morto, depois da longa enfermidade que lhe roubou a lucidez e lhe fez ausente tantos anos, Nestor Lima sai de cena empobrecendo ainda mais a vida intelectual do Estado.

Crônica publicada no Novo Jornal, na edição de 04 de julho de 2017

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

PREFÁCIO PARA UM LIVRO NUNCA PUBLICADO

Inédito de Nilo Pereira

Imaginar Diógenes da Cunha Lima nas suas lides forenses não é o mesmo que imaginá-lo poeta.

O ato poético é diferente de todos os outros atos: é um ato de amor, de criação.

Quereis saber o que é a criação, palavra, aliás, de tantos sentidos, que sozinha vale um Dicionário?

Lede atentamente o MANUAL DA CRIAÇÃO, livro de poemas que o poeta me dá a honra de prefaciá-lo.

Aqui a Criação é a natureza, a terra sempre virgem e bela, as aves, os bichos, as árvores, as águas, as coisas e os mistérios da vida numa dimensão simples e humana, mesmo quando se trate de animais. Um poeta tem liberdade para tudo, até para santificar os animais, dar-lhes o abraço franciscano da fraternidade e do amor.

Neste livro de Diógenes da Cunha Lima encontro muito de franciscanismo. Não sei se alguém já disse isso: que há um toque de pureza franciscana na poesia de Diógenes, que não precisa de nenhuma lâmpada para encontrar Francisco, II Poverello.

As coisas simples e naturais estão diante dos seus olhos, teluricamente iluminados.

E o que é que ele vê, o mágico? Vê o mundo, a natureza, os campos, o drama do homem numa terra exausta e linda.

Se bem entendo a sua poesia, que muito admiro, ela é um canto da solidão nordestina. O nordestino é um solitário. Sabe que vive quase só. Tem as forças próprias, heróicas, passionais, com que se ergue da terra como um Anteu fabuloso. “É antes de tudo um forte” (tudo quanto resta d’OS SERTÕES na citação das atuais gerações,

que não leem mais Euclides da Cunha, um profeta).

Mas esse forte, esse herói, esse bicho-do-mato tem o seu cenário, a sua paisagem, a sua saga. Ergue-se de todo esse “complexo” rural, que o atormenta, mas ao qual está jungido pela força interior da sua alma simples, nostálgica.

Queria saber se, escrevendo isso, estou interpretando realmente, estruturalmente, a poesia de Diógenes, neste livro em que ele visualiza a Criação e nos dá, sem favor, uma paisagem total do mundo que ainda é o mesmo.

Ninguém pense que a tecnologia, às vezes “maligna”, como diz Toynbee, é capaz de mudar a alma humana. O sertão é o sertão, já não tanto “euclydeano” pelo fanatismo rude de Canudos; mas sempre o abismo dos heróis.

Temos aqui o poeta diante do abismo telúrico, que o chama. Ele interpreta esse universo trágico. Tragicamente humano. A impressão é que Diógenes se volta para essas coisas como se elas, pelo poder de sua magia feiticeira, quisessem encontrar o seu cantor, o seu seresteiro de noites de luar sertanejo.

Tenho pena de não ver Diógenes voltado com todo o seu talento para o vale do Ceará-Mirim. Quanto lhe ficaria a dever o canavial ondulante, onde sopra o gênio da Poesia! Que manhã da criação, tão enriquecida pela declamação de Veríssimo de Melo, não teria sido para ele – o poeta – um cântico de aurora nas cinzas do Gênesis!

Eu me identifico com o vaga-lume, que reluz no vale, nas noites de mistério. Quem dele disse melhor do que Diógenes da Cunha Lima?

A chuva trai a secura
O Nordeste lusilume
A noite escura pontilha
Luze-luze o vaga-lume.
Os pirilampos

São estrelas meninas
Nos campos.

Essas “estrelas meninas” (que beleza!) são também minhas. São faróis de navegantes no verde mar-canavial.

Diógenes é um guia através de um mundo que a civilização não extingue. Vede bem, leitor amigo, que encanto nesse poema que se intitula “Coroa-de-Frade”, no qual o poeta nos oferece a gênese da seca:

A bola achatada
Da coroa-de-frade
Morde o sol
Atapeta o chão
De espinhos curvos
Como garras
A seca nasce
Na barriga da
Coroa-de-frade.

Ora, isso parece simples, até mesmo simplório. Mas, por Júpiter, quem já o disse? Se fossem pedir a um técnico uma definição da seca, já seria inverno quando ele a tivesse dado...

Não que este modesto prefaciador seja contra os técnicos. De modo algum. Mas é preciso ter a imaginação de um poeta – e um poeta diogêncio – para dizer com toda a simplicidade que a seca nasce na barriga da coroa-de-frade. E nasce mesmo.

E tudo vai acontecendo de acordo com o ritmo das coisas naturais. O papa-capim doura a manhã com o seu canto. O sapo – que não está no poema de Manuel Bandeira – conquista “a sapa surrea-

lista” (isso lembra Guillaume Apollinaire). O socó é “a solidão da cor marrom”. A tacaca denuncia “o perigo da mata”. O ganso “monogâmico” é solitário e triste: perdeu a companheira.

Há um imenso poder de caracterização nestes poemas de Diógenes da Cunha Lima. Lutando com processos, na sua banca de advogado, ele abre esse outro processo – a terra, o homem, as coisas, a saga primitiva, a ternura dos campos, o canto dos pássaros. Ele próprio um pássaro matinal ou noturno, acendendo vaga-lumes, as suas estrelas meninas.

Este livro é em tudo um MANUAL DA CRIAÇÃO. Sente-se o dedo de Deus, impressentido. O poeta cresce com a sua aventura. E é um cantor, uma ave. Este é um Cancioneiro do sertão, da mata, das águas, das auroras, dos crepúsculos. Uma convocação geral de vozes, ruídos, mistérios, luares, reverberações, a sofrida gente e os sofridos bichos-irmãos.

Grande poeta, Diógenes se realiza numa linguagem simples e humana.

Este seu livro é quase uma viagem. Pelos campos exauridos vamos indo com ele, o Vergílio inspirado de um inferno verde. É assim que sinto a sua poesia cheia de virgindades agressivas.

Também é uma fuga, este livro. Fuga para o nosso pequeno mundo, onde vivemos, vivendo ou não lá.

Fuga de violino, num silêncio luminoso.

Recife, 1º de novembro de 1978.

NILO PEREIRA (Ceará-Mirim, 1909/ Recife, 1992), Escritor, jornalista, professor, autor de Pernambucanidade; Dom Pedro II o Trono e o Altar; Imagens do Ceará-Mirim e outros livros. Ocupou a cadeira nº 19 da Academia Norte-riograndense de Letras.



A LITERATURA MODERNISTA NO BRASIL: PRIMÓRDIOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

João Batista Pinheiro Cabral

DRUMMOND E A SEMANA DE ARTE MODERNA

O grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade não participou da famosa Semana de 22, nem tomou parte nas manifestações artísticas e culturais que antecederam a eclosão do movimento modernista de São Paulo, cuja inspiração está definitivamente correlacionada com a figura inconfundível de Mário de Andrade. Ao contrário do que aconteceu com o outro grande poeta modernista, Manuel Bandeira, que se engajou ao movimento antes de sua cristalização em 1922 (sendo por isso cognominado “O São João Batista do Modernismo”), Carlos Drummond de Andrade, embora já praticasse poesia modernista desde 1925 (em seus poemas publicados na Revista de Belo Horizonte) e já tivesse publicado o inquietante poema “Pedra no Meio do Caminho” (na Revista de Antropofagia, em 1928), somente entra “oficialmente” na corrente modernista em 1930, quando publica seu primeiro livro, chamado **Alguma Poesia**. Não obstante a falta de sincronia quanto aos seus engajamentos no movimento, Drummond e Bandeira tornaram-se, na opinião de muitos críticos, os dois maiores poetas do modernismo brasileiro. Apesar de se haver incorporado ao movimento no seu “segundo tempo”, quando este já havia perdido a agressividade inicial característica de sua primeira fase (1922-1930), a participação de Drummond nos destinos da poesia modernista brasileira tornou-se importantíssima¹.

Seu primeiro e já mencionado livro de poemas, **Alguma Poesia**, é o marco inicial da segunda fase que passa a viver a poesia (e o próprio movimento) modernista a partir de 1930. A essa altura dos acontecimentos, poesia e prosa, ambas plenamente conscientes do uso do coloquial e das expressões populares, coexistem, circulam

e já são consumidas pela comunidade intelectual brasileira em proporções razoáveis. A importância desse livro decorre principalmente do fato de seu autor ser o primeiro poeta “incontaminado” (sem nenhum compromisso prévio com qualquer escola ou movimento literário) a entrar para as hostes modernistas².

Por essa razão, Carlos Drummond de Andrade talvez nem precisasse formalizar, como fez Manuel Bandeira, seu rompimento com a tradição poética preexistente, quando escreveu:

Estou farto do lirismo comedido

*Do lirismo bem comportado...*³

mas, mesmo assim, para deixar bem claro o seu descompromisso com as formas poéticas do antemodernismo, Drummond afirmaria mais tarde, em seu **Sentimento do Mundo** (1940):

Não serei poeta de um mundo caduco...

*O tempo é minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, a vida presente*⁴.

Esta é a mesma mensagem anunciada no intrigante e enigmático poema “Pedra no Meio do Caminho”.

O BATISMO MODERNISTA

Se o batismo modernista de Carlos Drummond de Andrade se deu com o lançamento de **Alguma Poesia**, a crisma ocorreu quatro anos depois com a publicação, em 1934, do livro da confirmação intitulado **Brejo das Almas**. Esses dois livros são universalmente considerados como representativos da primeira das muitas fases do inesgotável manancial poético drummondiano. Nessa fase, acima da timidez “profissional” e de outros complexos mineiros, predominam na poesia de Drummond o humor e a ironia.

É nessa fase que os poemas de Carlos Drummond de Andrade tratam principalmente das “canhestrices” do mundo, das “coisas que não se resolvem”, e parecem atuar como verdadeiras válvulas de escape para as frustrações do poeta que, sentindo-se gauche na vida, apela ao

humor e à ironia como fórmula capaz de descrever as desordens do mundo e de denunciar as “injustiças” que o oprimem e angustiam⁵.

Este trabalho pretende estudar, sucintamente, alguns aspectos dessa primeira fase da poesia drummondiana, preocupando-se especialmente com os aspectos irônicos e humorísticos de seus dois primeiros livros, **Alguma Poesia** e **Brejo das Almas**.

Os poemas, contidos nos dois livros acima citados, revelam uma pronunciada influência do irreverente humor poético-modernista de Mário e Oswald de Andrade -- que como sabemos-- não eram parentes. Esses dois inovadores da literatura brasileira, valendo-se da abençoada absoluta liberdade de criação proclamada pelo modernismo, promoveram a poesia humorística no Brasil, de segunda para primeira classe. Os dois empregaram frequentemente em suas composições poéticas tanto o humor quanto a ironia, como armas e como instrumentos de luta, para transmitir uma mensagem ao público. Assim fazendo, esses dois pioneiros construíram a ponte que possibilitou a comunicação plena, efetiva e válida entre as áreas do cômico e do lírico, quebrando assim mais um tabu literário.

HUMOR E LIRISMO

A obra de Mário de Andrade está pontilhada de felizes alianças entre humor e lirismo, entre poesia e ironia, como se pode notar nos exemplos abaixo, extraídos dos poemas “Noturno de Belo Horizonte” e “Danças” (1924), onde se lê respectivamente:

*a polícia entre as rosas...
onde não é preciso, como sempre...*⁶

e

*Que somos nós?
Pronomes pessoais.*

A poesia do “enfant terrible” Oswald de Andrade oferece exemplos mais abundantes ainda, mas aqui daremos apenas, como amostra, o poema “Erro de Português”, no qual se lê:

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
vestiu o índio.
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
o índio tinha despido o português⁷*

Esse mesmo humor está também presente nos “poemas-piadas”, especialmente nas paródias que Oswald de Andrade faz às famosas composições de Gonçalves Dias (“Canção do Exílio”) e de Casimiro de Abreu (“Meus Oito Anos”), dois dos poemas mais conhecidos no Brasil⁸.

Os cinquenta e seis poemas, que compõem o volume intitulado **Alguma Poesia**, são, em geral, breves e concisos, tendendo para o telegráfico. Geralmente encerram uma mensagem, digamos, meio filosófica, algo reflexiva e, às vezes, moralizante, mas são sempre mesclados de humor e ironia. São geralmente poemas assimétricos, mas há umas poucas composições metrificadas como, por exemplo, “Cantiga de Viúvo” e “Balada do Amor Através das Idades”, porém estas últimas são minoria absoluta⁹.

Logo no primeiro verso do primeiro poema, que se intitula “Poema das Sete Faces”, ficam patentes o gaucherismo e o desconforto do poeta em relação à ordem e ao estado das coisas vigentes no mundo. Nele se lê:

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem sentados na sombra
disse: vai Carlos! Ser gauche na vida.*

De fato, olhando para dentro de si mesmo e depois erguendo os olhos para ver o “vasto mundo” em seu redor, o poeta percebe que os dois são irremediavelmente heterogêneos! Ele fora, ainda na adolescência, injustamente expulso de um colégio de jesuítas em Nova Friburgo, apesar de ser um dos melhores alunos do educandário; diplomara-se em Farmácia e Bioquímica, porém jamais sentira a me-

nor atração pela profissão de boticário muito menos pela de bioquímico; sua situação econômico-financeira era difícil, por ter perdido quase tudo com a desvalorização da propriedade rural em Itabira (com a escalada da mineração), e era ainda _ como continuaria a ser pela vida afora _ tímido e retraído¹⁰.

Sentindo-se “desafinado” com o “vasto mundo”, e ao mesmo tempo impotente para corrigi-lo, o poeta parece haver aceitado tacitamente o aforismo que diz ser o mundo “uma comédia para quem pensa e uma tragédia para quem sente”. É talvez movido por esse sentimento que ele escreve no referido “Poema das sete Faces”.

*Mundo mundo vasto mundo,
se me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.*

Ainda no mesmo poema deixa de ser filosófico e torna-se oswaldianamente irreverente quando diz:

*As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres
A tarde talvez fosse azul
não houvesse tantos desejos*

*O bonde passa cheio de pernas;
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta o meu coração
Porém meus olhos
Não perguntam nada.*

Nada escapa à ironia do itabirano “dessintonizado” com o vasto mundo que o agride continuamente. Em “Casamento do Céu e do Inferno” ele extravasa:

*No azul do céu de metileno
a lua irônica*

diurética

é uma gravura na sala de jantar.

Nem o ufanismo nacional é poupado no poema que recebe o título de “Também Já Fui Brasileiro”, onde se encontra o seguinte:

*Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês,
ponteei viola, guiei forde,
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude
mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.*

Em “Europa, França e Bahia” a insalubridade do Velho Mundo e as mazelas do colonialismo são denunciadas conjuntamente:

*... Milhões de dorsos agachados em colônias
longínquas formam um tapete para
Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.
E a lua em Londres como um remorso.*

*Submarinos inúteis retalham mares vencidos.
O navio alemão cauteloso exporta dolicocefalos
arruinados...*

*A Itália explora conscientemente vulcões
apagados, que nunca estiveram acesos a não ser
na cabeça de Mussolini.*

*E a Suíça cândida se oferece
numa coleção de postais de altitudes altíssimas.
Meus olhos brasileiros se enojam da Europa.*



O sentimentalismo meloso-romântico é também objeto da ironia drummondiana. No poema “Quadrilha”, encontra-se o seguinte quadro humorístico:

*João que amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o Convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

OUTUBRO 1930

Os acontecimentos revolucionários de 1930 estão drummondianamente registrados no poema “Outubro 1930”, e as influências alienígenas, corrutoras e destruidoras dos costumes e das tradições culturais brasileiras (marcas registradas das obras de Mário e Oswald de Andrade), são grotescamente denunciadas nas composições “Papai Noel às Avestas” e “O Que Fizeram do Natal”.

Nem mesmo os literatos e poetas são poupados. No poema “Política Literária” encontra-se:

*O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz*

Cumprir dizer ainda que o volume de 1930, na multiplicidade de seus ângulos, documenta parte de uma fragmentação espiritual causada pela fricção do poeta com o “vasto mundo”, em que é forçado a viver como um gauche, mundo esse que ele acaba aprendendo a tolerar, porque encontra no humor e na ironia forças suficientes para contrabalançar, e, às vezes, neutralizar as agressões.

O volume de 1934, **Brejo das Almas**, é -- de muitas maneiras -- a continuação da problemática tratada no volume de 1930. Estilisticamente, nos vinte e cinco poemas do segundo livro acentua-se o compromisso de Drummond para com a metrificação, e as composições são um pouco mais longas. Nota-se porém o agravamento da crise pelo atrito com o “vasto mundo” e a crescente irritação com “as coisas que não se resolvem”. A essa agudização da crise o poeta reage com o uso de uma linguagem ainda mais causticante, quase palavrão, para expressar-se. Essa linguagem mais irônica é a consequência do “caos psicológico” que chega ao clímax e que era imperceptível ao resto do mundo. Dele Drummond diria mais tarde, no poema intitulado “No Exemplar de um Velho Livro”, publicado em 1952, no volume **O Fazendeiro do Ar**, o seguinte:

*Neste Brejo das Almas
o que havia de inquieto
por sob as águas calmas¹¹!*

Havia um verdadeiro vulcão sob essas águas aparentemente calmas do Brejo. Por vezes, nem mesmo o humor e a ironia bastariam para camuflar inteiramente os sentimentos de abandono e desespero que tanto perturbavam aquela criatura gauche na vida. No “Soneto da Perdida Esperança”, por exemplo, a ironia e o trocadilho abrandam. Mas não eliminam, completamente, o choque causado pela patética situação descrita:

*Perdi o bonde e a esperança
volto pálido para casa
A rua é inútil e nenhum auto
Passaria sobre o meu corpo.*

A desesperança já não é mais anestesiada, como em 1930, apenas com o verso irônico; agora é desviada no plano simbólico, pelo deboche pornográfico e pela ilação etílica. Isto é o que se percebe, por exemplo, no poema intitulado “Aurora”, onde se lê:

*O poeta ia bêbado, no bonde
o dia nascia atrás dos quintais.
As pensões alegres dormiam tristíssimas
As casas também estavam bêbadas.*

O mesmo problema é percebido no poema “Em Face dos Últimos Acontecimentos”, que começa assim:

*Oh! Sejamos pornográficos
(docemente pornográficos)
Por que seremos mais castos
Que o nosso avô português?*

Essa atitude fortemente ressentida é um pouco amaciada pelo deboche, como no caso de “Não Se Mate”, onde se lê:

*Carlos sossegue, o amor
é isso que você está vendo;
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe o que será.*

DESESPERANÇA DE 30 A 34

Os títulos que Drummond escolhe para alguns de seus poemas reunidos em **Brejo das Almas** também indicam o crescimento da desesperança entre 1930 e 1934. Títulos como “Convite Triste”, “Coisa Miserável”, “Poema Patético”, “Necrológio dos Desiludidos do Amor” e “Soneto da Perdida Esperança” são indicativos do estado em que vivia a alma atormentada do poeta no quadriênio que separa o **Brejo das Almas** de Alguma Poesia. Mas não há a consumação final do caos. No turbilhão em que se encontra, o poeta ainda consegue salpicar o **Brejo das Almas** com lampejos de humor e ironia, como por exemplo no poema “O Amor Bate na Aorta”, onde se encontram as seguintes expressões jocosas:

*O amor bate na porta
O amor bate na aorta,
Fui abrir e me constipei.
Cardíaco e melancólico.*

*O amor ronca na aorta
entre pés de laranjeiras
entre uvas meio verdes
e desejos já maduros.*

Há ainda no volume de 1934 outros poemas onde o itabirano se vale outra vez de seus poderosos aliados -- o humor e a ironia -- para continuar levando a “vida besta” de gauche num “vasto mundo”, onde apesar dos percalços, prossegue a “caminhar melancólico e vertical”. Alguns exemplos desses poemas são o já citado “O Amor Bate na Aorta”, e mais “Hino Nacional”, “Procurador do Amor”, “Canção de Ninar Mulheres” e outros. Estes são, por sinal, os poemas de **Brejo das Almas**, que apresentam maiores semelhanças com os publicados em **Alguma Poesia**¹².

Os dois livros iniciais de Drummond representam apenas a gênese da grande obra que o poeta iria produzir a partir deles. Tanto o volume de 1930 como o de 1934 são verdadeiras antecipações ao **Sentimento do Mundo** (1940), que por sua vez seria o preparatório de **Rosa do Povo** (1945), e assim sucessivamente de um livro para outro. O humor e a ironia continuaram sempre presentes, às vezes mais, às vezes menos intensamente, mas são instrumentos permanentes da obra magistral de Carlos Drummond de Andrade, em todas as suas fases.



NOTAS

1. Wilson Martins, *A literatura brasileira*, v. 6. Modernismo. S. Paulo, Editora Cultrix, 1965. p. 269-270
2. Francisco de Assis Almeida Brasil, *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Livros do Mundo Inteiro, 1971. p. 15-16
3. Citado em Wilson Martins, *A literatura*, p. 270
4. Carlos Drummond de Andrade, “Mãos dadas”, in Carlos Drummond de Andrade, *poesia completa e prosa*. Vol. Único. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973, p. 111.
5. Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*, v. 5, O Modernismo, Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana S.A, 1970, 2ª ed. 120-121.
6. Citados em Cassiano Nunes, *Breves estudos de literatura brasileira*. São Paulo, Edição Saraiva, 1969, p. 101-102.
7. *Ibid*, p. 104-105.
8. Ver de James Maharg “From romanticism to modernism; the “poemas-piadas” of Oswald de Andrade as parodias “, In *Luso-Brazilian Review* 13 (November, 1976), p. 220-230.
9. Joaquim Francisco Coelho, “O universo poético de Carlos Drummond de Andrade”, in *Revista de Letras* 16 (Diciembre 1972), p. 490-491.

10. Álvaro Lins. Os mortos de sobrecasaca, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963, p. 24-25; Renard Perez, Escritores brasileiros contemporâneos, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970, 1ª série, 2ª ed. p. 84-85
11. Carlos Drummond de Andrade, “No exemplar de um velho livro”, in *Fazendeiro do Ar*, obras completas, p. 277.
12. Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*, p. 122-123, Série Editora Civilização Brasileira, 1970, p. 84-85

Este trabalho foi originalmente apresentado num curso livre da Universidade de Brasília-UnB, e publicado pela editora da UnB, em 1981 juntamente com as demais aulas cujos temas e ministrantes foram os seguintes:

Unidade 1 – Organização Política do Brasil . José Francisco Rezek

Unidade 2 – O princípio da separação dos poderes e suas modernas aplicações. Themístocles Brandão Cavalcanti

Unidade 3 – Educação e Sociedade. Tércio Sampaio Ferraz Jr.

Unidade 4 – Educação e Trabalho: o Humanismo do nosso tempo. Edília Coelho Garcia

Unidade 5 – Razões para a ocupação da Amazônia. Hélio Palma de Arruda.

Unidade 6 – O problema ecológico no Brasil. Ibsen Câmara

Unidade 7 – A ecologia e a crise ambiental. Mário Diniz de Araújo Neto

Unidade 8 – A Democracia no mundo contemporâneo e no Brasil. José Carlos Brandi Aleixo

Unidade 9 – Trabalho e Previdência Social. Sully Alves de Souza

Unidade 10 – A literatura modernista no Brasil (Primórdios de Carlos Drummond de Andrade). João Batista Pinheiro Cabral.

Unidade 11 – A política externa do Brasil num mundo em mudança. Ronaldo Mota Sardenberg

Unidade 12 – Possibilidades das chamadas “novas energias”. Luiz Cintra do Prado

Unidade 13 – O Brasil e sua política externa. Ramiro Saraiva Guerreiro.

JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL é professor universitário aposentado da UnB, escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

INVENÇÃO E RENOVO EM “CAMBONO”, DE CLAUDE ARCANJO

Nelson Patriota

Há escritores que precisam desesperadamente de uma cidade onde situar as histórias que pretendem escrever. Assim, a cidade – o sítio das narrativas novelescas – antecede a própria feitura do texto. Mas, que escritor não sabe o que vai escrever, mesmo que ainda não haja dado um único passo nesse sentido? É óbvio que as duas ações podem correr em paralelo: construção simultânea da urdidura de um lado, e da geografia e demografia do outro; a outros, basta um olhar minudente sobre a sua própria cidade. Joyce, por exemplo, em sua relação com Dublin; Machado com o Rio de Janeiro imperial. Em contraste, Tarcísio Gurgel precisou criar sua Macatuba para onde recolheu suas primeiras histórias, e que é e não é, alternadamente, sua Mossoró natal. É verdade que, depois, sua ficção se abriu para outros rincões, o que demonstra que não se trata de um fato definitivo na vida de um escritor.

Clauder Arcanjo, cearense/mossoroense, precisou criar sua Licânia para se fazer ficcionista. *Licânia* (Mossoró: Sarau das Letras, 2007) é o nome que escolheu para sua primeira reunião de contos, e seu título genérico já revela que, a seu ver, é um nome que paira acima de qualquer história singular. É como se a cidade fosse o ponto de partida de cada história, mero episódio da narrativa urdida no veio comum da cidade. Em *Lápis nas veias* (Mossoró: Sarau das Letras, 2009), o fato se repete. Não seria surpresa se o autor finalmente se decidisse a dedicar todo um romance à sua “Macondo”, um não lugar (pensamos em Marc Augé) situado aquém de Sobral e além de qualquer limite geográfico. Acrescentemos uma última observação: o próximo livro do autor, uma coletânea de contos, intitulada *Separação*, é ambientado também em Licânia. Seus personagens, porém, são de outra grei, como se fora outra Licânia, ou outra geração.



Foi assim que nasceu o romance folhetinesco *Cambono* (Mos-soró: Sarau das Letras, 2016), publicado originalmente nas páginas da *Gazeta do Oeste*, cujos leitores viveram a experiência de acompanhar *pari passu* as desventuras e euforias de um autor em pleno transe criativo, processo sujeito, vezes várias, a crises de criatividade e a momentos de franco desespero ante a empreitada e o tempo exíguo para realizá-la. Ou ainda quando, por exemplo, personagens e leitores sucessivamente se levantam contra os rumos que o autor começa a imprimir ao livro, aparentemente em desacordo com aqueles, acoassando-o com reprimendas virulentas e recebendo outras em troca, numa clara subversão de todas as normas que regem o gênero, em sua formação clássica.

A sucessão das semanas também permite entrever no texto mudanças de humor do autor que se materializam no abandono de atitudes de ironia e/ou autoironia, presentes nos capítulos pregressos, ameaçando o até então impensável: fazer a trama descambar nas vedas do messianismo clássico inspirado em modelos como o padre Cícero do Juazeiro e congêneres (Parte XLVII e seguintes). Em outras situações, se permite interpolar cartas e mesmo artigos de terceiros, alheios ao enredo (Parte XLIV), quando o autor se flagra “assobiando nonadas, assuntando vacâncias, pescando navegos”. Trata-se de um ardid: é o próprio personagem Adamastor Serbiatus Calvino, ou melhor, Cambono – ainda em sua fase laica – quem propõe ao autor a publicação do texto “O que é um poeta?”, do poeta paraibano Hildeberto Barbosa Filho. O recurso pode ser lido também como um *intermezzo lirico* que antecede a mudança de paradigma no folhetim.

Ou pode ocorrer de um personagem assumir a voz narrativa. Na Parte VI de *Cambono*, Dona Parmênides Wagner Augusto (os nomes próprios em Licânia remontam a homens e mulheres ilustres da História) narra, ela própria, o caso de Antônio Louro, aliás, seu Quinha, aquele que, em todo canto em que chegava, “tinturava com ares e galanteio de maestro da amizade e dos bons modos”.

Por todas essas razões, ao término da obra, os leitores respiraram tão aliviados quanto seu autor, e puderam constatar que exis-

tem, sim, autores que podem assumir para si a tarefa de escrever semanalmente um romance e conduzi-lo até seu porto seguro. Mas não infenso a crises, desvios e interpolações. O naufrágio deixou um despojo ímpar: o manuscrito na garrafa, que redimirá seu autor.

Desde o início da leitura de *Cambono*, o leitor vai se dando conta de que não está diante de um folhetim típico, como Eugène Sue, Camilo e Dickens o fizeram no século XIX, por exemplo; as liberdades que o autor toma com relação a uma determinada espécie de leitor – reclamão, de maus bofes, desenxabido, quase sempre em desacordo com o urdume traçado, são perfeitamente adequadas à *mise-en-scène* da narrativa, acrescentando-lhe um ritmo de teatro de revista que funciona como um enredo paralelo. Mesmo a revolta dos personagens (Parte L), seguida da revolta dos leitores, é tudo rebate falso...

Em *Cambono*, o tempo é um presente fugidio, o que permite que um determinado personagem assuma o protagonismo, em capítulo tal, para logo em seguida recuar para um papel subsidiário, quando não para o completo esquecimento. O que interessa é a trama, ou melhor, a própria Licânia, que os utiliza a seu bel-prazer, como se fora um titeriteiro manipulando seus fantoches. O narrador de *Cambono* se pauta por um princípio que lhe foi ditado pelo preclaro Crisaldo Nepomuceno, vulgo guru de Licânia: “Nunca conte história, quem conta história é historiador. Crie histórias e será um homem pleno de louvor”.

Evidentemente, não se pode ler ao pé da letra esse preceito. Há boas e más histórias ficcionais. Assim, cabe ao leitor aferir se a história criada em *Cambono* é digna de louvor, como defende Nepomuceno. De nossa parte, cremos, as surpresas com que deparará no caminho vão lhe proporcionar horas de genuíno entretenimento literário, quer pelo modo como trabalha a linguagem – ora por excesso, ora por ser por demais econômico, mas nunca convencional –, quer pelos desvãos que abre no espaço narrativo onde reinstala a invenção.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de “Uns Potiguares” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

BARTOLOMEU CORREIA DE MELO – A SOFISTICAÇÃO DO SIMPLES.

Manoel Marques Filho



Abrindo uma gaveta dos meus arquivos, encontrei em uma velha pasta, entre outros documentos, uma poesia de Bartolomeu datada de 07 de março de 1995, preciosidade inédita que quase se perdia no tempo.

Com o título de FATO DE CONTRIÇÃO, ele me dadiu benevolente em um tempo onde não havia ainda publicado qualquer obra, sendo assinada como José Bartolomeu Correia de Melo. Depois, quando começou a publicar seus livros de contos de tanta preciosidade, passou a assinar como Bartolomeu Correia de Melo

Ao ler, rememorei os dias mais remotos da nossa convivência, quando morávamos no bairro do Tirol. Tirol antigo, do tempo em que a Avenida Prudente de Moraes terminava na Rua Ceará Mirim.

Onde hoje é a frente do Supermercado Nordestão era o nosso campinho de futebol, que chamávamos de Estádio Maria Preta, em plena Avenida Prudente de Moraes.

Eu era de uma geração mais nova, quando Bartola já era aquele menino exageradamente alto e cheio de conversas engraçadas, característica dos criativos.

Sua boa índole era demonstrada nos mais simples acontecimentos dos dias das travessuras, com o seu comportamento moleque e ao mesmo tempo muito amável.

Depois seguiu estradas dos talentosos. Casando muito jovem, misturou o trabalho do sempre estudioso que foi, com o de pai e esposo exemplar, do conagraçamento familiar com os filhos e sobrinhos afins de deliciosa interação, quando era comum conduzi-los a acampamentos nos moldes do quase escotismo, normalmente em margens de lagoas de locais ermos.

Concluindo o curso de Farmácia e Bioquímica passou a dedicar-se totalmente ao magistério, sendo professor austero nos mesmos moldes do estudante rigoroso no aprendizado. E foi no aprendizado da Físico-Química, da qual se tornou Mestre e Doutor, que passou a ter uma visão de maior simplicidade e ao mesmo tempo profundidade, do universo e das coisas do mundo.

Em conversas comigo, falava enlevado dos sistemas micro e macro que compõem a perfeição do fabuloso universo.

Com esse raciocínio, embevecia-se relatando sobre a harmonia que existe entre todos os astros universais, no seu movimento ritmado, entendendo haver uma música sublime saída desses movimentos. Talvez daí, me indago hoje, ele escutasse a voz de Deus, consoante a constatação científica do Físico-Químico que foi também exímio observador da alma dos simples, objeto fundamental da sua criação literária extraordinária.

Lembrei saudoso, os dias das nossas conversas amistosas, quando ele me mostrava diversos dos seus contos, todos ainda inéditos, de forma tímida e cautelosa, com recato exagerado em se expor como escritor.

Enquanto eu me encantava com os seus escritos, ele se encolhia no cerne da sua prudência.

E revejo saboreando a sua FATO DE CONTRIÇÃO, guardada e esquecida por mim, em velha pasta de arquivo, por mais de vinte anos.

Nela, vislumbro a estampa da sua pessoa, com as convicções e a forma de escrever obra literária buscada no cheiro dos terreiros, dos campos repletos de árvores e de animais, sob os cuidados de homens rudes de saber popular trazido de gerações de infinitas eras. Mais que nos livros de literatura, Bartolomeu desenvolveu sua impressionante obra de contista e de poeta, conversando com os habitantes simples das casas de taipa dos sítios.

Como proprietário rural que também foi, não dispensava, principalmente nas suas noites, o caminhar pelos sítios vizinhos e pequenos vilarejos, buscando encantadores bate-papos com os seus mais afetuosos amigos das casinhas dos simples. E nas suas manhãs peregrinava pelas feiras livres, interagindo com os passantes. Desse convívio surgiu a fonte maior da sua literatura.

A conversação e os causos dos beradeiros, foi a fonte maior da sua obra literária. E desses causos bem escutados nas conversas com esses modestos seres, embebidos em verdades dolorosas de astúcia e de pobreza, surgiu essa literatura esmerada em relatos feitos com linguagem de estilo diferenciado, de difícil imitação, concebida por alguns críticos como uma forma propriamente Bartoliana, advinda do seu apelido Bartola, como foi tratado pelos que com ele conviveram.

Dizia convicto: sou apenas um contador de estórias.

Obviamente que o sonhador, Doutor em Físico-Química, influenciou-se nas suas digressões, bebendo na poesia da música universal os sentimentos dos pequenos e a sua linguagem rude e verdadeira. Torna-se, muito bem empregada para a sua personalidade de escritor, o título de um livro escrito pelo contista admirável chamado Manoel Onofre Júnior: o Chão dos Simples. Nesse chão de barro batido e de terreiros de noites enluaradas, em que homens do campo conversam sentados em tamboretos rústicos, certamente é o lugar onde Bartolomeu mais buscou subsídios para sua encantadora literatura.

A simplicidade profunda da sua obra está relacionada diretamente e sem reparos, nos moldes da definição de Leonardo da Vinci, quando disse: “A simplicidade é o último grau de sofisticação”. Assim é, exatamente, a forma da maravilhosa criação literária de Bartolomeu Correia de Melo.

A sua poesia FATO DE CONTRIÇÃO, traduz-se em Poesia muito valiosa, não somente por ser inédita, mas por ter sido elaborada antes que ele publicasse qualquer das suas obras. O conteúdo revela um pouco da sua convicção religiosa de Espírita Kardecista. Mas ele próprio, como não poderia ser diferente, disfarça no escrito as suas convicções mais profundas, com a sua finíssima ironia e o humor característico.

Algumas vezes falou de si próprio disfarçado nas personagens dos seus contos, como no conto NA HORA ELE SORRIU, onde atribuiu a personagem, mediante farta poesia inserida na prosa, a sua forma bondosa de ser:

Não sou doido não;
Sou diferente, assim doído...
Choro risos e grito calares,
Sinto coisas desconformes,
Fome fastiosa, saudades nunca vividas;
Sou desajeitado para cumprir rancores.

Assim, na íntegra, está a poesia referida, para que o leitor por si mesmo confira o seu conteúdo:

FATO DE CONTRIÇÃO
JOSÉ BARTOLOMEU CORREIA DE MELO

Pensando afundei na morte, extrapolação da vida;
mais consequência que sorte, mais chegada que partida.
Deduzi, irreverente, que esperança e crença forte
na verdade atribuída ao evangelho somente,
como pura e concluída, é o mais certo e justo norte

para as almas desprovidas de saber inteligente,
como coisa garantida, ter no paraíso aporte.
Eu, pensador impudente, analisei friamente
Salmos e jaculatórias, epístolas e escrituras,
sem emendas nem rasuras. Parábola, infelizmente,
não era apenas estória, sabedoria patente
da lei de Deus, fria e dura, que aponta a reta da glória.
Velho mestre convincente, me incutia fundo na mente
que é uma curva trajetória, que sobe, mas desce em frente,
como toda criatura. Um remorso assim descrente,
qual pensamento indecente, confunde minha memória.
Mais feliz é o puritano que esbanja convicção
e não teme o desengano, seguro da salvação?
Eu, letrado pensador, rumino culta aflição,
num dilema quase insano: Serei santo ou pecador?
Sou, com frágil intenção, mistura de ódio e amor,
fariseu e publicano, confusão de riso e dor;
por vezes, sou bom ladrão, noutras, mau samaritano.
Quando faço uma oração, sinto-me hereje e profano,
Modifico a invocação do centurião romano:
Meu senhor, sabeis que não mereço vossa mansão...
Heis de convir, criador, não percebi vosso plano;
deste-me um coração sensível mas leviano
e também uma razão de pendor cartesiano...
Bem sei nada valerão argumentos contra enganos;
Sois poder e compaixão, nunca vos senti tirano,
Sois santo em toda extensão. Eu, em triste condição
da vida feita paixão, só intensamente humano.
Natal, 07 de março de 1995.

MANOEL MARQUES FILHO é advogado, pedagogo e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Sócio Fundador da União Brasileira de Escritores do Rio Grande do Norte.

AUGUSTO SEVERO NETO, INÉDITO

Por Gustavo Sobral

Citado na Enciclopédia Delta Larousse de 1970, membro correspondente da Academia Paulistana de Letras, sucedendo Câmara Cascudo, Augusto Severo figura na antologia da literatura do Rio Grande do Norte das professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte¹ e na antologia e história literária do Rio Grande do Norte do professor Tarcísio Gurgel². Esses e outros destaques sustentam a sua importância para as letras e para a cultura do Rio Grande do Norte.

Augusto publicou crônicas em diversos jornais da capital, dentre eles *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, e até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE. Os livros publicados por diversas editoras, Pongetti, Nossaeditora, de Pedro Simões Neto, Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, na Coleção Jorge Fernandes, e Imprensa Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Há ainda à espera de publicação, trabalhos inéditos deixados pelos autor. *Profissão de fé à Bem-Amada*, 1964-1981, 32 p., capítulos de prosa poética sobre a vida e o amor dedicados à bem-amada Maria Lúcia Severo, Lucinha; *Roteiro de Ausências*, livro de poemas, datado de 1981, 41 p., com doze sonetos, cinco rondós, seis cantigas e cinco poemas à bem-amada; *Na lírica estação de outono*: estórias de viver muito, 1981, 50 p., que inclui memórias, lembranças e reminiscências; *Valdetrudes Rodovaldo Castanha e o Deflorete no pino do meio-dia*, em volume encadernado, com 50 páginas e datilografado pelo autor; e a sua colaboração para os jornais, ainda dispersa.

1 DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001.

2 SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Além de sua colaboração como poeta e escritor, demarca-se a sua participação cultural na vida da cidade. Faceta de Augusto Severo Neto que precisa ser desperta e recontada, como a história da Galeria de Arte Vila Flôr, iniciativa que marcou a vida cultural de Natal, com exposições dos artistas consagrados da cidade, como Leopoldo Néelson, Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Iaperi Araújo e Thomé Filgueira.

Dentre outras atividades, Severo Neto também foi diretor cultural da Fundação José Augusto e diretor do Museu de Arte Popular do Forte dos Reis Magos.

Instalado pela arquiteta pernambucana Janete Costa a convite do governador Aluísio Alves, nos anos 1960, o museu reunia uma coleção de arte popular. Janete Costa fez todo um levantamento, inclusive localizando móveis holandeses antigos para compor o acervo do museu e instalando em um areial uma casa de farinha completa. Além disso, propôs uma sala toda arte popular do Nordeste³. Janete Costa era arquiteta pernambucana. Formada pela Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1961, marcou a sua trajetória desenvolvendo projetos de arquitetura e de exposição voltada para a valorização e o uso da arte popular. Para a criação do museu, moveu os artistas da cidade que foram colaborar na confecção e apresentação das peças, fizeram parte da aventura Lucia Severo, Manxa, Iaponi, os artistas da cidade.

Severo Neto frequentava também as rodas da cidade, os bailes, convivia com os escritores, jornalistas, poetas, artistas, músicos, a gente toda da cidade e os pescadores e veranistas de Pirangi. Pirangi era refúgio. Adquirindo um terreno e uma casa de taipa diminuta, ali ia para curtir os finais de semana e o verão entre amigos. O terreno é para muita vivência, inspiração e histórias, é quando a vida acontece na despreensão dos dias e Augusto Severo Neto exerce a sua espontânea arte da convivência e da provocação mútua, gesto de carinho, convivência e admiração entre amigos, um dos seus livros será um retrato desta

3 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

Pirangi, é *Amigo*⁴ para Márcio Marinho, que ao falecer deixa um vazio de amizade. Augusto ali reúne o que significava Pirangi nas suas vidas, são composições de Márcio, poemas de Augusto, e as histórias vividas e passadas juntos. O livro é uma declaração de amizade e um retrato da personalidade de Severo Neto e da sua relação com os amigos.

Era num terreno bem grande aquela casinha de nada. Pirangi deserta e ali a menor casa que havia. Era só dunas até a beira da praia e um pé de araçá. Foi ali que conheceu seu Calemba, futura personagem do *De Líricos e de Loucos*, querendo lhe vender mais um bocado de terra. Calemba, “o arquitetcho de Pirangi”. A casa era de taipa, e nas idas e vindas a Pirangi pelos finais de semana Augusto e Lucinha acompanharam a construção da Barreira do Inferno. No caminho atolavam na areia, atolavam na lama, e lá iam para aventura numa casa sem luz elétrica e água encanada. A solução era lampião e um tanque de água fria. Era uma vida franciscana que eles apreciavam. Celso da Silveira visitante chegou a definir a casa em um dos seus poemas: era uma casa que não tinha lá dentro. Foram eles que desenharam a planta, Augusto e Lucinha. E era tanta gente que passava por lá dia e noite que ninguém sabe como cabia. Márcio Marinho com o violão, e ficavam até o raiar do dia quando Lucinha preparava um café para a turma. Quando tudo passou e fizeram uma rua, ficou lá o nome rua Augusto Severo Neto, documentando aquele tempo. E a casa era de taipa e feita com vara ruim, todo inverno caía uma parede e eles faziam de concreto, aos poucos a casa virou de alvenaria, e neste sistema de levanta uma parede a casa queda, as paredes não se encontravam⁵. Depois ergueram o muro.

Um dia veio a inauguração do muro. Muro com uma placa. No começo, os limites demarcam com cerca de faxina que frequentemente era preciso ser refeita, então resolveram construir de tijolo um muro, também feito aos pedaços, e que virou um falatório. Os

4 SEVERO NETO, Augusto. *Amigo*. Natal/RN: Nossa Editora, s/d. Capa de Carlos José Soares, a partir de concepção de Augusto Severo Neto, 132p.

5 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

amigos e conhecidos só falavam naquele muro, era o assunto de todo tempo e, por isso, com ele pronto, resolveram promover a inauguração. O governador do estado do Rio Grande do Norte e o vice, ausentes, deixavam em exercício o presidente da Assembleia Legislativa, ele mesmo, o amigo e vizinho, Márcio Marinho.

Autoridade já se tinha. A placa foi motivo de discussão, um muro era uma agressão ao instituto da amizade, porque é da natureza do muro impor uma separação, que fosse muro da amizade, sugeriu-se, e ficou: muro da amizade sem muro, por unanimidade. Juntou-se o público, fez-se a cena. Imaginem, Marcio Marinho governador do Estado inaugurando uma parte de um muro, uma garrafa de champanhe seria quebrada como se faz a inauguração de embarcações, Márcio, alegaram, que por simpatizar com o conteúdo das garrafas, jamais cometeria o ato, passou a garrafa para Lucinha que a quebrou no muro encerrando o ato que a fotografia registrou num momento sublime⁶.

A fantasia, o bom humor e a verve faziam de Augusto Severo Neto o promotor de quimeras. Foi na galeria Vila Flor que, o professor, antropólogo e amigo Nássaro, após um suspiro de saudade, “ai que saudade de Batróvia”, trouxe o país imaginário para a vida de Augusto. E assim nasce Batróvia que Augusto adotou para si, alegando no mesmo momento “está criado o país de que sou o cônsul plenipotenciário”. Brásovia virou uma onda entre os amigos e com diversos desdobramentos inimagináveis e completamente pertinentes a um país.

Augusto elegeu a capital, Batruski; a língua, batroviscália, e compôs o hino, Distribuiu, já que era o cônsul, comendas aos amigos. E quando perguntavam, Augusto, onde é que fica mesmo Batróvia? Ele respondia: Sabe a Europa do Leste, empurrei um bocado daqueles países e fiz Batróvia. E não só fez Batróvia como desenhou o mapa para que não houvesse mais dúvida de sua localização⁷.

Beatriz da Conceição fadista em Lisboa emocionou Natal nos anos 1970. Augusto e Lucinha a trouxeram para uma apresentação a

6 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

7 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

pedido da primeira dama do estado que faria uma ação beneficente. O jantar que superou as expectativas de público e deixou muita gente na porta, porque tudo se esgotou rapidamente, aconteceu no restaurante do Bosque dos Namorados. Beatriz da Conceição fora um dos inúmeros acasos em que a vida brindou Augusto e Lucinha em suas viagens pela Europa, documentadas nos seus livros de viagem.

Foi numa casa de fados em Lisboa. A artista em uma apresentação geralmente canta três números e há um intervalo, depois mais três e um intervalo. Percebendo o entusiasmo de Augusto e Lucinha que a assistiam, Beatriz da Conceição em um dos intervalos foi até a mesa deles e entabularam uma conversa, assim nasceu uma amizade que levou Augusto e Lucinha a assistirem outras apresentações da fadista. Quando dona Tereza, a primeira dama, pretendia angariar donativos para obras sociais procurou Augusto e Lucinha para providenciar a vinda da portuguesa. O sucesso foi tamanho. Beatriz da Conceição era uma mulher bonita e cativante e destacava-se no contralto. Houve até boato na cidade que Augusto deixaria Lucinha para fugir com a portuguesa.

Outros encontros fariam a vida de Augusto o inusitado dos instantes. O poeta e presidente do Senegal L.S. Senghor, um homem culto, polido e elegante, pousaria em Natal. O avião em trânsito para as Antilhas pararia no aeroporto para abastecer, o governador Tarcísio Maia solicitou a presença de Augusto que dominava perfeitamente o francês para fazer as honras da casa. Cumprimentaram-se com entusiasmo após a apresentação e em saber que Augusto também era poeta, Senghor o presenteou escrevendo de punho uma dedicatória no livro de poesias *Poèmes*.

Outros encontros e acontecimentos inesperados estão nos seus livros, a registrar que o acaso sempre o favorecia, tiveram a oportunidade em Atenas de, por acaso, assistir no Teatro de Herodes Átticos, as Bachantes de Eurípedes⁸. O teatro era das suas paixões. Quando estive em Natal a Companhia Baiana de Comédias, encenando um

8 Atenas. Os cristos e as Bachantes. In: SEVERO NETO, Augusto. *Estórias de distâncias*. Natal/RN: EDUFRN, 1982, p. 80-84.

Macbeth no Teatro Alberto Maranhão, Augusto e Lucinha tiveram a oportunidade e argúcia de levar os artistas ao Forte dos Reis Magos, e ali eles reencenaram a peça como nunca Augusto e Lucinha viram igual. Uma viagem a Bahia, posteriormente marcou um reencontro com o grupo e levados pelo diretor foram à casa de Jorge Amado conhecê-lo. Jorge escrevia naquele tempo *Tereza Batista cansada de guerra*. Foi uma manhã de bate-papo.

Na viagem inaugural do navio Mermoz, estavam Augusto e Lucinha embarcando em Paris com destino ao Rio, convidados como homenageados em nome da companhia. Augusto era Neto de Augusto Severo, o pioneiro da aviação, e a primeira viagem do navio seria em homenagem aos pioneiros da aviação. Seu Sérgio, pai de Augusto, colecionou os objetos deixados por Augusto Severo zelando por eles, veneração que transmitiu ao filho. Augusto Severo Neto com a morte do pai virou o guardião do acervo. Lucinha conta que havia um quarto na casa só para abrigar as peças e os documentos que, reunidos, somavam mais de quatrocentos itens. Augusto tratou de ampliar a coleção e promover a memória do avô.

Em suas viagens a Paris, perseguia os rastros. Numa delas, conseguiu, ainda no inusitado dos momentos que a vida lhe brindava, um pedaço do tecido do balão e a barquinha. No governo de Cortez Pereira foi proposto um museu para abrigar a coleção em homenagem ao aviador. O arquiteto João Mauricio de Miranda foi encarregado de propor um projeto. O teto ao nível da rua e uma cúpula de vidro compunham o desenho do que seria projetado para um museu da aviação, homenagem a Augusto Severo.

O museu seria erguido na av. Café Filho, próximo ao Hospital Universitário Onofre Lopes. E nunca saiu do papel. E isso tudo ficou guardado, móveis, bengalas, uma com castão de ouro maciço, outra de marfim esculpido os animais sagrados da China, echarpes de seda, que se usava como gravata, até que tudo foi doado ao Museu Aeroespacial da Aeronáutica em Campos dos Afonsos, Estado do Rio de Janeiro⁹.

9 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 24 de abril de 2015.

Veio um avião da Força Aérea Brasileira com museólogos e fizeram o levantamento das peças. Augusto ficou de todo acervo com apenas duas peças que pediu para serem doadas apenas quando ele morresse, um pedaço do balão que ele ganhou em Paris de um casal que residia na rua onde houve o acidente; e um quadro de Rosalbo Ribeiro, que retratava a entrada na Baía de Guanabara, em 1902, do navio chamado Brasil com os restos mortais de Augusto Severo e os pertences.

Augusto Severo ganhou uma sala com as condições de conservação adequadas e de exposição no museu para abrigar todas as peças que Sérgio e Augusto Severo Neto, filho e neto do aviador, conservaram por toda vida. Quando Augusto Severo Neto faleceu, Lucinha se encarregou de promover a doação das duas peças restantes, recebendo o diretor do museu e duas tenentes museólogas em sua casa. Convidada para cerimônia de doação na qual assinou o termo de doação, participou de uma missa cantada e um coquetel na sala Augusto Severo. Lá, ao lado do retrato do avô, o retrato do neto promotor daquela ação em favor da cultura brasileira.

Augusto procurou sempre vestígios do avô quando das suas viagens à Europa. Certa feita, e está tudo contando nos seus livros de viagens, foi até a embaixada brasileira em Paris, em busca que estava de um possível registro dos irmãos Lumiere da queda do balão de Augusto Severo. A recepção do embaixador Lyra Tavares está documentada em *Estórias de Distâncias*.

Piloto na juventude foi do Aeroclube de Natal retirando o brevet. No tempo da guerra (Segunda Guerra Mundial), os aeroclubes foram convocados pelo Governo Federal para fazer a patrulha da costa. Augusto, requisitado, foi assim expedicionário, certo de que os aviões naquele tempo eram tão frágeis que um menino com uma baladeira poderia derrubar.

Adepto das acrobacias inventou um rasante sobre uma sombrinha colorida na praia, mas lá estava a esposa do Brigadeiro e ele levou uma suspensão pelo feito. Posteriormente, tornou-se instrutor de aviação e, entre os tantos alunos, Geraldo Melo, que seria Governador do Estado do Rio Grande do Norte e que, proprietário de um

monomotor, sempre convidava Augusto para pilotar e Lucinha para um passeio. Sobrevoaram Natal e até foram certa vez à Barragem Armando Ribeiro Gonçalves em Açú/RN.

Nos 50 anos da Semana de Arte Moderna, recebeu uma medalha, dentre tantas outras, com que foi agraciado pela sua atividade cultural ativa e participante. Augusto também se voltou para o passado ao buscar suas memórias de menino, recompondo a vida na cidade da sua infância, descrevendo passo a passo como um flâneur por uma cidade da sua infância, os caminhos dos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Em *O tempo ontem*, escreverá: “reencontro com um tempo ontem de ser menino ainda e com um tempo mais agora de ainda sonhar e já ser grande”¹⁰.

Alvamar Furtado traçara, na apresentação do livro *O tempo ontem*, o retrato de Augusto naquele momento: “entre um e outro faturamento [é comerciante como o pai], lê Rilke e Aragon. Confidência, às vezes, que quando menino, quis ser marinheiro, professor de línguas, diplomata e, em certa época, de estanho romantismo, quis ser monge. São essas frustrações. Tem algumas tentativas no domínio das artes plásticas, em pintura e escultura em madeira”.

Alvamar também revela o Augusto frequentador ativo do movimento cultural da cidade: “não deixa também de encontrar tempo para uma exposição de pintura. Presença certa em lançamentos literários, seus e dos outros. Perdido por uma boa conversa, quando reporta uma recordação feliz de um instante europeu [...]”. Alvamar ainda escreve: “crônicas onde perpassa o espírito de um poeta, mesclando visões da vida, sensações do cotidiano e o predomínio de suas vividas viagens”¹¹.

Neste livro, Severo Neto atua como um escritor relator de suas experiências, assim será a sua obra em crônica. Até os sonhos loucos serão matéria do improvável. Severo Neto é um contador e chama o

10 SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

11 MENDONÇA, Alvamar Furtado de. Prefácio. In: SEVERO NETO, Augusto. *O tempo ontem*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

leitor para uma conversa como se pusesse a contar uma experiência em que se fundem páginas de um diário, lembranças, memória e autobiografia. O leitor pode acompanhar um dia ou um sonho e todas as impressões que pode colher de cada um deles. A crônica de Severo será puramente centrada na sua experiência pessoal e nas suas impressões, são registros de instantes, do momento vivido, como se dispusesse aquilo que vê, escuta, pensa ou sente no momento, por isso as feições de um diário literário.

Neste livro está o primeiro e o segundo Opus, os demais permaneceram inéditos e aparecem agora com a publicação de *Na lírica estação do outono*. Um livro que, em seu aspecto, muito se assemelha os motivos e na forma a *O tempo a ontem*. Representam parte de um mesmo universo de crônica, diário e autobiografia em que se passam as impressões vividas.

Augusto admite que escreve por um impulso que lhe impinge a escrever para contar, assim declara em *Do outro lado do mar: crônicas de viagem*: “sinto realmente necessidade de escrever; de contar as minhas emoções de tristeza e alegria; de dizer da minha exaltação diante do belo e do inesperado”. Neste livro, como nos outros de viagem que virão depois, Augusto escreve e descreve as cidades do mundo em um tempo em que andar pela Europa era novidade, uma aventura para poucos privilegiados e em que se viajava de navio (anos 1960).

É nos relatos de Augusto que o estrangeiro é apresentado, não ao fausto dos palácios, catedrais, museus, da monumentalidade da história universal, mas aos pequenos hábitos da gente das cidades, das impressões que se colhe no dia a dia por um viajante, de tomar suco de laranja com sanduiche de Jamon, por exemplo, e do folclore nas ruas, a vestimenta das pessoas, a cultura do *joie de vivre* do europeu, uma espécie de etnografia participante, excursão antropológica, a revelar um mundo novo numa linguagem sem rigor, pompa, na voz com que o cronista narra as passagens da vida, de forma despreziosa, divertida, sem perder a presença de toda a cultura humanística que levava na bagagem. Augusto Severo Neto era também um erudito, e por isso também um bom causeur que revela sem cerimônias suas impressões sobre os lugares e as pessoas.

Milão: “Embassy. O teto é formado de brocados de cetim azul, pelo menos me pareceu assim, àquela meia luz. O número de variedades foi fraco, mas o uísque era bom e nós estávamos meio perdidos nas poltronas, tão boas quanto o uísque. Tangos, rocks e vagos blues chegavam a nos surpreender, quando escutados. Dançávamos de blue em blue e nos sentíamos lânguidos, sonolentos. Falou-se em palitinhos, para conservar os olhos abertos. Cigarros – ainda não eram coloridos – fumaça, uma lassidão gostosa e uma vontade maluca de falar coisas, de dizer poemas de Rilke, de Vinicius ou, em último caso, meus até”¹².

O passado também sempre esteve presente. Em *Ontem vestido de menino*, Augusto propõe uma volta ao tempo: “já vestido de menino, começo a caminhar pelos outrora desta cidade que é minha e pelos antigamente das gentes que, de pedra, cal e amor, construíram a história desta cidade.”¹³.

Ao percorrer os espaços da cidade, Severo Neto visita as recordações e reconstrói o tempo. São os laços afetivos que o movem em mais um livro de viagem, desta feita a terra dos seus que habitam as lembranças. O plano de voo se desenha no mapa em como tudo foi um dia: Ribeira e Cidade Alta e os antepassados, os parentes, vizinhos, conhecidos, a gente da cidade, como Aureliano Medeiros, seu palacete, o Solar Bela Vista, e o chofer e tantos outros. Augusto andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas.

A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*¹⁴.

12 SEVERO NETO, Augusto. *Do outro lado do mar*: crônicas de viagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960, p. 81.

13 SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985, p. 6.

14 SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985.

Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os cinquenta nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas fruto da observação e vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”¹⁵.

Augusto amou Lucinha, dedicando-lhe como um relicário, um livro de textos e poemas em *Profissão de fé à Bem-Amada*. Augusto e Lucinha viveram o grande amor na certa e precisa receita de Vinicius de Moraes: para viver um grande amor é preciso sagrar-se cavalheiro, ser da dama por inteiro, porque ser de muitas é para quem quer, e não tem nenhum valor, fez do seu corpo uma morada, das viagens com Lúcia uma aventura, ela dedicou todos os seus livros também como uma declaração de amor.

Juntaram-se ao mundo, em tantas viagens, perseguiram os rastros do avô Severo, andaram por Natal conhecendo meio e todo mundo, dos loucos aos líricos, dedicando-lhe igual amizade sem nenhum pudor. Fzeram de Pirangi um refúgio e da convivência com os amigos um manancial inesgotável exercendo ali a completa arte de viver para conviver.

Formaram-se e informaram-se, liam todos os autores dos populares aos eruditos, tornaram-se colecionadores e galeristas. Augusto escrevia seus livros, Lucinha quem revisava, traçaram uma perfeita união em que cada dia era completamente diferente, repleto de surpresas e fascinação e se apaixonaram todos os dias a cada dia vivido juntos. Para Lucinha deixou escrito o livro da declaração de amor.

15 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

Fotógrafo amador que também foi, Augusto decompôs com extrema delicadeza cada traço do retrato de Maria Lúcia: “continuas a sorrir dentro da moldura. E mordes de leve um dos dedos da mão semiespalmada. Teus cabelos estão vadios de vento e o teu conjunto todo (olhos sorrindo, fita branca nos cabelos que se espalham assim meio sem se importar pela testa, o estar assim de tua mão, os teus dentes prendendo de mentira o dedo senhor vizinho da gente ser menino ainda) até dá um jeito moleque de quem se escondeu atrás de uma das colunas do pátio do recreio do colégio, olhando de longe e gozando a inquietude de quem a busca”¹⁶.

E assim, piloto que voou pelos céus da cidade, traduziu a experiência de voar como a própria vida: “O avião subia lentamente em largos espirais e as coisas iam se tornando pequenas, geográficas e humildes. O ar tornava-se mais puro, mais leve e mais transparente. Mil e quinhentos metros. Encontro-me só, absolutamente só neste mundo infinito. A terra ficou lá longe, separada de mim por essa enorme planura branca pontilhada de torres e de dunas. Nessas alturas componho poemas e sinfonias que esquecerei quando chegar à terra. São poemas e sinfonias de nuvens e não é possível acorrentar nuvens e levá-las para junto dos homens. Um frio gostoso me envolve e me orvalha. Há um silêncio tão grande que se sobrepõe ao rugido do motos. Há uma paz tão grande que se sobrepõe ao tumulto da minha alma. Mas, para minha desventura, não é possível ficar eternamente aqui nessa paz tão profunda, nesse silêncio tão infinito. Reduzo a manete e o meu pássaro inclina-se para a terra. Atravesso o lençol de nuvens e aquele outro mundo imenso do oceano abre-se aos meus olhos.”¹⁷.

GUSTAVO SOBRAL é advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN,2012), autor de “Arquitetura Moderna Potiguar” e outros livros. Organizou com o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo, a reedição do livro de contos “*O Solitário Vento do Verão*” de Newton Navarro.

16 SEVERO NETO, Augusto. *Profissão de fé à Bem-Amada* (inédito)

17 SEVERO NETO, Augusto. *Voar* (crônica).

EÇA DE QUEIROZ E A CULINÁRIA PORTUGUESA (3)

Manoel Onofre Jr.

No romance *A Ilustre Casa de Ramires*, obra da maturidade, publicada postumamente, Eça de Queiroz satiriza a nobreza de Portugal na pessoa do fidalgo Gonçalo Mendes Ramires, o jovem senhor da Torre, que se esmera em escrever uma novela histórica exaltando os feitos heróicos dos seus antepassados, com os quais pretende ombrear-se. Na verdade, Gonçalo Mendes Ramires não passa de um caráter falho: covarde e mesquinho, embora, às vezes, tenha uns rasgos de coragem e generosidade. Interessante é que, num exercício de metalinguagem *avant la lettre*, Eça intercala, no correr da narrativa, capítulos da novela engendrada pelo seu personagem. No final, subentende-se que Gonçalo Mendes Ramires constitui uma alegoria do próprio Portugal, o país então decadente e nostálgico dos seus tempos de glória.

Ao contrário do que ocorre em outro romance da última fase do autor- *A Cidade e as Serras*, Eça não se compraz em descrever iguarias da culinária típica portuguesa. Vários almoços e jantares surgem ao longo da narrativa, é verdade, no entanto, sem que os respectivos *menus* sejam pormenorizados. Por vezes há referências tão-somente à entrada e à sobremesa. Num jantar em homenagem ao André Cavaleiro, governador civil do Distrito de Oliveira, onde se passa boa parte da ação romanesca, vários personagens conversam animadamente e tomam bastante vinho. André Cavaleiro “recusara a sopa (Oh, no verão nunca comia sopa)”. (...) Barrolo, o dono da casa, anfitrião prestimoso, estende o braço, com efusão e oferece ao amigo um vinho proveniente de sua propriedade rural.

“S. Exa. provou com devoção, como se comungasse. E com uma cortesia compenetrada para Barrolo que reluzia de gosto:

-Uma delícia! uma verdadeira delícia!

(...) “Barrolo exultava. O seu desgosto era que Gonçalo nunca honrasse “aquele néctar”. Não! Gonçalo não tolerava vinhos brancos.”

Gonçalo só se satisfazia com vinho verde, “assim um pouco espumante, com gelo...”

A certa altura da conversação o espanto do fidalgo era como o republicanismo alastrara em Portugal – “até na velhota, na devota Oliveira” (...) Um dos convivas, o Mendonça não receava a República, gracejava:

“- Ainda vem longe, muito longe... Ainda nos dá tempo de comermos estes belos ovos queimados”.

Como se vê, nenhuma alusão aos pratos principais do jantar.

-Ovos queimados, anote-se, é uma sobremesa à base de ovos batidos em calda de açúcar.

-0-

Também não se encontra n’ *A Ilustre Casa de Ramires* a descrição do *menu* na seguinte passagem:

“Gonçalo farejara, arredara os ovos. E reclamou o “jantar de família”, sempre muito farto e saboroso na Torre, e começando por essas pesadas sopas de pão, presunto e legumes, que ele desde criança adorava e chamava de *palanganas*”

O Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja/Larousse define a palavra *palangana* como “comida malfeita”, dentre outras definições que não vêm ao caso (tigela grande etc.) Parece-nos que, no sentido que lhe dá Eça, trata-se de algo semelhante a açorda, prato infalível, ainda hoje, na ementa de muitos restaurantes portugueses.

-0-

Encontrando-se, certa vez, com Gonçalo, o Titó, “seu vago parente e seu companheiro de Vila Clara”, convida-o a jantar:

“- (...) Temos uma tainha assada, uma famosa. E enorme, que eu comprei esta manhã a uma mulher da Costa por cinco tostões.

Assada pelo Gago !.”

A tainha, diga-se de passagem, é muito apreciada em Portugal,

Páginas adiante, encontramos uma outra referência a esse peixe afamado:

“... a ceia foi muito alegre, muito saboreada. Gonçalo (...) começou por uma pratada de ovos com chouriço, devorou metade da tainha, devastou o seu “frango de doente”, clareou o prato da salada de pepino, findou por um montão de ladrilhos de marmelada, e através deste nobre trabalho, sem que a fina brancura da sua pele se afogueasse, esvaziou uma caneca vidrada de Alvaralhão”

Para quem não sabe, Alvaralhão é um vinho feito com uva tinta das regiões do Minho, Douro e Beira.

-0-

Tal como a tainha é a sardinha uma especialidade da cozinha lusitana.

Certa vez, a Rosa, velha cozinheira da Casa da Torre, “ aos brados galhofeiros do fidalgo acudiu, limpando as mãos ao avental. O quê! dois convidados ! Mesmo quatro, e mais valentes, que graças a Deus Nosso Senhor o jantarzinho sobrava ! Ainda de tarde comprara a uma mulher da Costa um cesto de sardinhas, graúdas e gordas que regalavam !... O Titó reclamou logo uma fritada tremenda de sardinha e ovos.”

-0-

No Brasil come-se pouquíssimo coelho. Por quê ? Eis uma pergunta que não quer calar... Já em Portugal o coelho tem a preferência de nove entre dez gastrónomos... Arroz de coelho! Que delícia!

Na Taberna famosa do Pintainho, “os caramanchões do quintal e a nomeada do coelho guisado atraem vasto povo nos dias de feira em Veleda. Nessa manhã o Titó depois de uma madrugada às perdizes em Valverde, aparecera na Torre para almoçar, urrando, de esfomeado. Era sexta-feira - a Rosa preparara uma pescada com tomates, depois um bacalhau assado, formidáveis. E Gonçalo, toda a

tarde torturado com sede, mais ressequido pela poeira da estrada, parou avidamente diante do portão da venda, gritou pelo Pintainho.

- Oh meu Fildago!...

- Oh Pintainho ! depressa! Uma sangria! Uma grande sangria bem fresca, que morro....”

A sangria, bebida preparada com vinho, açúcar, água, limão e pedaços de outras frutas, tem largo consumo em Portugal e Espanha, mas quase nenhum no Brasil.

-0-

Quem não gosta de bolos de bacalhau?

“Ceia pacata – contou o Titó com a seriedade que lhe merecia a festa das suas amigas – A D. Casimira tinha uma bela frangalhada com ervilhas. O João Gouveia trouxe do Gago uma travessa de bolos de bacalhau que calharam...”

Mas, o fidalgo da Torre parecia não gostar de bolos de bacalhau. Vejamos o que ele diz ao seu amigo Titó:

“- Ó infame!... Então noutro dia assim me larga, sem escrúpulos, depois de eu lhe preparar um cabrito estupendo, assado num espeto de cerejeira? E para quê?... Para uma orgia reles, com bolinhos de bacalhau e bichinhas de rabear!”

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de “Chão dos Simples”, “Ficcionistas Potiguaras” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-riograndense de Letras.

JOÃO ALMINO: O PRIMEIRO MOSSOROENSE A ENTRAR NA ABL

Maria Conceição Maciel Filgueira

Enquanto circulava nos meios literários e culturais de Natal, esses dias, me deparei com pessoas inquietas por não conhecerem o novo imortal mossoroense, eleito por unanimidade na Academia Brasileira de Letras (ABL), no dia 8 de março de 2017. Isso pode ser explicado, por razões muito simples, o menino saiu de Mossoró, onde morou até os 12 anos e só retornava nas férias (na adolescência e juventude) e limitava-se ao coeso círculo familiar e ao restrito grupo de amigos.

Souza, Souza Filho, forma como é chamado pela família, João Almino de Souza Filho, convivia entre três famílias, unidas uma a outra, quase como irmãos. A casa de meus pais, Sabino Maciel Júnior (Maciel) e Isabel de Queiroz Maciel (saudosas memórias) e meus 8 irmãos, Donária, Dolôres, Tercina (saudosa memória), Italo (saudosa memória), Oscalina, Davi e Elisabete, era um prolongamento da casa de João Almino de Souza e de Tia Natália Queiroz (saudosas memórias) e seus seis filhos: Pedro, Salete, Fátima Bernadete, Maria José (saudosa memória) e Souza (caçula) e da casa de Jose Fernandes Negreiros e Mariinha Queiroz e seus filhos, Vassimon Negreiros e Simone Negreiros.

A cidade, meados de 50-60, ainda era relativamente pequena, contavam-se os carros, parecia não haver perigo de atravessar a rua de pé, sozinho, mas por milagre Souza está vivo e não porque tenha escapado das bombas de Beirute/Líbano quando lá viveu por dois anos em plena guerra, mas sim porque sua irmã Maria José, hoje falecida, o salvou duas vezes: de um carro quase em frente à sua casa e de um forte choque elétrico, quando aos três anos, a curiosidade de menino com vocação científica precoce, desmontava um interruptor de luz.

As férias, normalmente ocorriam na fazenda Benfica, do avô materno, Honorato Queiroz. Ali andava de pés descalços e chegava das férias de joelhos ralados. Colheu algodão, debulhou feijão, e de noite, no



escuro das calçadas, escutou as histórias de alma que lhe davam medo. Também, na Fazenda Arisco, depois chamada Fazenda São João (Alagoinha), de propriedade de João Almino (pai). Quando os primos não vinham pra Mossoró, íamos passar dias com sua família em Fortaleza, na Chácara, Vivenda Maria José, na Vila Mondubim, onde moravam.

Fora de uma educação voltada à cultura do consumo, seus brincquedos e brincadeiras infantis foram ricos de experiências com materiais que incentivaram a criatividade: as carteiras de cigarro eram transformadas em notas de dinheiro, depositadas numa instituição financeira situada embaixo da mesa da sala. Disputava, em jogos, castanhas de caju. Esculpia com canivete seus cavalos de pau. Comprados em loja não muito mais do que bolas de gude, um ou outro caminhão de madeira no natal, uma metralhadora de plástico após uma ida ao dentista ou lança-perfumes também de plástico durante os carnavais.

Quantas lembranças eu guardo desse prazeroso convívio familiar, pleno de espontaneidade e de brincadeiras criativas, curiosas e educativas, a exemplo dos jogos de quartetos: Grandes Vultos do Brasil e do Mundo, impugno, brincadeira de força, dos aniversários das bonecas e batizados feitos pelo Padre Souza, o Pe Capuchinho, como ele mesmo dizia, quando alguém perguntava o que ia ser quando crescer? E aí, na cerimônia do batismo, ele era, também, padrinho de batismo das bonecas.

Porém, o que mais nos dava prazer, era fazer parte do jornal “o Sorriso”, criado por Bernadete. E como tínhamos gosto e esmero em preparar os artigos, escritos todos à mão pelos escritores, alguns em início da adolescência e outros ainda crianças. Cada qual escrevia o seu artigo e o entregava a Bernadete, Diretora de “O Sorriso”, que fazia uma capa, desenhava uma moldura com um pergaminho e pregava uma gravura de uma pessoa abrindo um grande sorriso. Grampeava e socializava com a família e amigos. Acredito que “O Sorriso” tenha sido uma semente ou talvez uma pitada de fermento a despertar em Souza o gosto pela escrita, acrescido ao fato de ter herdado do pai, além do nome, o interesse pela literatura, pois João Almino pai, apesar de nunca ter frequentado escola, foi um auto-

didata, que lia muito! Numa pequena estante, dedicava uma meia prateleira a alguns livros de romancistas regionalistas do Nordeste, e várias a livros de história do Brasil.

Então, foi nesse clima, que Souza, “precocemente, aos 9 anos, teve a ideia de escrever um livro e mostrar ao seu pai, cerca de 50 páginas escritas num caderno de escola. Ao ver o enorme entusiasmo do pai com a sua escrita, Souza teve o primeiro grande incentivo para que crescesse aquele germe que pouco a pouco foi tomando conta do menino, que apesar de privilegiado pela grande inteligência, não queria ir pra escola. Mas por justas razões, era filho tempo-rão e ainda por cima, caçula, muito querido e mimado por todos, apegadíssimo à mãe, o centro das atenções da família.

Desse modo, foi alfabetizado em casa mesmo, em poucas aulas, por sua irmã Salete e só entrou na escola, porque Salete que havia concluído o curso magistério e foi nomeada para lecionar no Grupo Escolar “30 de Setembro”, localizado na mesma calçada de sua casa (onde hoje é a Faculdade de Enfermagem da UERN), o convenceu para ser seu aluno nesta, que era uma das melhores escolas da rede estadual de ensino de Mossoró, à época.

Finalmente entrou na escola, depois de ter completado 7 anos, no dia 27 de setembro de 1957. O 7º filho foi matriculado na 1ª série primária, sendo o nº 7 da chamada da caderneta da classe. Por conta de tantos “setes”, passou a ser chamado de “Setembrino”, comparado a música “Setembrina”, de Jair Alves, no auge à época. Esse apelido ainda hoje é uma incógnita, cujas suspeitas foram atribuídas a Pedro Almino, a Vassimon Negreiros ou a Jaci Rêgo, os presepeiros da família.

No grupo Escolar 30 de Setembro sobressaiu-se entre os demais alunos, por 2 motivos: pela sua inteligência rara e por ser o menor da classe. Depois, estudou na Escola particular da Professora Maria Clotilde Filgueira e em seguida estudou no Colégio Diocesano Santa Luzia e no Seminário Santa Terezinha, com pretensões de ser padre. Via o exemplo de seu pai, católico praticante, “Irmão do Santíssimo” e todos os dias o acordava às 5h da manhã para assistir à missa. Homem, digno, dedicado à família, muito respeitado em Mossoró, reconhecido pelas contribuições à cidade,

sendo as mais importantes: o seu empenho pela criação da União Caixeral, embrião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e o fato de ter defendido Mossoró, contra a invasão do cangaceiro Lampião e seu bando, juntamente com funcionários da Firma de Tertuliano Fernandes (onde trabalhava) e os da firma de Alfredo Fernandes, atendendo a convocação do prefeito Rodolfo Fernandes, todos armados de fuzil e tudo o mais, concorreram para vencerem a batalha. Nos 80 anos desta vitória, foi entregue o título “Herói Resistência” ao seu filho Pedro Almino.

Quando a família mudou-se para Fortaleza, o caçula veio a ficar em casa a maior parte do tempo com as quatro irmãs e a mãe, embora a presença de Pedro Almino (o irmão mais velho), que logo se formaria em medicina, fosse constante, exercendo o papel de um segundo pai.

Em Fortaleza, estudou no Marista. Depois, fez intercâmbio nos Estados Unidos. Pensou em ser arquiteto, jornalista, psicólogo e, como era bom em matemática, foi incentivado por seus professores a se preparar para engenharia. Mudou: estudou direito, administração e economia, concluindo Direito.

Do Ceará, foi morar no Rio e aí, ao prestar o exame do Itamaraty foi aprovado em 1º lugar, estudou no Instituto Rio Branco (Escola de preparação para diplomata) e depois, foi também, seu diretor.

O mestrado fez em Sociologia na Universidade de Brasília e Doutorado em Paris, orientado pelo filósofo Claude Lefort. Conheceu Sartre, frequentou as aulas de Foucault no Collège de France e seu seminário restrito, aulas esparsas de Barthes e de Bourdieu.

Casou com Maria Beatriz Wouk (Bia), artista plástica, com a qual teve duas filhas, Letícia - brasileira, arquiteta e Elisa, que nasceu em Washington, escritora, crítica de arte e tradutora.

Foi professor universitário de filosofia ou literatura: na Universidade de Brasília, Instituto Rio Branco, UNAM (México), Berkeley, Stanford e Universidade de Chicago.

Obras: **Ficção:** *Quinteto de Brasília* romance; *Ideias para onde passar o fim do mundo*; *Samba-enredo*; *As cinco estações do amor*; *O livro das emoções*; *Cidade livre* e *Enigmas da primavera*. *Cidade livre* será lan-

çado em 2017 na Macedônia e em breve, *Entre facas, algodão*, um romance de vingança passado no Nordeste. Alguns de seus romances estão traduzidos para o inglês, o francês, o espanhol e o italiano. **Não-ficção:** *Os Democratas Autoritários; A Idade do Presente; Era uma Vez uma Constituinte; O Segredo e a Informação Brasil/EUA; Balanço Poético; Literatura Brasileira e Portuguesa* (org. com Arnaldo Saraiva); *Rio Branco, a América do Sul e Modernização do Brasil* (org. com Carlos Henrique Cardim); *Naturezas Mortas – A Filosofia Política do Ecologismo; Escrita em Contraponto – Ensaios Literários; O diabrete angélico e o pavão: Enredo e amor possíveis em Brás Cubas*.

Em meio a tantos interesses e lugares, a literatura, para ele, “tem sido a companhia mais fiel, por ser igualmente companheira na alegria e na tristeza, na esperança e no desespero, na tranquilidade e na angústia”. Escreve ficção todos os dias, mas o mais importante pra ele mesmo é escrever, como quem tem de fazer exercício físico diariamente, pois no seu caso a escrita é uma forma de organização do caos da vida.

Residiu, como diplomata, em Beirute, México, Washington, São Francisco, Lisboa, Londres, Miami, Chicago e Madrid. Teve a oportunidade de ocupar todas as posições até chegar ao cargo de embaixador e após exercer o cargo de Consul Geral do Brasil em Madrid, volta novamente à Brasília, onde residiu em quatro ocasiões e por um período total de mais de dez anos.

Hoje aposentado da Diplomacia, exerce em Brasília o cargo de Diretor da Agência Brasileira de Cooperação (ABC).

Em Mossoró, atualmente, residem apenas alguns primos, paternos – famílias, Almino, Rêgo e Souza; maternos – famílias, Queiroz Negreiros e Queiroz Maciel. Os irmãos moram todos em Fortaleza.

Por algumas vezes veio a Natal e Mossoró lançar seus livros: *As cinco estações do amor*; atendendo meu convite, proferiu palestra na Faculdade Mater Christi sobre os novos desafios da diplomacia; outra ocasião na XI FEIRA DO LIVRO DE MOSSORÓ (FLM), lançou o seu mais recente livro: *Enigmas da primavera*. Nessa oportunidade, atendendo a minha propositura, foi homenageado pela Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense – AFLAM, com o título de Só-

cio Emérito; na oportunidade, também foi homenageado, pelo Instituto Cultural do Oeste Potiguar – ICOP; pela Sociedade Brasileira do Estudo do Cangaço e pela Prefeitura Municipal de Mossoró - PMM.

Portanto, as suas vindas à terrinha, têm sido assim, sem alarde e sem deixar de lado a sua simplicidade. Na verdade, depois de formado não teve muito tempo de retornar. Trocou a convivência dos familiares e conterrâneos, utilizando-se da boa dose de desprendimento e ousadia para seguir confiante e destemidamente sua carreira diplomática; se jogou às oportunidades que lhe surgiram e o mundo ao perceber o seu enorme talento, prontamente o abraçou e o tornou “Cidadão do mundo” – a Diplomacia abriu as portas para ele e o seu tempo foi para ela dedicado, sem, contudo, deixar sua paixão por escrever de lado. As chances que a vida lhe ofereceu, culminaram com uma trajetória brilhante, inclusive, como escritor mundialmente conhecido, porém com um perfil diferente: os seus livros normalmente foram publicados por editoras que se encarregavam da venda e divulgação, favorecendo a propagação de seu nome e de suas obras. No entanto, todo o seu sucesso e vitórias, não conseguiram mudar o seu modo discreto de ser. Sempre entrou e saiu por onde passou sem o viés dos holofotes. Não sendo diferente as vezes em que voltou a Mossoró.

Desse modo os potiguares, não só terão orgulho de o conhecer, como os mossoroenses de receber e reconhecer o seu conterrâneo importante, que bebeu da fonte do conhecimento de outras terras para dignificar o povo do seu lugar.

Sua projeção diplomática e intelectual, resultado da sua brilhante trajetória de vida, dignifica e enche de orgulho a sua terra, sobretudo, com a mais recente conquista que marca a história literária do “País de Mossoró: é o primeiro filho ilustre da terra, a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e o quarto, no Rio Grande do Norte, sendo precedido por Rodolfo Garcia, Peregrino Júnior e Murilo Melo Filho, o que é motivo de grande honra e imensa satisfação para os mossoroenses e acima de tudo para os seus familiares.

MARIA CONCEIÇÃO MACIEL FILGUEIRA (CEIÇÃO MACIEL) é professora e Coordenadora de Pesquisa e Extensão da Faculdade Diocesana de Mossoró - FDM, escritora e artista plástica, ex-Presidente da Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense.

NUPCIAS

Para meus netos Cibele e João Batista

EM

Para estas nupcias, hoje, uma vez mais rimando,
surja-me neste instante um nobre pensamento!
E logo se transmude em ledos versos, dando
a impressão de os haver forjado de momento.

Poeta, recorro à musa, em meu deslumbramento...
E, ela, sempre bondosa, ela me vá ditando
as palavras florais, plenas ~~ix~~ de justo acento...
E eu as repito, aqui, num sôpro ameno e brando.

Possa, enfim, João Batista, a quem o amor impele,
convicto, repetir, sempre com a mesma unção:
-Como cada vez mais formosa está Cibele!

E ela, a fada do amor, em nenhuma ocasião,
deixe de palpitar, de estremecer por ele,
sentindo-se feliz por ser feliz a união!

Moura Rabelo
Moura Rabelo

Rio, 1968

A VIAGEM DE UM POEMA DE MOURA RABELO

Oreny Júnior

Alguns poemas são íntimos e exclusivos. Destinam-se a um único leitor. São como segredos de pé de orelha. São guardados com zelo em caixas coloridas junto a outras lembranças ou emoldurados e expostos no melhor lugar da casa. O destinatário escolherá o seu lugar. E quando esse poema perde o rumo, seguindo cego até cair em mãos estranhas, porém, mãos de poeta? Dá-se aí um encontro poético e o poema ganha vida. O que era invisível torna-se visível aos olhos da poesia. O poema em papel amarelecido pelo tempo, migrando, perambulando numa cigance, chega a um porto para retomar o seu destino.

A epopeia desse poema começa em plena Cinelândia, Rio de Janeiro, onde descansa silencioso dentro de um livro em uma estante de sebo. Tem como vizinhos a Biblioteca Nacional e o Bar Amarelinho. O livro é POEMAS de Luiz Rabelo, com organização, seleção e notas de Dorian Gray Caldas. O primeiro encontro se dá quando um velho amigo carioca, visitando o sebo e manuseando o livro, descobre que Luiz Rabelo é um escritor potiguar e resolve me presentear com a obra.

Naquele tempo eu trabalhava com esse amigo em Mato Grosso do Sul. Foi durante o expediente que recebi o presente. Fiquei fascinado e curioso. Passei o resto do tempo ansioso para manuseá-lo em casa. Mais tarde, ao folheá-lo, encontrei um papel solto, onde estava escrito o poema “NÚPCIAS”, de Moura Rabelo, dedicado aos netos Cibele e João Batista e datado “Rio 1968”.

Aquele papel datilografado e amarelecido me inquietou profundamente. Esse encontro me provocou um devaneio margeado pela coincidência e pelo destino. Sempre ouvi a frase que diz que “nada é por acaso”. Gostei da ideia de que o nosso encontro estava escrito em algum lugar. Uma alegria me encheu a alma. Analisei: sou de Natal, fui traba-

lhar em Mato Grosso do Sul, o amigo que me deu o presente é do Rio de Janeiro, foi ao Rio de Janeiro a trabalho, em intervalo de almoço, garimpando nos sebos da Cinelândia, depara-se, esbarra, encontra-se com a ‘reliquia’, que chega às minhas mãos com uma ordem: “É seu! Cuide!”.

Para entender melhor esse encontro, fui pesquisar Moura Rabelo, autor do poema, e descobri entre os poucos registros disponíveis que: Moura Rabelo (1895/1979) é natural de Natal/RN, tem o poema “Célia”, de 1934, incluído no livro *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*, de Rômulo Wanderley, e o poema “Feliz” incluído no livro *Poetas do Rio Grande do Norte*, de Ezequiel Wanderley, 1922. Além disso, encontrei registros de pinturas a óleo, de sua autoria, que remetem a figuras e lugares históricos do Rio Grande do Norte, entre eles: Ferreira Itajubá (1916), Amaro Cavalcanti, Padre Guerra, General João Varela, Padre João Maria a caminho da caridade (1929), Baldo Antigo, Retrato de Augusto Severo e Vaqueiro.

A pesquisa me trouxe mais apego ao poema. Moura Rabelo foi um grande artista plástico e poeta do Rio Grande do Norte. Um homem que amou as artes, amou a vida, amou a família. Dedicou em um dia qualquer, um belo poema para os netos.

Olhando para o poema, tocando em sua pele amarela, me pergunto: e o poema “NÚPCIAS” onde ficará? Com quem ficará? Dentro do livro de Luiz Rebelo, dobrado em quatro partes? Será que os netos Cibele e João Batista não estão procurando por ele?

O meu desejo é encontrar os netos e devolver o poema. Era isso que Moura Rabelo queria. Foi para eles que foi destinado. O poema está prestes a completar 50 anos. Bodas de Ouro. Talvez Cibele e João Batista queiram comemorar as bodas e “NÚPCIAS” está ausente. Talvez Moura Rabelo tenha me escolhido como emissário de sua declaração de amor feita há tanto tempo. Talvez os destinatários não sejam os netos, mas um povo que teima em esquecer seus artistas, seus poetas, sua arte. Só sei que foi um encontro feliz: eu, Moura Rabelo e o poema.

ORENY JÚNIOR é poeta, escritor e bibliófilo, autor de “Fórceps” e “Metamorfomas” (no prelo).

PALAVRATRIX:

REINVENTANDO OS CAMINHOS DO POETRIX

José de Castro

Creio que a maioria das pessoas concordará com quem afirma que o brasileiro é criativo. Afinal de contas, ele consegue sobreviver num país de altos contrastes, com uma pirâmide social excludente, altas taxas de desemprego, salários degradados. Mas não é objetivo deste artigo tratar desse tema. Mas evidenciar que essa mesma criatividade demonstrada na lida da vida também se expressa muito bem na literatura quando, então, dá show de bola, aliás, de palavra. Como Machado de Assis, Osman Lins, Euclides da Cunha, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo e, mais modernamente, Bartolomeu Campos de Queirós, Mário Quintana e João Ubaldo Ribeiro, dentre tantos e tantas. Temos o privilégio de ler obras como “*Grande Sertão: veredas*” de Guimarães Rosa, que nos leva a percorrer os caminhos das Gerais num caudal narrativo que abre trilhas para tantos outros que também vieram a ser criadores da boa literatura brasileira. Na poesia, podemos citar Bandeira, Drummond, Quintana, Bilac, Castro Alves, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar. Sem nos esquecer da genialidade de um Leminski e dos versos pantaneiros do menino passarinho e árvore Manoel de Barros. E lembrar autores como Jorge Fernandes, José Bezerra Gomes, Auta de Souza, Zila Mamede, Luís Carlos Guimarães, dessas terras de Poti, entre outros. Todos esses já se foram, mas deixaram um legado significativo que sempre nos encantará.

E assim o brasileiro prossegue criando. Tivemos a genialidade de um Millôr Fernandes que revolucionou o haicai com o seu humor irreverente, bem como o citado Leminski que fez muitas experimentações com os poemas minimalistas. Aqui no RN temos alguns poetas que praticam bem o haicai, como Lívio Oliveira (*Pena*

mínima; *Cais natalenses – 101 haicais*) e Jarbas Martins (*44 haicais*). Destaco o gosto deste último para a derivação do haicai batizada de “haicai guilhermino”, em coerência com um novo cânone estabelecido pelo também sensível e criativo poeta paulista Guilherme de Almeida (1890 – 1969) dentro desse gênero oriental milenar. Outro poeta que escreveu haicais (e até poetrix, veja em *O fruto maduro*) foi o já mencionado Luís Carlos Guimarães (1934 – 2011).

No ano de 1999 (há dezoito anos), na Bahia, o poeta Goulart Gomes publicou o livro “*Trix – poemets tropi-kais*”, a partir do qual teve a ideia e a iniciativa de criar o cânone, os princípios que regeriam esse tipo de terceto, batizado como “poetrix”. Pode-se dizer que ali nascia um novo gênero poético minimalista, uma alternativa ao haicai, ainda que outros poetas já o tivessem produzido de forma espontânea e intuitiva, sem atentar para o fato de que poderia ser caracterizado como um gênero específico, pois que, até ali, tal produção era despida dessa intencionalidade. A título de exemplo, observei a partir do livro “*A arte poética de Diógenes da Cunha Lima*”, organizado pelo escritor e pesquisador Thiago Gonzaga, que esse poeta havia escrito dois tercetos, nos seus livros *Instrumento Dúctil* (1975) e *Corpo breve* (1980), que podem, a partir do cânone estabelecido por Goulart Gomes, ser considerados como poetrix. São, respectivamente, os poemas “*Ouvindo a Nona*” (*Musical/Sorriso/De Deus*) e “*Cama*” (*A cama puralantecipação/da sepultura*).

Vale destacar também que um ano depois da caracterização do gênero poetrix, ou seja, no ano 2000, em Mariana/MG, surgia o gênero “aldravia”, criado pelos poetas Gabriel Bicalho, Donadon-Leal e Andreia D. Leal. Uma modalidade que vem sendo abraçada por muitos poetas, com várias antologias já dedicadas a ela. Ambos, poetrix e aldravia, estão, portanto, inseridos no que se pode chamar de “poesia minimalista”.

Para o fulcro desse artigo, importa rememorar um pouco acerca do poetrix, caracterizado como um terceto, com título. O poema pode ter até, no máximo, 30 sílabas métricas. Diferentemente do haicai, que trata de elementos da natureza, do tempo, das estações

do ano, o poe-trix admite qualquer tema, em qualquer tempo verbal. Permite metáforas e outras figuras de linguagem. Enfim, um gênero versátil que sai da camisa de força, tanto da temática quanto da estrutura silábica 5-7-5 do haicai.

Importa dizer também que existe um Movimento Internacional Poetrix – MIP, o que leva o gênero a contar com inúmeros criadores mundo afora. O poe-trix teve desdobramentos, como o duplix (dois poe-trix de autores diferentes, a dialogar e a se complementar), o triplix (três poe-trix conjugados) e o multiplix (quando quatro autores diferentes se irmanam em versos complementares ou suplementares). Essas variações do poe-trix são uma excelente forma de se produzir poesia colaborativa minimalista.

Acontece que um outro poeta, Pedro Cardoso DF (que pertence ao Grupo Poetrix), certo dia, ao ver a palavra “Sertãozinho” (nome de uma cidade do interior de SP), teve a ideia de quebrá-la em três outras palavras: “ser – tão – zinho” e atribuir-lhe um título que lhe daria um novo significado. Ficou assim:

POLÍTICO

ser

tão

zinho

(Pedro Cardoso)

Ou seja, o que era o nome de uma cidade, agora, nessa derivação do poe-trix chamada de “palavatrix” por Pedro Cardoso, passa a criticar um tipo de “ser” que se jacta de ser “político” o que, infelizmente, em muitos casos o levam a ser “tão” insignificante, a ser um “zinho”, que não dignifica o nome que leva.

Outros exemplos de palavratrix do próprio Pedro Cardoso:

ANDARILHO

tatu

a

pé

(Pedro Cardoso)

Todos nós sabemos que “Tatuapé” é o nome de um dos bairros da cidade de São Paulo. E o título empresta um novo significado ao andarilho, transformando-o num bicho, o tatu que anda a pé. Aliás, no geral, esse palavratrix faz uma analogia com uma cidade de milhares de carros, a poluir e a enterrar o trânsito. Para se andar em São Paulo, só mesmo um andarilho que vira tatu e cava túneis, como os famosos metrô. O palavratrix, portanto, pode levar o leitor a uma infinidade de interpretações, tudo a partir de apenas uma palavra quebrada e com um título que a direciona a outros campos semânticos.

Outro palavratrix, que considero criativo, é:

PINTANDO A VIDA

a

cor

dar

(Pedro Cardoso)

Numa variação desse mesmo verbo, na sua flexão “acordava”, Andra Valadares, poetrixta mineira elaborou o seguinte palavratrix:

DEUS NA CRIAÇÃO DO MUNDO

a

cor

dava

(Andra Valadares)

Vale ressaltar que o título de qualquer poetrix não entra na contagem de sílabas (reforço aqui: um poetrix pode ter ATÉ, no máximo, trinta sílabas métricas). Quanto ao título, pode ter qualquer extensão, diz o cânone.

A partir desses quatro exemplos, pode-se perceber a importância do título para ressignificar uma palavra repartida em três outras. O título é essencial, pois é ele que dá o “norte”, o novo rumo que a palavra seguirá, agora em três versos oriundos de sua quebra, a gerar um significado diferente, o que significa redimensionar o sentido original da palavra. Como se o poeta quisesse penetrar a entranha da palavra e submetê-la a um ato cirúrgico que a magnifica para além de si mesma, tripartida. Como se vislumbrasse dela a cabeça, o tronco e os membros que lhe atribuem uma nova forma de se movimentar no campo poético minimalista.

Como não existem tantas palavras que podem ser quebradas em três outras, imagina-se que poderá haver repetições de palavras em diferentes palavratrix. Seria isso cópia, plágio? Essa mesma dúvida tinha a poeta e poetrixta Kathleen Lessa (criadora do blog Kaleidoscópio Literário, e que publicava também no Recanto das Letras), ela que já se foi para as estrelas no ano passado (2016). Então, a poeta quis tirar essa dúvida com o criador do gênero, Pedro Cardoso, que lhe respondeu, num e-mail datado de 20/10/2008, conforme consta no blog da poeta:

“No palavratrix o que importa é o título... Com certeza teremos muitas e muitas palavras iguais, mas o sentido certamente bem diferente. Este é o meu encanto com o palavratrix.”

Confesso que já passei por esta experiência. Criei um palavratrix com a palavra “amortecedor”. Com essa mesma palavra a poeta Tânia Souza, de Campo Grande/MS, também fizera um palavratrix. Em épocas e geografias diferentes, um sem tomar conhecimento do outro. Só depois é que, ao receber o seu livro “*De(s)amores e outras ternurinhas*”, fiz essa constatação. Vejam os dois exemplos:

ÀS VEZES

amor

tece

dor

(José de Castro)

TRAIÇÃO

amor

tece

dor?

(Tânia Souza)

Como bem observou Pedro Cardoso, criador do gênero, a palavra é a mesma, usada em contexto caracterizado de forma diversa, com sentidos diferentes conferidos pelo título atribuído pelos respectivos autores.

Aconteceu um incidente parecido, de ideias que tiveram a raiz na mesma palavra, quando escrevi uma aldravia e um palavratix com a palavra “amarela” e percebi que o poeta Marcelo de Cristo (ou decristo, como assina) tem um livro com o título “*Tons de amar-ela*”. Esse título pode ser considerado um palavratrix se fizermos a sua diagramação assim:

TONS DE

a
mar
ela
(decristo)

A minha aldravia (que está no livro *Quando chover estrelas*) é assim:

tão
azul
como
pude
amar
ela?
(José de Castro)

Para o palavratrix usei a mesma ideia, mudando a cor. Veja:

TÃO VERDE, COMO PUDE

a
mar
ela?
(José de Castro)

Aqui no Rio Grande do Norte venho divulgando tanto o poe-trix quanto suas variações, principalmente o palavratrix. Temos vá-rios poetrixtas no estado, como Fátima Mota, Clécia Santos, Paulo Caldas Neto, Eliete Marry, Edilberto C. Santos, Nilda Pessoa, Vera Azevedo, Marcelo de Cristo (*Tons de Amar-ela*), Kiko Alves (*Ancora-*

douros), Maria Maria Gomes (*Algodão e Sal*), entre os demais. Existem outros como Gilvânia Machado que organizou duas coletâneas de poetria (*Fagulhas Poéticas e Fagulhas Poéticas - Volume II*) além de ter publicado o seu livro solo neste gênero, o *Rendas & Fendas*. E também o criativo poeta Marcos Campos com o seu livro *Um bêbado sonhador*, que passeia com desenvoltura pelo gênero poetria, dentre outras modalidades. Encontramos também esse gênero no trabalho da poeta Leocy Saraiva (um poetria – *Grave* - em homenagem a Leminski) no seu livro *Versos Temporais*. Há bons exemplos de poesia mínima (poetria) num livro de Ruy Rocha (*Poesia alguma*) e também nos poemas criativos de Carito Cavalcanti (*Atestado de órbita*). Imagino que existam, aqui no RN, outros autores que escrevem poetria, até mesmo sem o saber. Contudo, este artigo, pelo seu fôlego curto, não tem a pretensão de esgotar o tema, mas de lançar algumas luzes sobre a poesia minimalista.

Gosto de citar o palavratria, produzido por Paulo Caldas Neto, publicado na *Coletânea de Poemas – UBE/RN, 2015*. Vejam:

PAIXÃO DO MESTRE DE OBRAS

ama
dure
cimento
(Paulo Caldas Neto).

Confesso-me um minimalista apaixonado. Tanto pelos haicais, pelas aldravias quanto pelos poetria. E o palavratria me desafia a cavar palavras que sirvam para expressar estranhamento, sarcasmo, crítica social e, noutros casos, provocar risadas. Vejam algumas das minhas criações, que sairão em breve num livro ainda em fase de organização.

DE 8 EM 8 ANOS, VOTA-

se
na
dor

EM TEU PESCOÇO, BEIJOS

de
co
lar

TAÇA DE TRAIÇÃO

gole
a
dor

SE “BEBES” PELO NARIZ

és
co-
bar

O AMOR ENTERROU COM

pá
de
cimento

EM BELEZA TRISTE

a
dor
nado

REMAR CONTIGO

a
mar
ia
(José de Castro)

Deixo aqui um desafio a você, leitor. Venha brincar de descobrir palavras que possam ser quebradas em três outras, que se constituirão nos versos do poema minimalista. Depois, escolha um título interessante que expresse a sua engenhosidade no trato com a ressignificação do vocábulo. Observe bem o cânone aqui apresentado, pois não basta quebrar a palavra em três sílabas quaisquer. Cada sílaba (ou seja, cada verso), tem que se configurar como uma palavra existente, de vida própria, nem que seja apenas um conectivo ou uma letra isolada.

Então, que tal experimentar essa

FERRAMENTA POÉTICA

pá
lavra
trix?

Está feito o convite. Caso o aceite, seja bem-vindo ao universo da poesia minimalista. Aquela que, segundo Ezra Pound, precisa ser capaz de expressar o máximo com um mínimo de palavras. Boa sorte nas suas criações.

Notas:

1. Haicai – gênero poético milenar oriental, terceto de 17 versos, na estrutura 5-7-5, dedicados à temática ligada à natureza. Poetas consagrados no gênero: Matsuo Bashô (1644 – 1694) e Kobayashi Issa (1763 – 1827);
2. Haicai Guilhermino – criação do poeta Guilherme de Almeida (1890 – 1969), que estabeleceu o cânone que permite ao haicai ter título, uma rima do primeiro com o terceiro verso, além de uma rima interna no segundo verso (rima-se a segunda sílaba métrica com a sétima). O cânone manteve a temática específica ligada à natureza e também a estrutura métrica 5-7-5;
3. Aldravia – gênero minimalista criado em Mariana/MG pelos poetas Gabriel Bicalho, Donadon-Leal e Andreia D. Leal. Um poema de estrofe única de seis versos. Cada verso deve ser univocabular;
4. Poetrix – terceto com título, que pode ter até, no máximo, trinta sílabas métricas. O cânone estabelecido permite ampla liberdade de criação temática, bem como todo o tipo de experimentação com a palavra que pode navegar em qualquer tempo verbal, seja passado, presente ou futuro. Além disso, figuras de linguagem são permitidas, sendo que o título do poema pode ter a extensão que o autor decidir, sem interferir na contagem de sílabas métricas;
5. Palavratrix – uma derivação do poetrix. Segue o cânone estabelecido, com a particularidade de ser fruto da quebra de uma palavra em três outras, com um título que lhe dá um nexo.

LEITURAS RECOMENDADAS:

ALVES, Kiko. **Ancoradouros**. Mossoró: Sarau das Letras, 2016.

CAMPOS, Marcos Antonio. **Um bêbado sonhador**. Natal: Caravela

Selo Cultural, 2016.

CASTRO, José de. **Quando chover estrelas**. Natal(RN): Jovens Escribas, 2015.

_____. **Poetrix**. BH(MG): Dimensão, 2013.

_____. (org.) **Coletânea de Poemas – UBE/RN 2015**. Natal(RN): UBE/RN. Offset Editora, 2015.

CAVALCANTI, Carito. **Atestado de órbita**. Natal(RN): Jovens Escribas, 2012.

DE CRISTO, Marcelo. **Tons de amar-ela**. Natal(RN): Jovens Escribas, 2016.

FABRE, Mardilê Friedrich. **Entardecer com aldravias**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

GOMES, Goulart. **Trix – poemetos tropi-kais**. Salvador: Pórtico, 1999.

_____.(org.) **Antologia poetrix 3** – Comemorando 10 anos de criação do Poetrix. Lauro de Freitas, BA: Livro.com, 2009.

_____.(org.). **501 poetrix para ler antes do amanhecer**. Lauro de Freitas, BA: Livro.com, 2011.

GOMES, Maria Maria; FRANCISCO, Antônio. **Algodão e sal**. Mossoró: Sarau das Letras, 2012.

GONZAGA, Thiago. (org.) **A arte poética de Diógenes da Cunha Lima**. Natal/RN: CJA Edições, 2015.

GUIMARÃES, Luís Carlos. **O fruto maduro**. Natal: Fundação José Augusto, 1996.

LEAL, Andreia Donadon; BICALHO, Gabriel; DONADON-LEAL, J.B. **O livro das aldravias**. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2011.

_____. **O livro II das Aldravias**. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2013.

_____. **O livro III das Aldravias.** Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2015.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Gilvânia. **Rendas & Fendas.** Praia Grande, SP: Editora Literata, 2014.

_____.(org.) **Fagulhas Poéticas** (antologia de poetrix). Praia Grande, SP: Editora Literata, 2011.

_____.(org.) **Fagulhas Poéticas** – Vol. II – Poetrix. Praia Grande, SP: Editora Literata, 2013.

MARTINS, Jarbas. **44 haicais.** Natal(RN) : 8 Editora, 2014.

OLIVEIRA, Lívio. **Pena mínima.** Natal(RN): Sebo Vermelho, 2007.

_____. **‘Cais natalenses.** 101 haicais de Lívio Oliveira. Natal(RN): 8 Editora, 2014.

ROCHA, Ruy. **Poesia alguma.** Natal(RN): Jovens Escribas, 2012.

SARAIVA, Leocy. **Versos temporais.** Natal(RN): CJA Edições, 2016.

SOUZA, Tânia. **De(s)amores e outras ternurinhas.** São José dos Pinhais, PR: Editora Estronho, 2016.

José de Castro, jornalista, escritor e poeta. Mestre em Tecnologia da Educação. Autor de “A marreca de Rebeca”, “Poemares”, e vários outros livros. Membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte – SPVA/RN e da União Brasileira de Escritores – UBE/RN.

À PROCURA DA UNIDADE: OS FRAGMENTOS LÍRICOS DE FELIPE GARCIA

Kalliane Amorim

“O que é o homem?
Uma das respostas
possíveis é a de que
seja o ente que sonha
mais que todos os
outros, e estende à
vigília seu invento, e
que, portanto, ainda
não acabou a tarefa
da criação. Enquanto
houver algo por reali-
zar haverá poesia – e
tempo.”

Anchyses Jobim Lopes

O homem é um ser essencialmente de linguagem. É ela que engendra sua memória, organiza seu pensamento, modela sua cosmovisão, expressa seu mundo interior, seus desejos, seus sonhos. As narrativas bíblicas associam a linguagem ao sagrado e à possibilidade de coparticipação do homem na criação: nada no mundo está definitivamente acabado, criado, dado. E o que é a literatura, senão um modo especial de linguagem que tenta, a todo instante, remodelar, recriar, reorganizar o mundo, tanto interior quanto exterior, de quem se sente compelido a urdi-la?

Essa tessitura de palavras requer do autor uma atitude exploratória, de constante (re)descoberta das experiências vivificadas e apreendidas pelos sentidos, como bem reflete Fernando Pessoa ao falar de uma “aprendizagem de desaprender”, que pode levar o homem aos confins de si mesmo, aos territórios abandonados em razão do utilitarismo e do mecanicismo dos tempos hodiernos, que o em-

purram constantemente num abismo vazio, sem muitas perspectivas de sensibilização pela palavra.

Por outro lado, essa experiência poética – aqui me refiro à relação sensível com a realidade, num sentido mais amplo de poesia – que nos leva ao deslumbramento diante da existência pode nos fazer, por um momento, partícipes da eternidade, mas, representada pela palavra, não nos dá qualquer garantia de completude, porque é da natureza humana esse encher-se e esvaziar-se continuamente, numa busca incessante de unidade. A linguagem, que atravessa essa relação, é sempre uma tradução, portanto sempre uma possibilidade de leitura, entre tantas existentes no mundo. Somos intrinsecamente incompletos, e cada experiência discursiva é única. Tendo o homem a necessidade de expressar seu mundo, a arte, ainda que recorra aos mesmos temas, é inevitavelmente nova, porque jamais o tempo e as circunstâncias se repetem.

No caso da poesia que se corporifica em versos, temos uma linguagem que “fala e cala fundo na alma, desnudando as zonas imperceptíveis do real”, como expõe Hildeberto Barbosa Filho em uma de suas crônicas. Essa noção de linguagem poética reverbera nos trípticos de Felipe Garcia, este poeta para quem o deslocamento do olhar é condição essencial à criação poética. Em *Morrediço mar: fragmentos soterrados: trípticos* (Penalux, 2017), somos conduzidos à beira de nós mesmos, nessa extensão de areia que vai debruando o mar, e as palavras, arranjadas em imagens inusitadas e profundamente líricas – num lirismo que se mostra pelo avesso, muitas vezes –, parecem miragens flutuando sobre as águas desse imenso mar que se enreda e desenreda, interrogativo, diante de nossa face, a nos desassossegar.

Antes, porém, de adentrar na poesia desses trípticos, convém retomar a etimologia do termo e seus desdobramentos no campo das artes. Na Antiguidade Clássica, os documentos eram escritos em duas tábuas unidas, denominadas dípticos. Em grego, a palavra associada a essa ideia era *diploo*, que significa “eu dobro”, já que as tábuas se dobravam uma sobre a outra, permitindo a confidencialidade do documento. Na Idade Média, com a expansão do cristianismo a po-

pulações leigas e, em sua maioria, analfabetas, a arte sacra se torna uma ferramenta de catequização. Reelaborando os dípticos antigos, os artistas medievais acrescentam uma nova tábua, formando, assim, os trípticos, nos quais entalhavam ou pintavam passagens bíblicas ou hagiográficas. Tais objetos eram frequentemente adornados com detalhes metálicos, contornando as figuras representadas. Sua estrutura tripartite, unida por meio de dobradiças, facilitava o transporte das imagens para as cerimônias litúrgicas e, além disso, reforçava sua função religiosa, ao retomar as ideias de Trindade e Unidade.

A ênfase nos trípticos recaía na figura central, uma vez que esta era a maior e recebia destaque diferenciado quando se abriam as asas laterais, como uma espécie de oratório, cujo interior era completamente preenchido por imagens que, embora divididas em três, construíam uma unidade temática. Somente a partir do século XV, no período renascentista, os trípticos começam a sofrer alterações, especialmente no que diz respeito ao seu conteúdo, que vai, aos poucos, abandonando o viés sacro e se aproximando do profano. Também a estrutura hierarquizada, na qual o centro do objeto tinha importância maior, começa a ser problematizada: a presença das cores ultrapassa o lado interno do tríptico, e seu exterior começa a ganhar maior relevo e destaque. No entanto, a noção de unidade permanece, num movimento de fora para dentro: a leitura do objeto não se dá apenas quando ele é aberto, começa fora, numa contemplação do tema global do tríptico, e vai se esmiuçando nos detalhes do centro e das abas internas.

A revolução no conceito de tríptico se dá no século XX, quando o pintor inglês Francis Bacon reforça o questionamento das artes visuais como representação da realidade. Basta lembrarmos do famoso quadro de Magritte “*Ceci n’est pas une pipe*” ou da resposta de Matisse a uma apreciadora que reprovou a desproporção das formas na pintura de uma figura feminina, ao que ele respondeu: “Isso não é uma mulher, minha senhora, é uma pintura!”. Tais situações exemplificam o posicionamento dos artistas modernos em relação às artes visuais e, por que não dizer, à arte como um todo. O que vale, agora, não é a imitação do mundo, mas a expressão da subjetividade, da consciência e da condição humanas.

Em Bacon, o corpo é o tema recorrente. O que é e o que deve ser o corpo, questões nas quais a cultura de massa tende a insistir, aparecem na obra do artista como ponto de partida para a tensão entre intimidade e estranhamento do homem diante de seu próprio corpo e suas potencialidades. O corpo, real, nas sociedades contemporâneas, principalmente ocidentais, deve ser atlético, desejável, erótico, imperecível. Porém os trípticos de Bacon, diferentemente dos antigos e dos medievais, colocam em xeque tanto essas noções de corpo – por isso eles aparecem frequentemente deformados, fragmentados, retorcidos em si mesmos como se sofressem de constantes espasmos –, como também a noção de hierarquia imagética, uma vez que apresentam momentos ou, como diria Deleuze, sensações independentes, nas quais o elemento tempo parece suspenso. O resultado disso é a contemplação do instante, a experiência estética e catártica máxima diante de cada parte do tríptico, não importando a sequência narrativa que porventura possa existir.

Essa conceituação de tríptico, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, é reelaborada por Felipe Garcia nesse livro que já nos arrebatou pela disposição não usual dos poemas. O poeta lança mão da definição de tríptico proposta por Bacon, transpondo-a para a folha em branco. Ao mesmo tempo em que procedemos a uma leitura linear, também fazemos uma leitura global, imagética, já que as partes que compõem cada tríptico são dispostas lado a lado, e não nos arranjos tradicionais do poema. Tal escolha já conduz o leitor a um deslocamento do olhar e dos processos de decodificação e compreensão do texto, o que é reforçado pela ausência de títulos dos poemas. Um título, por si só, constitui uma via de percepção, sugerindo, de antemão, uma maneira de apreender os objetos e fenômenos. Ciente disso, o poeta despoja-se deles para que o olhar do leitor navegue em busca de sentidos livremente, sem qualquer bússola que o direcione, a não ser suas próprias experiências de vida e leitura.

Seja por meio das sinuosas sonoridades do texto poético, seja por meio das imagens emersas da folha em branco, seja por meio dos sentidos evocados pelas palavras, organizadas em versos tantas vezes fragmentados, Felipe Garcia vai construindo a sua poética: poéti-

ca do homem contemporâneo, cindido, dilacerado, fragmentado, porém faminto de unidade. Em sua poesia, não apenas o corpo é esfacelado, mas também a alma, em suas zonas mais profundas, é atingida pelo niilismo que impera em redor de si. Aparentemente, uma via sem saída é o que se descortina diante desse homem, que grita sua dor de existir, mas parece não ser ouvido. Porém, é do caos que emerge uma promessa de retorno à ordem, ao equilíbrio, à fluidez natural do ser.

Nos versos de abertura, a voz perplexa do eu lírico diante da velocidade e fugacidade dos tempos leva-o à constatação de que *não ocupa lugar nenhum* no mundo:

A terra em que eu estou não ocupa

lugar nenhum na terra.

Entramos na era do pássaro.

Vertemos a palavra.

Erramos o caminho

pela madrugada

e a flor de zínia

ascendeu no espaço.

A consciência de que os ruídos verborrágicos desnortearam o homem – e aqui percebemos, nas entrelinhas, uma conotação filosófica do silêncio como lugar de harmonia e equilíbrio – acentua-se quando o eu lírico afirma, categórico, que *erramos o caminho*, de tal maneira que, se não há espaço para o homem, ponto alto da criação, muito menos haverá para as delicadezas, que também se perderam no turbilhão dos dias.

Nesse contexto de fraturas em sua identidade, o homem percebe-se como um ser frágil e atormentado pela certeza da impermanência, contrastando, por exemplo, com a imensidão do mar, o *fóssil líquido*, que tremula desde as mais longínquas eras; constatando a impossibilidade de conhecer a si mesmo e o que o constitui de maneira plena; ou confirmando sua perplexidade diante da força esmagadora do real, que lhe desfigura a essência:

Nau rúptil,

o que me sobra depois dos navios

partirem

é o mar –

fóssil líquido

...

Nunca habitei o mapa de meus olhos

e o corpo

na realidade se situa.

Dissidências, o meio ou o fim.

...

O rapto ermo, a realidade

decompõe.

Me desfigurei a tal ponto

que não sobrara nada

para ser.

Angustiado pelo sufocamento da memória, assaltado em sua própria condição de Ser, o homem contemporâneo vive sob a constante tensão provocada pela liquidez do real e das relações intersubjetivas, temática focalizada por Bauman em toda a sua obra. A lírica de *Morredição mar* toma a forma da famosa tela de Munch ou dos versos de Gessinger: é o grito de horror e desespero de quem vê a humanidade degradando a si mesma, violentamente, porém por meio de recursos aparentemente inocentes e sedutores; é a constatação de que “erguemos muros que nos dão a garantia/ de que morreremos cheios de uma vida tão vazia”, como também de que “entre as sombras/ entre as sobras/ da nossa escassez” é que vamos suportando o dia a dia.

Como podemos perceber, as relações dialógicas da obra são inúmeras, mas uma leitura global dos trípticos nos aponta para essa desintegração do homem por aquilo que ele mesmo criou e para essa urgência de um reencontro consigo mesmo. A fluidez devastadora dos dias presentes, engendrados pela mão humana, calcina o terreno da memória, e o Ser, que se constitui como tal na trama do tempo, na história, assiste a seu próprio aniquilamento, paralisado, e deixa de ser. Destituído de lembranças, morreria o homem, como podemos vislumbrar no seguinte trecho:

*O homem não deveria viver
depois de habitar
seu próprio
esquecimento.*

No entanto, diante de um cenário tão pessimista e desolador, haveria esperança para esse homem? Haveria espaço para o sonho, o amor, a poesia, enfim, para uma comunhão do ser consigo mesmo? Esses questionamentos perpassam toda a obra, numa sucessão de imagens e ideias que lhe conferem uma intensidade poética singular. Uma pequena chama bruxuleante dança no âmago do ser, a despeito

da ventania que insiste em apagá-la, vinda do lado de fora. Assim se expressa o poeta:

*Delírio de olvidar
o silêncio ou a esperança
na memória do tempo
através de um homem
que sonha viver.*

...

*Sáimos loucos a procurar entre entulhos
as faíscas as sobras os seixos
de qualquer coisa humana,
nenhum deus reivindicou perdão
e se fecharam – eternos –
aos ouvidos dos homens.
Renúncia guardiã.*

Nem a vida nem a arte nos oferecem manuais de como viver sem arranhões, desencontros, mortes e ressurreições; elas nos apontam caminhos, abrem possibilidades de viagens, para que nós, tatuando suas formas ora aquáticas, ora terrestres, ora aéreas, tenhamos a coragem de enredar os fios de nossa própria história. Em sua poesia, Felipe Garcia indica algumas vias, não para a redenção do homem, mas para a construção de uma busca de si, uma construção que propõe um retorno às imagens do silêncio e da infância, cuja natureza é inerentemente contemplativa. Numa sociedade guiada pelo consumo, na qual a publicidade grita perenemente aos nossos ouvidos, não abrindo a menor fresta para a passagem de uma atmosfera fresca e lúcida, que nos convida a um despojamento interior, a voz do poeta é um chamado para o desdobramento das camadas do ser:

*Na cabeça uma cidade
se esconde, rara.
Transeunte singular dos espaços
afetivos da vida –
o lar ou a caminho.*

...

*O beco, a alameda florida,
as chuvas sazonais.
O mercado – as lojas
e as vias arteriais,
aquele lugar, surgiram para mim
as escadas para outro céu.*

...

*O foguete violento em busca de vida;
ela me subtraiu – de repente
só extermínio ou fleuma,
o mar morto: mármore,
cinzas, escamas.*

Nesse tríptico, percebemos que o poeta estabelece um diálogo íntimo com o poema *O homem, as viagens*, de Carlos Drummond de Andrade. Numa leitura não linear, começando do último conjunto de versos, flagramos o foguete que vai em busca de vida longe dos lugares habitados pelo homem, configurando o desejo de transcendência; a estrofe anterior traz uma sequência de imagens relacionadas a espaços e fenômenos conhecidos do homem – e aqui os elementos revelam uma experiência pessoal que vai se tornando universal – e que constituem o seu céu particular, aquilo que lhe dá alegria e prazer, não necessariamente o céu desenhado no imaginário religioso;



já a estrofe inicial, que funciona como um epílogo na sequência de leitura que visualizo, traz o contraponto da imanência, necessária ao encontro do homem consigo mesmo, ao segredar que “*Na cabeça uma cidade/ se esconde, rara*”. Escolhendo outros lexemas, Drummond encerra seu poema alertando-nos:

Restam outros sistemas fora

do solar a col-

onizar.

Ao acabarem todos

só resta ao homem

(estará equipado?)

a difícilima dangerousíssima viagem

de si a si mesmo:

pôr o pé no chão

do seu coração

experimentar

colonizar

civilizar

humanizar

o homem

descobrimo em suas próprias inexploradas

entranhas

a perene, insuspeitada alegria

de con-viver.

Assim, transitando *os espaços afetivos* e perscrutando as *próprias inexploradas entranhas*, o homem, na visão desses poetas, poderia, enfim, encontrar abrigo para suas angústias e experimentar a felicidade, a despeito do contexto massacrante em que vive. Uma das ferramentas de que esse homem poderia dispor para adentrar o território desconhecido de sua subjetividade é o silenciamento interior, como já indicamos anteriormente. Em meio a tantos ruídos, a tantos discursos, aos quais subjazem mais carências do que conteúdos verdadeiramente capazes de humanizar o homem, o silêncio emerge dos campos abissais e nos toma pela mão, como uma sereia cujo canto, em vez de ensurdecer e aniquilar a quem o ouve, vai preenchendo as vastidões vazias dentro de nós.

O corpo do homem

contra o vale,

semeia ao longo do tempo,

a busca, o silêncio.

Tímido abjeto,

sua artéria

é atravessada por ossos mirrados.

...

Quando a aurora

germina

o silêncio

em meio ao caos

as coisas

cantam.



Sugestivas as imagens construídas pelo poeta, às quais precisamos nos deter, enquanto atentos leitores, se desejarmos adentrar nessa trama de palavras com que ele vai tecendo sua lírica. O *homem*, posicionado não diante do *vale*, mas *contra o vale*, atravessa a vida nessa busca de sentido que parece se revelar apenas no *silêncio* da *aurora*, no raiar do dia, quando o *caos* ainda dorme e todas *as coisas cantam* ao ouvido humano.

Nas comunidades cristãs primitivas, as figuras dos padres e madres do deserto são emblemáticas. Para eles, a contemplação suscitada pela solidão e pelo silêncio seria a via estreita que pode levar o homem à transformação de seu interior, à evolução espiritual. Syncretica, uma das madres do deserto, assim se expressava: “Há muitos que vivem nas montanhas e se comportam como se estivessem na cidade; e eles estão perdendo seu tempo. É possível ser solitário em sua própria mente, mesmo no meio de uma multidão, e é possível para um solitário viver na multidão de seus próprios pensamentos.” Poderíamos relacionar esse pensamento à poesia de Felipe Garcia, que, ao situar o homem nesses tempos líquidos da atualidade, propõe, ainda que em meio aos ruídos e multidões tão prenhes de vazios, um caminhar pela borda do silêncio, ao menos, tantas vezes retomado na figura do homem que se posta frente ao mar.

É nesse silenciar interior que a consciência da fugacidade da vida emerge – em tudo há o viço vital, como também a promessa de morte. A grande questão é o que fazemos depois dessas epifanias:

Nas rosas
o cheiro de carne vem,
e seduz, névoa,
longe do tumulto
das cidades.

...

*Desaguamos nas simples coisas
deste mundo,
a escassez de vida nos inunda
e não se sabe
por onde viver.*

É essa consciência da morte a única responsável pela forma como arquitetamos nossa vida, numa relação dialética necessária ao mistério da existência:

*O chão
sem lisura, recôndito
lar que ocupa
uma ausência
intacta:
arquitetura.*

Para o poeta, a experiência da finitude irmana os homens, torna-os semelhantes em glórias e misérias, *cúmplices de uma realidade* líquida, de uma tensão que os comprime, porém não os mata justamente porque descobriram essa via por onde é possível se reinventar:

*(...)
e nossos olhos
serão
cúmplices de uma realidade
marítima – no ritmo
sem voz
do turbilhão incessante
de nossa*



*convivência atroz
entre reis
e rainhas.
...
Simples, como um mecânico
cubano,
arrumamos a vida
(improvisando
sonhos
em busca de peças
no interior
forasteiro)
e abastecemos a noite
com álcool
e melancolia –
sob o som renitente do pé-d'água
exploramos
a luz
e o fogo,
artesãos caóticos
no centro do Universo
à fornalha urbana
atiramos
tempo
para consumir o corpo
que nos decompõe.*

Outra via possível para o reencontro do homem consigo mesmo, nos versos de *Morrediço mar*, é o retorno à infância, tomada como símbolo da pureza, da integridade entre espírito e matéria, enfim, da unidade.

Perpetua
a infância
coagulada
nos
olhos.

...
Aquele que acreditava
em mim
foi extinto;
a palavra me criou
quando eu era criança
eu fui apanhado
vivo
por meus espíritos
nativos.

O olhar pueril sobre o mundo constitui o próprio poeta, essa criatura que, como todo e qualquer homem, se funda na/pela linguagem, mas que, como poucos, talvez, traz em si a necessidade de desautomatizar o olhar adultizado diariamente, para que a surpresa de ver o já inúmeras vezes visto, porém nem sempre contemplado, arrebate seus sentidos e seu intelecto. Na lira de Alberto Caeiro, tal exercício aparece no poema VIII de *O guardador de rebanhos*, quando, ao se referir ao deus menino que lhe aparece em sonho, o eu lírico assim se exprime:

*A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.*

E o que seria a poesia – entenda-se a arte como um todo –, senão uma educação dos sentidos? Uma educação cuja finalidade coincide com os próprios meios pelos quais é concebida: a humanização do homem, a sensibilização do ser. Nesse processo, o espaço para o amor e para a poesia são condições fundamentais: ninguém ama o que desconhece, por isso é preciso dispor das ferramentas – linguagem – para que seja possível, ao corpo e à alma, usufruir do objeto amado, deleitar-se com ele e, transbordando de vida em si mesmo, dá-lo a conhecer aos outros, a despeito de toda fragmentação e liquidez do mundo e das relações na contemporaneidade.

*Eu sou máquina e deliro –
atravesso estâncias
e ouço
o mundo abrir-me a alma
como o pássaro
fia
o canto
ou uma luz atravessa o espaço
(entre cometas raios estações)
para fulgir
nas páginas de um livro de poesia
o verso – que outrora
rugiu*

*no tempo
em princípio – canta.*

...

*Já é noite
e não temos
nada a crer
nesta vida
a não ser
o velho amor
que nos embala
canções
inacabadas.*

Felipe Garcia convida-nos a passear por sua galeria de trípticos, no entanto sabemos, desde o início, que se trata de um passeio demorado, ao longo do qual precisamos conter qualquer ansiedade para contemplar cada conjunto de cenas, senti-las rasgando-nos o âmago e refletir sobre os sentidos que suscitam em nós. A poesia condena o poeta ao labor com as palavras e à espera de encontrar, no outro, alguma cumplicidade. No poema que dá título à obra, percebemos essa angústia que se faz motivo para a escrita da poesia:

*Nada exaure esse exercício
ledo
de obstruir palavras
entre loucura e medo.*

*

*A escassez
dos teus olhos*

*me deixou cego.
A falta
dos teus pés
no meu caminho
ferrou o meu destino.
Não nego,
onde busco
promessa,
encontro o instante irreal
de um corpo inábil
ou a ausência de si mesmo,
do teu lábio,
no tempo e no espaço
que o ser
ocupa, solidão essa
imortal intervalo
de forças –
hábil
ofício de diferenciar corpos
no silêncio, sem pressa,
o perpétuo e morredição
mar
que nos atravessa
antes que possamos navegar.*

Com sua lírica incisiva, Felipe assume a figura de um oleiro que busca moldar a liquidez do homem contemporâneo, segredando-nos, poeticamente, que, diante da fluidez de tudo, é preciso calar-se e agarrar-se à memória para fundar a si mesmo, nessa procura de equilíbrio entre o imanente e o transcendente. Em seu *Morrediço mar*, o poeta nos interroga a todo instante. Que fragmentos de nós estão soterrados nas zonas abissais de nosso mar interior? Teremos bússolas, ferramentas e coragem de escavar nossas profundezas até encontrar esses pedaços perdidos? Que histórias podemos compor ou recompor com essas imagens redescobertas, depois de as termos entre as mãos? Cada leitor tome para si esses e outros tantos questionamentos, ao ousar desatracar sua embarcação e desbravar o desconhecido de si mesmo, levado pelo mapa dos trípticos que se lhe revela nas páginas de *Morrediço mar*.

KALLIANE AMORIM é poeta e escritora. Mestre em Letras, professora de Língua Portuguesa e Literatura (IFRN). Autora de “Relicário” e outros livros.

BICENTENÁRIO DO PADRE MIGUELINHO*

Jurandy Navarro

Honrado, aceitei o convite, para falar nesta noite, em depoimento, sobre a figura do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, representando a Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, ao lado dos oradores que falarão em nome da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, entidades presididas, respectivamente, pelos Acadêmicos Lúcio Teixeira dos Santos, Diógenes da Cunha Lima e Ormuz Barbalho Simonetti, em solenidade dedicada ao ilustre Padre martirizado em 1817, na conhecida Revolução Pernambucana.

Houve, aqui, no Rio Grande do Norte alguns intelectuais ligados à cultura histórica, dentre sacerdotes e leigos, narradores da vida do Padre Miguelinho. Ao que eu saiba, somente um deles fez uma crítica lítero-política, de sua ação social, que neste depoimento não cabe analisá-la em seus pormenores: Adauto da Câmara, no seu livro “Diversos & Dispersos”.

Os demais miraram, tão somente, a sua passagem religiosa e referências sobre o seu martírio, do conhecimento geral.

Tem-se notícia que o Padre Miguelinho, deixou dois pronunciamentos oratórios, talvez, ainda existentes: o “Sermão da Concórdia”, por ocasião do espaço de tempo, de setenta e quatro dias, que perdurou o governo da “Revolução Pernambucana”, iniciante aos seis de Março de mil oitocentos e dezessete, e a chamada “Orasam Acadêmica”, pronunciada por ocasião da inauguração do Seminário de Olinda, na afastada data de mil e oitocentos. É que, o Padre Miguelinho foi o Sacerdote escolhido, por Dom Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, então Governante da Capitania Pernambucana. Este foi Bispo da Diocese de Olinda, durante os anos de 1799 a 1802.

Este último documento histórico, “Orasam Acadêmica”, chegou a Natal e foi entregue ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pelo mencionado intelectual Adauto da Câmara.

Eis a sua explicação: “tarefa difícil era julgar os méritos literários do herói de 1817. Sua larga reputação de orador sacro. Os numerosos Sermões que proferiu, perderam-se. De um apenas tivemos notícias, cujo manuscrito seria encontrado no arquivo do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. É o de Souza Pinto quem lhe faz referências, numa nota do seu interessante ensaio biográfico do Padre Miguelinho. Escrevemos a Mário Melo, Secretário perpétuo daquele sodalício. Com sua habitual gentileza Mário Melo nos atendeu prontamente, das buscas resultou o achado do rascunho da Oração, que Padre Miguelinho proferiu, em fevereiro de 1800, na inauguração do Seminário de Olinda, escolhido para fazê-lo pelo Bispo referido”.

Assim, a mencionada “Orasam Acadêmica”, aqui chegou graças ao empenho de Adauto da Câmara.

Em relação à mesma, acrescenta ter sido por ele, Adauto da Câmara revisada, explicando, em substância, que os oradores de outrora, escreviam seus discursos quais mensagens anotadas, por serem habituados a fazê-los mais de improviso. Dai, a ausência da devida revisão.

O primeiro deles, “Sermão da Concórdia”, foi invocado por Elói de Souza, quando orador oficial da solenidade do Centenário do ilustre mártir, evento realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em 1917.

Quanto ao comportamento político de Miguelinho, alude o autor de “Diversos & Dispersos”, que o mesmo mudou de 1800 a 1817. E que, antes era monarquista e, depois, nativista, a ponto de se tornar mártir, de corpo e alma, declaradamente.

E acrescenta, Adauto da Câmara, “que aos 49 anos, o sacerdote herói, falava outra linguagem, agitava outras ideias, seguia outros rumos. Já não havia lugar para aquelas invectivas contra o espírito

novo que surgia na Europa para remodelar a fisionomia política e social do Ocidente”.

De consequência, as palavras finais do intelectual inteligente Adauto da Câmara, em relação ao lembrado herói da pré-falada Insurreição, também chamada “Revolução dos Padres”, em virtude do numeroso concurso dos mesmos, nela envolvidos.

“Honra lhe seja”, diz ele, “ao patriota que soube compreender a transição inelutável dos tempos e se fazer instrumento dos anseios de liberdade de sua terra e de sua gente, pelos quais se bateu com fé e morreu com glória”.

Tem-se notícia, também, de uma Lápide em homenagem ao grande vulto da nossa história. Essa tem a inscrição:

QUOD SCRIPSI SCRIPSI

Ao insigne patriota MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA E CASTRO

FREI MIGUELINHO

Nascimento aos 17 de Novembro de 1768 e falecimento aos 12 de Junho de 1817.

A placa de mármore com moldura em granito, medindo, aproximadamente, um metro por um metro e meio.

A dita homenagem foi a ele prestada, seguida de notável peça oratória, pronunciada por Olímpio Vital, então Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por ocasião da ereção da Lápide, no local da casa onde nasceu Padre Miguelinho.

Tal solenidade assinala que “O Povo do Rio Grande do Norte, em comemoração cívica, ao octogésimo nono aniversário da sua morte gloriosa, ufana-se de perpetuar, nesta Lápide, solenemente posta no próprio lugar em que nasceste, teu nome imortal de herói e mártir”. Ano de 1906.

Termino dizendo que o patriotismo é uma espécie de amor filial, que o cidadão devota à sua mãe comum – a Pátria.

Miguelinho, no seu sonho, perseguia os ideais do homem civilizado e cristão: ideal de liberdade, de ordem, de progresso, de paz – ideal de Pátria!

*Texto lido no auditório da Academia Norte-rio-grandense Letras, Sessão comemorativa do bicentenário de falecimento do Padre Miguelinho, 12-06-2017

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

PADRE MIGUELINHO*

Cláudio Emerenciano

As nações enfeixam, ao longo do tempo, seus valores e caminhos existenciais. Há um entrelaçamento entre o sonhar, o querer e o fazer das gerações entre si. Esse legado é intemporal. Reside na alma de cada um. Assim as nações fazem e percorrem a História. A “weltanschauung” (visão do mundo e da vida) predominante na nação brasileira é formada por valores espirituais, éticos e morais sedimentados ao longo de sua história. Independentemente dos antagonismos manifestos nesse percurso. Inclusive no presente, submetida a uma erosão moral sem precedentes e desafios homéricos. Homens se perpetuam e se projetam na posteridade ao misturar e doar seu corpo e seu espírito, sua alma e seus ideais, seus sentimentos e sua fé na construção de uma nação. É o caso de Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o frei Miguelinho, depois Padre Miguelinho por decisão do Papa Pio VII.

Além disso, transpõem seu tempo. Realizam ações, criam, inventam, concebem, sonham, avançam. Promovem a ascensão espiritual, cultural, científica, moral, ética e tecnológica de sua coletividade, de sua nação ou da própria humanidade. Sem dúvida alguma, é mais fácil detectar essa contribuição individual à sociedade do que avaliar a magnitude de alguém no âmbito de sua privacidade. Difícil é conhecer o universo daquelas relações em que, anonimamente, uns se doam aos outros. Partilham sem esperar reciprocidade, motivados pela consciência de que todos são irmãos em Deus. Somente Deus e cada um em sua consciência desvendam plenamente a dimensão humana. A verdade para o homem é aquela que faz dele um verdadeiro homem. Assoma-o além de si mesmo. Eleva-o às dimensões transcendentais. Eis uma concepção que emerge dos ensinamentos de São Paulo, que teve a visão do infinito. A alma de uma nação é, portanto, obra contínua e permanente das gerações. É a nacionalidade viva e renovada.

Passado e presente se misturam, integram-se, formando um corpo único, indissolúvel, indestrutível, determinado a descortinar o futuro com sua personalidade coletiva. Nestes tempos de crise, dúvidas, incertezas, desalento e insegurança, impõe-se consagrar, reconhecer, avaliar e dimensionar o legado do Padre Miguelinho. Aquele jovem franzino, de baixa estatura, que aos dezesseis anos, em 1784, deixou Natal para residir com uma irmã em Recife. No começo do século XIX as cidades de Olinda e Recife formavam uma comunidade indivisível com uma população em torno de 280.000 habitantes. Por sua posição geográfica se tornou, desde o século XVIII, um centro cosmopolita. Religiões e nacionalidades se toleravam. Sua vida social e intelectual era trepidante, receptiva às ideias libertárias das Revoluções Americana e Francesa. Algo paradoxal, pois a economia pernambucana, próspera e dinâmica, germinara a dicotomia, posteriormente revelada por Gilberto Freyre, em “Casa grande e senzala” e “Sobrados e mocambos”. Distinções que se aprofundaram demarcando seu meio rural e urbano. Nesse contexto intelectuais, estudantes, profissionais liberais e empresários acorriam para ouvir as aulas de retórica e filosofia do Padre Miguelinho no Seminário de Olinda, por ele fundado com Frei Caneca e o bispo Azeredo Coutinho. Antes, Miguelinho estudara em Lisboa e Roma, além de frequentar os meios intelectuais mais proeminentes da Europa. Falava vários idiomas. Gustavo Barroso, Rocha Pombo, Câmara Cascudo e Visconde Taunay reconheceram o papel singular do Seminário na formação do Brasil cultural. Miguelinho tinha voz mansa, firme e pausada. Falava serena e tranquilamente. Irradiava sua dignidade e fé no que dizia e pensava. Era paciente. Os pedagogos modernos o chamariam de “didático”. Aos domingos celebrava missa na Basílica de Nossa Senhora do Carmo e suas homilias eram silenciosamente assistidas por fiéis de todas as categorias sociais. Templo cheio e depois da missa o celebrante acolhia tantos quantos o procurassem.

Examinemos seu legado. Miguelinho era leitor compulsivo. Conhecia os clássicos greco-romanos e as obras de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Thomas Paine, Thomas Jefferson, John Locke, Rousseau, Immanuel Kant, Voltaire, Padre Vieira e Erasmo de Roterdã. Suas motivações, ao participar da Revolução de 1817, foram estri-



tamente ideológicas, as quais não conflitavam com sua fé cristã. Até com Voltaire, sarcástico, cínico, cético e implacável, ele era tolerante. Dizia aos seus interlocutores que o sábio fora dotado pelo Criador de uma inteligência genial, muito embora nem sempre a empregasse para a propagação do bem. Miguelinho foi o mártir da nacionalidade. Sua visão detectou que chegara o momento de despertar a consciência dos brasileiros para sua identidade nacional, custasse o que custasse, ainda que se impusesse a imolação de sua vida. Seu irmão, o Padre Pinto (Manuel Pinto de Castro), participou do movimento em Natal sob a liderança de André de Albuquerque Maranhão e foi preso. Também sua irmã, Clara Joaquina de Almeida Castro, e Bárbara de Alencar, foram as primeiras presas políticas do Brasil.

Todos sabem as circunstâncias de sua morte. Reafirmou no tribunal sua assinatura nos documentos revolucionários. Como o Padre Vieira, foi submetido a tratamento ignóbil no navio que o levou a Salvador e na cela prisional. Nunca vacilou. Tomaram-lhe seu livro de orações. Mas ele as conhecia de memória e as recitava pausadamente ajoelhado.

Paul Hazard estudou a crise da consciência europeia. Miguelinho nos incita a refletir sobre a crise da consciência brasileira ontem e hoje. Sanderson Negreiros descreveu seus últimos momentos: “Miguelinho ajoelhou-se e recitou o “Miserere mei Domine”. Foi arcabuzado a 12 de junho de 1817”. Mas os escravos que o sepultariam ainda o ouviram balbuciar: “Tudo por vós, meu Deus e Senhor, e pelo Brasil”. Eis o legado do mártir da nacionalidade.

*Texto lido no auditório da Academia Norte-rio-grandensede Letras, Sessão comemorativa do bicentenário de falecimento do Padre Miguelinho, 12-06-2017

CLAÚDIO EMERENCIANO é auditor do TCE, aposentado, professor e escritor, autor de “A Rendição do Tempo” e outros livros. Ocupa a cadeira nº 1 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

GUARAPES 2017: AUDIÊNCIAS PÚBLICAS!

Valério Mesquita



O ponto alto das comemorações dos 140 anos da emancipação política e administrativa de Macaíba será o aniversário de 208 anos de nascimento do seu fundador Fabrício Gomes Pedroza, cujas cinzas foram trasladadas do Rio de Janeiro para a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição. A vinte e sete de outubro de 1877, pela lei nº 801, Macaíba – que antes se chamava Coité – desmembrou-se de São Gonçalo. Aí amplia-se o período de esplendor comercial do porto de Guarapes que irradiou energia econômica a todos os quadrantes. Monopolizou o sal para o sertão, incentivou a indústria açucareira do vale do Ceará-Mirim, financiou a produção adquirindo as safras das fazendas de algodão, cereais, couros e peles. Fundou a “Casa dos Guarapes” e do alto da colina comandou o seu mundo de transbordamentos, onde tudo era rumor, vida, agitação, atividade.

É nesse vácuo de duzentos anos que reside a minha perplexidade. Um silêncio dominado pelo abandono e a indiferença. Ninguém coloca em cena a coragem de contemplar restituído o universo oculto de Fabrício que fez brilhar o nome de Macaíba dentro e fora do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século dezenove.

Não basta, apenas, reprisá-lo com lendas e narrativas, como tivesse sido um mundo de ficção. Melhor que a dispersão da palavra solta é ouvir o eco de suas paredes reerguidas, das vozes trazidas pelo vento das vidas que não se pulverizaram mas renasceram pelas mãos das novas gerações. Esse universo semidesaparecido, clamo por ele, aqui e agora, afirmando que a melhor imagem de um homem, após a morte, não são as cinzas, mas a obra (casarão dos Guarapes) que legou à posteridade, revivida e restaurada como reconfortante e fiel fotografia de sua história e vida. Audiência pública urgente! Na Assembleia Legislativa e na Câmara de Macaíba.

Como guerreiro solitário, luto há mais de quinze anos pela restauração dos escombros do empório dos Guarapes. Como membro, àquela época, do Conselho Estadual de Cultura do Estado, consegui o tombamento. De imediato, no desempenho do mandato parlamentar obtive do governo a desapropriação da área adjacente. Batalhei, em alto e bom som, junto aos gestores públicos a elaboração do projeto arquitetônico, que, até hoje, dormita em armário solento da burocracia. Foi uma agitação, apenas, que não se moveu nem comoveu. Saí dos movimentos da superfície oficial, para as janelas da imprensa e outras vozes, em coro uníssono, oraram comigo pelas ruínas da mais reluzente história da economia do Rio Grande do Norte: os Guarapes. Todo esse conjunto de verdades fixas foi ilusão imaginar que a lucidez jamais se disfarçaria em surdez. Como enfrentei e venci no passado, partindo de perspectivas débeis e precárias, óbices quase intransponíveis para a restauração das ruínas do Solar do Ferreiro Torto e da Capela de Cunhaú, sinto que não perdi os laços entre a fragmentação do sonho e a fé incondicional no meu pragmatismo, de que tudo, até aqui, nada foi em vão. Audiência pública urgente! Na Assembleia Legislativa e na Câmara de Macaíba.

Reproduzir a realidade, tal que se imagina que fosse, o burburinho comercial e empresarial daquele tempo de Fabrício, faz-nos refletir e aprender para ensinar aos jovens de hoje através de exemplos, imagens e ritmos, a saga de que vultos como o dele iniciaram uma figuração, nova, nítida e luminosa, pouco tempo depois, numa Macaíba que começava a nascer com Auta de Souza, Henrique Cas-

triciano, Tavares de Lyra, Augusto Severo, Alberto Maranhão, João Chaves, Octacílio Alecrim e outros que construíram em modelos de vidas o prestígio da terra natal – que não se evapora, nem se desmancha. Essa realidade para mim é tensa e inquieta, porque cabe hoje revivê-la em todos nós. É imperioso que os nossos governantes tracem esboços para uma saída, uma superação, criando-se fendas e passagens, para juntos, todos, respirarmos o oxigênio da convivência com os nossos antepassados. Se todos nós pensarmos assim, com cada palavra significando labareda, lampejo, no centésimo quadragésimo aniversário, derrubem, pois, os obstáculos que impedem as luzes do empório dos Guarapes refletirem sobre a posteridade. Se assim não agirmos tudo será cinzas.

Audiência pública urgente! Na Assembleia Legislativa e na Câmara de Macaíba.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de “Notas do Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

TANCREDO:

O CRIADOR DA NOVA REPÚBLICA

João Batista Machado

O ex-presidente Tancredo de Almeida Neves costumava passar feriadinhos da Semana Santa em São João Del Rey (MG) terra dos ancestrais, acompanhado dos familiares. Numa dessas visitas, um jovem amigo da família se aproxima e diz que pretende ingressar na política e lhe pede um conselho. O hábil Tancredo respondeu mineiramente: “Meu filho, se Deus não lhe deu a graça da humildade peça então, a Ele, a da dissimulação e finja que é modesto”. Pertencia a uma geração de mineiros conhecida pela sabedoria nas articulações de bastidores.

Apesar da compleição física franzina não temia desafios. Na condição de ministro da Justiça sugeriu ao presidente Getúlio Vargas resistir à crise política de 1954. Estaria ao seu lado para lutar até à morte. Vargas preferiu sacrificar apenas sua vida. Durante o golpe militar de 1964 condenou a atitude do presidente do Congresso, senador Moura Andrade, ao proclamar vaga a presidência da República quando João Goulart ainda estava no país. Tancredo se dirigiu à mesa e protestou dedo em riste chamando-o, repetidas vezes, de canalha e mentiroso.

O sonho de Tancredo Neves era ser oficial da Marinha. Foi aprovado em concurso, mas reprovado pela baixa estatura. Optou, então, por fazer direito pela Universidade de Minas Gerais. Começou a vida pública como vereador em São João Del Rey, onde nasceu em 1910. Chegou a ser presidente da Câmara Municipal. Perdeu o mandato com o golpe de 37. Retornou às lides forenses como promotor público. Com a redemocratização do país em 1945 foi eleito deputado estadual pelo Partido Progressista em 1947.

Destacou-se na Assembleia Legislativa pela atuação marcante nos bastidores, comissões técnicas e plenário. Em 1950 foi eleito

pela primeira vez deputado federal e ganhou notoriedade nacional como exímio articulador e notável orador. Sua atuação levou-o ao Ministério da Justiça no governo Vargas. Reelegeu-se outras vezes. Em 1960 disputou o governo de Minas Gerais pelo PSD (Partido Social Democrático), mas perdeu a eleição para o candidato da UDN (União Democrática Nacional), Magalhães Pinto. Foi sua maior frustração na vida pública.

Com a renúncia inusitada do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, com seis meses de governo, o país entrou numa das maiores crises institucionais. O PSD indicou-o como negociador do impasse. Os ministros militares Odílio Denis (Exército), Grum Moss (Aeronáutica) e Silvio Heck (Marinha) vetaram a posse do vice-presidente João Goulart, acusando-o de comunista. Este se encontrava em missão oficial na China acompanhado de parlamentares e empresários, recebido pelo primeiro-ministro Mao Tsê Tung.

O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola lançou uma campanha de cunho patriótico através de cadeia de rádio denominada “Cadeia da Legalidade” em solidariedade à posse do cunhado João Goulart como determinava a Constituição. Recebeu o apoio inesperado do comandante do 3º Exército, general Machado Lopes, fortalecendo a posição do governador. Sua atitude irritou companheiros de farda. O general tinha rejeitado, anteriormente, ordens superiores para ocupar o Palácio Piratini, onde Brizola conclamava o povo gaúcho resistir a qualquer tentativa de golpe. O país estava à beira de uma guerra civil de consequências imprevisíveis.

Tancredo Neves mediava o conflito com a perícia de um exímio cirurgião. Conversava com os ministros militares, governador Leonel Brizola e o sucessor natural João Goulart que se encontrava no exterior, em busca do consenso indispensável no sentido de debelar o confronto iminente entre forças ideologicamente antagônicas, fortemente armadas e dispostas à luta em defesa dos seus discutíveis princípios.

A solução seria desengavetar na Câmara Federal a emenda de autoria do deputado gaúcho Raul Pilla que sugeria implantação do regime parlamentarista com o objetivo de estabilizar o sistema po-

lítico. Enquanto não se encontrava solução, a crise assustava o país. Coube a Tancredo contornar divergências entre desafetos em busca de uma mediação no sentido de evitar o embate que, certamente, causaria grandes danos pelo país afora.

O ladino mineiro conversava praticamente, ao mesmo tempo, com os três flancos conflitantes: ministros militares, governador gaúcho e o sucessor natural de Jânio Quadros, que voltava da distante China com escalas programadas em continentes e países permitindo tempo suficiente para o entendimento. Convencia Goulart a assumir o governo mediante implantação do regime parlamentarista. Se não aceitasse a proposta, disse Tancredo, poderia assumir o poder mediante sangrenta guerra civil. Prevaleceu o bom senso.

Ele aceitou assumir o governo, embora desfigurado, preservando a integridade nacional. O Congresso aprovou com rapidez a emenda Raul Pilla e o parlamentarismo foi implantado com a finalidade de contornar uma crise imprevisível, embora com uma cláusula de que, três anos depois, haveria um plebiscito para o povo escolher qual o regime preferido: presidencialismo ou parlamentarismo. Goulart a assumiu o poder no dia sete de setembro, em sessão extraordinária convocada pelo Congresso.

Tancredo consensualmente foi eleito primeiro-ministro em 1961 e o novo regime começava a funcionar a contento, mas as eleições no ano seguinte precipitaram sua queda. No regime parlamentarista o primeiro-ministro se candidata sem desincompatibilização. Tancredo pretendia disputar uma cadeira na Câmara Federal por Minas Gerais, mas seu próprio partido, o PSD, não aceitou a condição prevista e o parlamentarismo foi principal vítima da discórdia.

Renunciou ao cargo em julho de 1962. O presidente João Goulart antecipou o plebiscito e o presidencialismo ganhou disparado. Ao retornar à capital mineira, após sua renúncia, uma jovem repórter no seu desembarque, lhe fez uma pergunta capciosa:

- Dr. Tancredo, o senhor acha que vai ser lembrado pelo que fez como primeiro ministro?

- Não minha filha, não vou ser lembrado pelo que fiz. Espero ser lembrado pelo que evitei que fosse feito, respondeu rápido Tancredo Neves. O esperto mineiro simplesmente evitou uma guerra civil de danos irreparáveis.

Após renunciar ao cargo de primeiro-ministro para disputar eleições em seu estado, o parlamentarismo entrou em colapso. Seus sucessores fracassaram para satisfação do presidente Goulart. Não tinham o jogo de cintura de Tancredo nem a indispensável habilidade política para lidar com o Congresso. Tancredo retornou à Câmara Federal e passou a integrar a base política do governo. PSD e PTB eram aliados históricos desde a redemocratização em 1945. Os dois foram criados por inspiração de Getúlio Vargas.

Acompanhou de perto a agonia do governo João Goulart incendiado pelo slogan explosivo do deputado Leonel Brizola: reformas na lei ou na marra. Sua atitude provocava inquietações no Congresso e nos quartéis. Os militares sempre foram hostis a ele desde que exerceu o Ministério do Trabalho no governo Getúlio Vargas (1953/1954). Jango, como era conhecido, anunciou aumento de 100% no salário mínimo e a notícia gerou crise militar. O manifesto dos coronéis exigia a renúncia de Goulart. Getúlio o demitiu, mas manteve o aumento proposto por Jango.

Tancredo Neves e Antônio Balbino conhecidas raposas políticas do PSD e amigos do presidente, o advertiram para a grave crise política que envolvia a quebra da hierarquia militar, exemplificando o caso dos marinheiros revoltosos comandados pelo cabo Anselmo, responsáveis pela queda do Ministro da Marinha. O presidente temia perder a liderança dos movimentos sindicais para o cunhado Leonel Brizola e passou a radicar com o objetivo de preservar sua base de sustentação política.

No dia 29 de março de 1964 o presidente João Goulart foi convidado a participar de uma assembleia no Clube dos Sargentos e Suboficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, inclusive com as presenças de seus companheiros das forças armadas. Diante do convite e da crise política-militar que já grassava nos quartéis, Jango,

ao chegar ao Rio, resolveu ouvir a opinião de Tancredo Neve. Foi até ao seu apartamento na Avenida Atlântica, em Copacabana e lhe mostrou o discurso que faria no local do evento.

Tancredo leu e disse: “O discurso está bem escrito, embora radical. O senhor prega aqui, claramente, a desobediência dos subalternos. Embalado pelos aplausos da plateia vai improvisar e correr dois riscos: sair de lá preso ou cair em 48 horas”. Jango improvisou como Tancredo previu e foi deposto no dia 31. Deixou o Rio rumo à Brasília. Em seguida Porto Alegre e de lá até o exílio no Uruguai, dia 02 de abril. Goulart morreu no exílio, na província argentina de Mercedes no dia 06 dezembro de 1976. Foi sepultado em São Borja (RS), cidade onde nasceu.

O primeiro general-presidente do regime militar que assumiu o cargo nos primeiros dias de abril de 1964 foi o marechal Castelo Branco eleito indiretamente pelo Congresso. Nessa fase começaram as cassações de mandatos, sem direito de defesa dos supostos acusados. Ano seguinte, extinguiu o tradicional pluripartidarismo e criou por ato institucional em 1966, o bipartidarismo que se prolongou até 1979. Aliança Renovadora Nacional (ARENA) era o partido oficial e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), oposição.

Os militares compreenderam que os resultados das eleições nesse período já não eram tão favoráveis ao regime autoritário. E como o novo sistema partidário não beneficiava mais o governo, o pluripartidarismo foi restaurado em 1979, após extinção do Ato Institucional nº 5, editado no governo Costa e Silva em 1969. Perdurou por dez anos e revogado no governo Ernesto Geisel. Nesse período o país mergulhou explicitamente na ditadura eschachada, como disse o historiador Élio Gaspari.

A diversificação dos partidos em 1979 visava o pleito de 1982 quando ocorreu a primeira eleição direta para governador, após 12 anos do ciclo indireto. A abertura política lenta, gradual e segura dos governos Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo seria testada nas urnas. O governo ganhou nas regiões Norte e Nordeste, mas perdeu no Centro-Oeste, Sudeste e Sul as mais populosas e desenvolvidas.

A vitória levou Tancredo Neves a concluir, com ironia, que o governo militar estava restrito aos grotões do país. Finalmente, chegou ao governo de Minas Gerais compensando a derrota sofrida em 1960.

A ARENA transformou-se em PDS (Partido Democrático Social) e o MDB em PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Com o surgimento dos novos partidos a oposição, embora fortalecida, fragmentou-se pela divisão. Com isso, o regime militar ganhou certo fôlego até à exaustão em 1985, quando derrotado na eleição indireta no Colégio Eleitoral que elegeu o futuro presidente da República. Exauria-se o regime imposto pela força das armas em 1964. O sol da liberdade voltou a brilhar no horizonte da pátria.

A abertura política estaria consolidada ao encerrar-se o ciclo dos cinco generais presidentes: Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo, que se sucediam no poder através de decisão castrense, além da escolha de um civil pelo Colégio Eleitoral. Os formuladores da abertura foram o chefe da Casa Civil dos governos Geisel e Figueiredo, general Golbery do Couto e Silva, ouvindo a área militar; e o presidente do Congresso, senador Petrônio Portela, dialogando com segmentos mais representativos da sociedade civil.

O PMDB tinha candidato ao pleito direto previsto para 1984, caso fosse aprovada a emenda Dante de Oliveira, mais conhecida como “Diretas Já”. Seria o deputado Ulisses Guimarães, que ficou conhecido nacionalmente como “O Senhor Diretas.” No pleito indireto o candidato deveria ser o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves. O mineiro agregava polos opostos ao contrário do deputado paulista.

O PDS não tinha nenhuma alternativa. Não alimentava chance em pleito direto, pois seu candidato seria fragorosamente derrotado por ser aliado do governo. Sua única chance era no Colégio Eleitoral, caso surgisse candidatura de consenso. O ousado deputado Paulo Maluf assumiu logo que seria candidato ao pleito indireto. Mas seu nome não uniu o partido oficial. A emenda das “Diretas Já” foi derrotada no Congresso onde o governo tinha maioria suficiente para detê-la.

Como Governador de Minas Gerais, Tancredo integrava o Conselho Deliberativo da SUDENE, onde se aproximou dos governadores do Nordeste e, praticamente, consolidou sua pretensa candidatura pregando união nacional em torno da redemocratização. O apoio dos governadores chegaria logo depois. Eles rejeitavam Paulo Maluf. Nesse período foi criada a Frente Liberal. Dos nove governadores apenas Wilson Braga, da Paraíba ficou com o candidato oficial.

Formou-se então, a aliança Democrática (PMDB/Frente Liberal) com Tancredo Neves encabeçando a chapa, tendo o senador José Sarney como candidato a vice-presidente. A vitória no Colégio Eleitoral foi acachapante. Obteve 480 votos e Maluf apenas 180. Tancredo Neves era o único candidato da oposição capaz de aglutinar o grupo dissidente do PDS. Seu passado de prudência e a habilidade política foram fundamentais para o êxito da aliança. O mineiro era mestre na arte de conviver com os contrários.

Depois da eleição consagrada no Colégio Eleitoral dia 15 de janeiro, Tancredo Neves empreendeu cansativa viagem pelos principais países da Europa e Estados Unidos anunciando a redemocratização que colocou um fim ao regime militar. Após o retorno, véspera da posse dia 14 de março, foi internado no Hospital de Base em Brasília para retirada de tumor benigno no abdome. Mas a imperícia dos médicos transformou a cirurgia em tragédia.

O paciente foi posteriormente transferido às pressas para o Hospital do Coração em São Paulo, onde foram feitas novas intervenções cirúrgicas, mas sem resultados. O presidente eleito faleceu dia 21 de abril. O destino que lhe proporcionou tantas vitórias lhe pregou uma peça no ato final. Assumiu como titular o vice José Sarney que se tornou primeiro presidente da Nova República, assim denominada por Tancredo Neves.

JOÃO BATISTA MACHADO é Bacharel em Comunicação Social (UFRN), jornalista e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

UM PEQUENO MAPA DO TEMPO: PRINCIPAIS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO BRASILEI- RA NA COLÔNIA, IMPÉRIO & REPÚBLICA VELHA:

Thiago Gonzaga

A história da Educação Brasileira nasce no Descobrimento, quando os portugueses trazem ao Novo Mundo, membros da Companhia de Jesus. Os denominados jesuítas não trouxeram somente a conduta moral, a religiosidade e os costumes europeus, trouxeram também métodos pedagógicos. Além do trabalho de pregação da fé católica, dedicaram-se ao trabalho educativo, pois logo perceberam que, para converter os índios à nova fé, teriam que primeiramente ensiná-los a ler e escrever. Estes procedimentos funcionaram de modo irrestrito durante mais de duzentos anos, de 1549 a 1759, quando uma nova ruptura marca a História da Educação no Brasil: a expulsão dos jesuítas por determinação do Marquês de Pombal. Se existia alguma coisa muito bem estruturada em termos de educação, o que se viu a seguir foi a mais completa desordem. Essa foi a primeira grande dificuldade, digamos assim, da educação brasileira na sua fase inicial.

O método empregado pelos jesuítas nas escolas do Brasil não se limitava ao ensino das primeiras letras. Além do curso elementar, eles mantinham também cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes.

Enquanto as escolas da Companhia de Jesus tinham por objetivo servir aos interesses da fé, Pombal, influenciado pelas ideias do Iluminismo propagadas na Europa, à época, pensou em organizar a escola para servir aos interesses do Estado, e criou as aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único. Criou também a Diretoria de Estudos que só passou a funcionar depois do afastamento do prestigioso Ministro.

Após o período das aulas régias, a situação não mudou, pois o ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e aumentando a submissão às autoridades e aos modelos obsoletos.

Percebendo que a Educação no Brasil estava estagnada, Portugal instituiu, em 1772, o Subsídio Literário para a manutenção dos cursos primário e médio. Era a taxação ou tributo, que incidia sobre a carne verde, o vinho, o vinagre e a aguardente. Nesse período, os professores eram geralmente mal preparados para a função, já que eram improvisados e mal pagos. Eram nomeados por indicação ou sob concordância de bispos, e se tornavam “proprietários” vitalícios de suas aulas régias.

Desmantelado, inteiramente, o sistema jesuítico, nada foi organizado para dar continuidade a um trabalho de educação efetivo e proveitoso. Esta situação somente mudou com a chegada da família real ao Brasil, em 1808. Cria-se então a escola de educação, onde se ensinavam as línguas portuguesa e francesa, retórica, aritmética, desenho e pintura. É criada também a Academia de Marinha, no Rio de Janeiro, e uma cadeira de Ciências Econômicas, na Bahia, da qual seria regente José da Silva Lisboa, o futuro Visconde de Cairu. Em 1810, D. João funda a nossa primeira biblioteca e a Academia Militar. Vários outros cursos são criados, e a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios torna-se Real Academia de Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, depois Academia de Artes.

Já no Império, embora o nosso país tenha sido elevado à categoria de nação livre em 1822, a educação brasileira não apresentou grandes mudanças. Este período histórico foi determinado pelas transformações ocorridas no século XVIII desencadeadas a partir da Revolução Francesa e da Revolução Industrial iniciada na Inglaterra, que abriram caminho para o avanço do capitalismo para outros países, inclusive Portugal.

A Assembleia Constituinte e Legislativa instalada após a proclamação da Independência para legar nossa primeira Constituição,

iniciou os trabalhos propondo uma legislação particular sobre a instrução, com o objetivo de organizar a educação nacional.

A Constituição outorgada em 1824, que durou por todo o período imperial, destacava, com respeito à educação: “A instrução primária é gratuita para todos os cidadãos.” Para dar conta de gerar uma lei específica para a instrução nacional, a Legislatura de 1826 promoveu muitos debates sobre a educação popular, considerada premente pelos parlamentares.

Assim, em 15 de outubro de 1827, a Assembleia Legislativa aprovou a primeira lei sobre a instrução pública nacional do Império do Brasil, estabelecendo que “em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”

A mesma lei estabelecia o seguinte: os presidentes de província definiam os ordenados dos professores; as escolas deviam ser de ensino mútuo; os professores que não tivessem formação para ensinar deveriam providenciar a necessária preparação em curto prazo e às próprias custas; determinava os conteúdos das disciplinas; preceituava o ensino dos princípios da moral cristã e de doutrina católica e apostólica romana; e que devia ser dada preferência aos temas, no ensino de leitura, sobre a Constituição do Império e a História do Brasil.

O Ato Adicional de 6 de agosto de 1834 instituiu as Assembleias Legislativas provinciais com o poder de elaborar o seu próprio regimento, e, desde que estivessem em harmonia com as imposições gerais do Estado, caber-lhes-ia legislar sobre a divisão civil, judiciária e eclesiástica local; legislar sobre a instrução pública, repassando ao poder local o direito de criar estabelecimentos próprios, além de regulamentar e promover a educação primária e secundária. Ao Governo Central ficava reservado o monopólio do ensino superior.

Baseado nessa Lei, cada província passava a responder pelas diretrizes e pelo funcionamento das suas escolas de ensino elementar e secundário. Logo se defrontaram, porém, com as dificuldades para dar instrução de primeiras letras aos moradores dos lugares distantes e isolados. Neste período, o acesso à escolarização era precário ou inexistente, tanto por falta de escolas, quanto de professores.

No final do Império, o quadro geral do ensino era de poucas Instituições Escolares, com apenas alguns liceus provinciais nas capitais, colégios privados bem instalados nas principais cidades, cursos normais em quantidade insatisfatória, para as necessidades do país, e alguns cursos superiores que garantiam o projeto de formação (médicos, advogados), de políticos e jornalistas. Havia um grande abismo educacional entre as elites e a maioria dos brasileiros que, quando muito, tinham uma casa e uma escola, com uma professora leiga para ensinar os pobres excluídos do interesse do governo Imperial. Tentou-se suprir a falta de professores, instituindo-se o Método Lancaster, conhecido também por método monitoral ou mútuo, que, diferia dos métodos que o antecederam, por utilizar alunos que se destacam dos demais, como alunos monitores, responsáveis por contribuir para o ensino do restante do grupo.

No período republicano, os primeiros anos caracterizaram-se por várias propostas educacionais, visando a inovação do ensino, como, por exemplo, a Reforma de Benjamin Constant, de 1890, bastante ampla, que, dentre outras mudanças, propunha a inclusão de disciplinas científicas nos currículos e dava maior organização aos vários níveis do sistema educacional, mas não foi posta em prática, inclusive por falta de infraestrutura institucional e apoio político.

O mesmo se pode dizer em relação às outras reformas que se seguiram. O Código Epiácio Pessoa (1901) acentuava a parte literária ao incluir a lógica e retirar a biologia, a sociologia e a moral; a Reforma Rivadávia (1911) retoma a orientação positivista, tentando infundir um critério prático ao estudo das disciplinas, ampliando a aplicação do princípio de liberdade espiritual ao pregar a liberdade de ensino e de frequência, abolindo o diploma em favor de um certificado de assistência e aproveitamento, e transferindo os exames de admissão no ensino superior para a faculdade, com o objetivo de que o secundário se tornasse formador do cidadão e não do candidato ao nível seguinte. Os resultados, no entanto, foram desastrosos, daí surgiram, dentre outras, as reformas Carlos Maximiliano em 1915 e a Rocha Vaz em 1925.

Concretamente, houve, com a República, uma certa ampliação no ensino secundário, mas esta só ocorreu no ensino particular. No ensino público houve um pequeno aumento no pessoal docente e uma diminuição nas escolas e matrículas. A elite governante, tendo conhecimento do baixo nível das escolas oficiais e desejando que seus filhos estudassem em níveis elevados, incentivava as escolas particulares. O governo não se interessava em ampliar a rede secundária, pois a economia não exigia nível médio.

De 1920 a 1929, existiram reformas educacionais estaduais a nível primário: a de Lourenço Filho, no Ceará, em 1923; a de Anísio Teixeira, na Bahia, em 1925; a de Francisco Campos e Mário Casassanta, em Minas Gerais, em 1927; a de Fernando Azevedo, no então Distrito Federal, em 1928; e a de Carneiro Leão, em Pernambuco, também em 1928. A Escola Primária Integral procurava exercitar nos alunos os hábitos de educação e raciocínio, noções de literatura, história e língua pátria, desenvolvendo o físico e a higiene. O Ensino Médio integrava o Primário, e o Superior deveria desenvolver o espírito científico com múltiplos tipos de cursos.- Defendia-se a organização universitária, voltada para o ensino, pesquisa e formação profissional, e criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Nestas reformas, a Educação é totalmente desvinculada do contexto histórico, embora se acreditasse que ela é um fator determinante na mudança social. Além do âmbito regional, restringiram-se ao curso Primário, já que nos planos Médio e Superior as ideias não chegam a alterar a organização e funcionamento nestes níveis.

No início da década seguinte à destas reformas, o Brasil irá presenciar o recrudescimento do conflito entre os dois grupos da classe dominante, a oligarquia do café e a burguesia industrial, que culminou com o fim da chamada República Velha.

REFERÊNCIAS

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

LOPES, Eliana Marta Teixeira (org.) **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

THIAGO GONZAGA é escritor e professor. Mestre em literatura comparada. Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar” e outros livros.

A PROBLEMÁTICA DA PECUÁRIA REGIONAL

Benedito Vasconcelos Mendes

Desde o século XVII, quando foram introduzidos pelos colonizadores portugueses nos sertões nordestinos, os animais domésticos vêm povoando praticamente todo o espaço regional. É difícil encontrar área no sertão, mesmo constituída de mata virgem, que não esteja sendo utilizada para a pecuária. Atualmente, cerca de 25 milhões de cabeças de bovinos, 7 milhões de ovinos e 6,3 milhões de caprinos estão sendo criados no Nordeste.

A pecuária extensiva, com número de animais acima da capacidade de suporte forrageiro do semiárido, exerce forte pressão sobre a biodiversidade local, tanto pela eliminação lenta das plantas mais palatáveis como pela compactação do solo, em virtude do pisoteio excessivo. Por causa do consumo contínuo por vários anos, as plantas vão exaurindo suas reservas até a morte, pois não têm tempo para se recuperar. De modo geral, os produtores rurais criam um número de bovinos, caprinos e ovinos acima da quantidade que deveriam criar, em vista de a capacidade forrageira da caatinga ser muito baixa. São necessários de 10 a 25 hectares de terra com vegetação nativa para a manutenção de um bovino adulto, isto nos anos chuvosos, já que, nas secas, a pecuária extensiva torna-se inviável. A produtividade animal é extremamente baixa, situando-se entre 5 e 15 quilos de peso vivo por hectare/ano. O superpasteio do gado, mormente ao redor dos locais de bebida, provoca compactação do solo pelo pisoteio excessivo, o que acelera o processo de desertificação, normalmente já em marcha na área. Consequentemente, ocorre a diminuição da biodiversidade. Atualmente, a criação extensiva de gado é fator de alteração ambiental que atinge quase toda a região seca do Nordeste. Ela alterou a biodiversidade pela troca das espécies de animais herbívoros (os herbívoros nativos foram substituídos pelos bovinos, ovinos e caprinos), pela mudança da composição florística da vege-

tação nativa usada para pastoreio (derrubada da mata para dar lugar às pastagens nativas, ou seja, a vegetação herbácea anual que recobre o solo) e pela substituição da vegetação por culturas introduzidas (pastagens cultivadas). A pecuária regional, além de ecologicamente mal orientada, torna-se inviável nas grandes secas por falta de forragens e água. Para explicar este fato, podemos citar o caso do estado do Rio Grande do Norte, que possuía 850 mil cabeças de bovinos antes da grande seca do século XX (1979 – 1983) e que, após cinco anos de estiagem, teve seu rebanho diminuído para menos de 300 mil cabeças. Rebanho bovino, mesmo de péssima qualidade, no mínimo duplica seu número em cinco anos. Naquela seca, no entanto, o rebanho bovino foi reduzido para cerca de um terço de sua quantidade. A região já dispõe de tecnologias para viabilizar a criação de bovinos na seca, como o uso de silagem e feno, o cultivo de forrageiras xerófilas (capim-búfel, capim-andropogon, leucena, palma forrageira, algaroba, juazeiro, canafístula e outras forragens exóticas e nativas) e a utilização de forrageiras irrigadas. Isto possibilita o auto-abastecimento do Nordeste com produtos de origem bovina (carne, leite, queijo, manteiga, couro), pois, no momento, quase toda a carne de boi consumida nas grandes e médias cidades do Nordeste é importada de outras regiões brasileiras. O Nordeste não pode continuar a importar carne, leite e seus derivados de estados situados fora da região. É urgente a necessidade de tornar exequível a pecuária de corte e leite no semiárido.

A pecuária regional é tão arcaica que, geralmente, estima-se que o boi para abate, criado no semiárido, leva o dobro de tempo, possui metade do peso e consome o dobro das despesas para sua criação, quando comparado com o boi criado nas outras regiões do Brasil. Isto ocorre em razão de os animais só ganharem peso no período chuvoso, quando existe disponibilidade de forragens nativas, passando o restante do ano mal alimentados, de modo que o crescimento torna-se lento e limitado, resultando em animais atrofiados por falta de boa alimentação. Nas secas periódicas, grande número de bovinos continua sendo dizimado pela fome e pela sede. No passado, a retirada de elevado número de cabeças de gado para estados vizinhos do

Polígono das Secas, principalmente para as zonas úmidas do Piauí e para os estados do Maranhão, Tocantins e Pará era comum.

Ultimamente, novas formas de manejo da caatinga vêm sendo indicadas, com o objetivo de aumentar sua produtividade forrageira. Os métodos de manejo, conhecidos por “Raleamento da Caatinga com Enriquecimento” e por “Rebaixamento da Caatinga”, são os mais difundidos. O “Raleamento da Caatinga com Enriquecimento” consiste na eliminação das espécies arbustivas e arbóreas não-forrageiras, com o subsequente enriquecimento da área, pelo plantio de forrageiras nobres. O “Rebaixamento da Caatinga” tem por fim tornar mais baixa a copa das forrageiras lenhosas, para facilitar a coleta de ramas pelos animais, especialmente pelos caprinos e ovinos. É feito pela poda dos arbustos e árvores forrageiras, de modo que a rebrota fique ao alcance do gado. Estes métodos de manejo da caatinga para fins de pecuária, embora importantes para esta atividade, podem afetar a biodiversidade, por causa do aumento da antropização provocada na cobertura vegetal.

O produtor rural nordestino tem como hábito criar muitos animais e cultivar plantas na mesma fazenda, não sendo especializado, portanto, na criação de um só animal e no cultivo de uma só cultura. No Nordeste seco, na agricultura de cerqueiro, não existe monocultura, pois planta-se um pouco de cada espécie. Criam-se bovinos, caprinos, ovinos, equinos, asininos, galinha caipira, guínês, perus, patos, porcos e outros animais na mesma propriedade rural. Esta herança cultural é importante porque dilui os riscos durante as secas e facilita a comercialização semanal na feira, para a formação da renda familiar. O cultivo das plantas também faz-se de maneira múltipla, sendo comum a cultura consorciada de feijão, milho e mandioca, e, em passado recente, também de algodão. Monocultura só é praticada na área irrigada.

Os roçados, após a colheita dos produtos, são utilizados para pastejo do gado (bovinos, caprinos e ovinos). Esta prática, generalizada em todo o Nordeste, diminui ainda mais o teor de matéria orgânica dos solos, e, em consequência, reduz o tempo de perma-

nência no mesmo local das culturas agrícolas, ou seja, acelera a rotatividade da agricultura itinerante.

Em decorrência do consumo pelos animais domésticos de toda a vegetação rasteira anual que reveste o solo e que seca após a estação chuvosa, a frequência dos incêndios nas caatingas tem diminuído. Na ausência do mato rasteiro seco, torna-se mais difícil a propagação do fogo.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é Engenheiro agrônomo, mestre e doutor. Sócio efetivo das seguintes instituições: Academia Norte-rio-grandense de Letras, Academia Mossoroense de Letras, Academia de Ciências Jurídicas e Sociais, Instituto Cultural do Oeste Potiguar e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GRÁCIO BARBALHO (1917–2017)

Leide Câmara



Fiz uma visita ao seu sagrado santuário-discoteca para encontrar suas memórias. Tudo estava como antes, os quadros, as fotos, cada objeto colocado por ele em lugar de destaque; inclusive o retrato de Pixinguinha, com autógrafo: “Ao novo amigo Grácio Barbalho ofereço com um forte abraço do seu amigo Alfredo Viana o Pixinguinha, em 9/7/1967”. Num canto, suas pelerines penduradas como troféus, os da Academia de Medicina e da Academia Norte-rio-grandense de Letras (modelo mais antigo da ANRL), trazendo as marcas do tempo, assim como a cadeira de balanço perto da velha vitrola, pronta para rodar suas músicas prediletas. Grácio falava pouco, tinha duas grandes paixões: ouvir músicas e colecionar discos, além da medicina.

Gostava de ouvir suas músicas e colecionar obras do seu interesse, as gravações elétricas que ele chamava de a “*Fase de Ouro da Música Popular Brasileira, de 1927 a 1952*” (discos de 78rpm, os de cera de carnaúba), apesar de ter em seu acervo discos de gravações mecânicas.

Guardava de memória, cada um dos 8 mil discos organizados em prateleiras. Sabia de cor encontrar cada um, e a história musical dos cantores, principalmente de Francisco Alves, o Rei da Voz e da pequena notável, Carmem Miranda (tinha a coleção completa dos dois). Onde tivesse uma obra que lhe faltava na coleção, não media esforços, nem despesas, pegava um avião e ia comprar. Costumava, nos meses de junho e julho, anualmente, ir ao Rio de Janeiro pesquisar e comprar discos indicados por seus amigos, para sua coleção.

Convivi pouco com ele, mas o suficiente para espelhar-me em seus exemplos. Quando fui agraciada com o título de Cidadã Natalense pela Câmara Municipal tive uma bela surpresa, sua presença, marcamos esse momento em fotografia.

O Saber Divino deu-nos a terra como solo para que o homem deixasse marcas em suas trajetórias ao plantar as sementes do viver para gerações futuras. Grácio Barbalho deixou como legado sua mais perfeita coleção e exemplos como profissional e amigo.

Grácio Guerreiro Barbalho nasceu em São José de Mipibu - RN, no dia 6 de junho de 1917 e faleceu em Natal - RN, no dia 12 de fevereiro de 2003, aos 85 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério Parque de Nova Descoberta em Natal, onde, tempos depois, foi sepultada Zuleide, sua viúva, no dia 23 de maio de 2006.

Filho de Isaias Herculano Barbalho e Anália Guerreiro Barbalho. Costumava lembrar que por volta do ano de 1921, quando tinha três anos de idade, ouvia sua mãe tocar piano, aí nascia o gosto de ouvir música. Grácio começou a ser colecionador de selos e sonetos, ainda na infância, no ano de 1927. Os primeiros sonetos coletados são datados de 1932 até o ano 1936, um total de 600 sonetos, todos copiados a mão e depois encadernados. Outra coleção que fez foi a de carteiras de cigarros (acabou sendo um fumante inveterado).

O menino Grácio cresceu, chegou a hora de estudar em Natal. No ano de 1929, foi internado no Colégio Pedro II, do Professor Severino Bezerra de Melo (1888 - 1971). Entre seus colegas de turma estavam Nilton Pessoa de Paula e Ascendino de Almeida Júnior, (que mais tarde o recebeu na ANRL). Permaneceu até o ano de 1934 quando deixou o Co-

légio Pedro II para estudar no Ateneu Norte-rio-grandense; foi aluno de Câmara Cascudo, Celestino Pimentel e Padre Luiz Monte, entre outros.

Fez a sua graduação na Escola de Medicina do Recife-PE, de 1935 a 1940. Com 23 anos de idade, colou grau. Quando estudante em Recife, conheceu, em 1939, sua futura amada, a pernambucana Zuleide do Lago Rabelo, nascida no dia 31 de maio de 1924. Primeiro casou no civil, em 1941, ano em que foi exercer a medicina na cidade de Santana do Matos, interior do estado do Rio Grande do Norte. O casamento religioso foi realizado na Paróquia de Nossa Senhora da Soledade no dia 27 de fevereiro de 1943, em Recife. Casado, continuou residindo em Santana do Matos, cidade onde exerceu a profissão de médico obstetra, fez grandes amigos, entre eles o promotor de Justiça Manoel Onofre de Souza e sua esposa Maria Cristalina da Costa Onofre, pais do Acadêmico Manoel Onofre Júnior, de quem fez o parto. Permaneceu na cidade até o ano de 1948.

Grácio recebeu o Título de Cidadão de Santana do Matos, pelos relevantes serviços prestados à cidade.

No ano de 1944, já residindo em Natal, nasceu, no dia 15 de fevereiro de 1944, a primeira filha do casal, Isis Barbalho Santini, atualmente casada residente em Recife-PE; em 1945 chega a segunda, Ceres Rabelo Barbalho, nascida em Natal no dia 5 de setembro de 1945, solteira, reside na cidade, somente em 1949 nasceu o primeiro filho, Paulo Marcelo Rabelo Barbalho, em Recife no dia 29 de novembro de 1949, reside em Natal. A família cresceu, são sete netos, dois filhos de Paulo e cinco de Isis. Paulo Marcelo homenageou seu pai, ao nascer o primeiro filho, no dia 12 de fevereiro de 1996, batizando-o com o nome de Grácio Barbalho Neto.

Inaugurou, no dia 6 de dezembro de 1949, em Natal, “O Laboratório do Dr. Grácio”, como era conhecido. Este veio a ser um renomado Laboratório de Análises Clínicas, situado na Rua Heitor Carrilho, nº 104, na Cidade Alta.

Segundo informou seu filho Paulo Marcelo, ele costumava dizer que o gosto pelos discos começou quando comprou, em 1951, sua primeira Rádio Vitrola de marca Philco, a mais moderna da época.

ca. Aí passou a comprar discos. Anos depois, descobriu que os discos vinham enumerados de fábrica e desde então despertou o interesse em seguir a sequência e em completar a sua coleção.

No ano seguinte é nomeado por Dr. Januário Cicco para ser Analista na Maternidade (atual Maternidade Escola Januário Cicco). Foi professor Catedrático de Bioquímica, Patrono da turma de médicos de 1965.

Em 1968, assumiu o cargo de vice-diretor, depois diretor da Faculdade de Medicina do RN. Foi nomeado pelo governador Walfredo Gurgel para o Conselho Estadual de Cultura, com mandatos renovados nos Governos de Tarcísio de Vasconcelos Maia e Garibaldi Alves Filho.

O exercício da medicina não o impediu de colecionar seus discos. Em 1972, recebeu o Diploma de Consagração Cultural – Música Popular Brasileira. Em 1975, participou do Congresso Brasileiro de Frevo e, em 1976, torna-se membro fundador do Elos Clube do Natal - filiado ao Elos Internacional da Comunidade Lusíada. Membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores de Música Popular, criada em Curitiba, em 1976. No ano seguinte, assume a Presidência da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos – Seção RN. Agraciado, em 1983, com o Prêmio Almirante, outorgado pelo Museu da Imagem do Som - Mis-RJ e posse como membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, recebeu o Diploma de “Amigo da Marinha”, em 29 de março de 1984. Recebeu o Título de Cidadão Natalense, pela Câmara Municipal do Natal, propositura do Vereador Érico de Souza Hackradt, Decreto Legislativo nº 161/82. Foi um dos fundadores da Academia de Medicina do RN, (em primeiro de outubro de 1985). O amigo e Acadêmico Newton Navarro pintou, em 1987, um quadro da casa onde nasceu Grácio Barbalho em São José de Mipibu.

Parainfo Geral das Turmas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Colação de Grau Única em 1988. Outra homenagem aconteceu quando seu nome foi escolhido, em 1993, para nominar a Musicoteca da UFRN.

Foi contratado pelo Departamento de Assuntos Culturais do

Ministério de Educação e Cultura para fazer o levantamento da discografia brasileira em discos de 78rpm juntamente com os pesquisadores Alcino Santos, Jairo Severiano e Miguel Ângelo, mais conhecido por Nirez, obra de maior importância para história da música.

Recebeu a Comenda do Mérito Dr. Aurélio Pinheiro do Conselho Regional de Medicina do RN, em reconhecimento a relevantes serviços prestados ao Estado do Rio Grande do Norte. Quando fez uma viagem a Portugal, encantou-se com a obra de Eça de Queiroz (José Maria de Eça de Queiroz, 1845 – 1990). O Acadêmico Alvamar Furtado, que tinha ido com ele, presenteou-lhe com uma coleção completa de Eça .

Sua casa era uma parada obrigatória, uma referência para figuras ilustres que visitavam Natal, entre eles: Capiba, Nelson Gonçalves, Pelé, Chico Buarque. Quando o cantor, Sílvio Caldas, veio residir em Ponta Negra, de 1970 a 1971, era frequentador de sua casa. No lançamento do seu livro Popular em 78 rotações, Henfil esteve presente.



GRÁCIO BARBALHO NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Pertenceu-lhe a cadeira 2 que foi fundada por Henrique Castriano, criada em 1936, que tem como patrona Nísia Floresta. Grácio foi eleito como segundo sucessor, em 1982, e permaneceu como acadêmico por 21 anos, até 2003 quando faleceu. Seu sucessor foi seu amigo Ernani Rosado. Foi eleito neste ano de 2017, como o terceiro sucessor, o escritor Humberto Hermenegildo.

Grácio Barbalho, quando foi eleito em 14 de outubro de 1982, era presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras o médico Onofre Lopes; na posse em 2 de maio de 1985, era presidente o Acadêmico Diogenes da Cunha Lima, sendo saudado pelo amigo Ascendino de Almeida Júnior. Quando faleceu, a Oração do Necrológio foi proferida pelo Acadêmico Dorian Gray Caldas, no dia 3 de abril de 2003. Na ocasião, seu filho Paulo Marcelo Rabelo Barbalho representou a família.

Obras publicadas

1982

1982 - O Popular em 78 Rotações - FJA

1982 - A história da Discografia Brasileira em 78rpm (1902-1964) em parceria, com os pesquisadores Alcino Santos, Jairo Severiano e Miguel Ângelo, Nirez). Discografia Brasileira – (São 5 volumes) – Funarte

1985

1985 -Discurso de posse de Grácio Barbalho e discurso de saudação de Ascendino Henrique de Almeida Júnior na ANRL – Editora Universitária (plaquete)

1985 - Discografia da música popular brasileira 1 – discografia de Francisco Alves (organizador)

Dr. Grácio Barbalho, grande pesquisador e colecionador de Música Popular Brasileira.

Nossa saudade.

TRIBUNAL DE CONTAS SEXAGENÁRIO

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Neste ano de 2017 o Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte estará completando 60 (sessenta) anos de existência.

Criado pela Lei nº 2.152, de **20 de novembro de 1957**, final do Governo Dinarte Mariz, teve como pioneiros os Ministros, em número de 7 (sete): Vicente da Mota Neto (primeiro Presidente), Oscar Nogueira Fernandes, José Borges Montenegro, Lindalva Torquato Fernandes, Aldo Medeiros, Morton Mariz de Faria, Romildo Fernandes Gurgel (segundo Presidente) e como Procurador Geral o Doutor Múcio Villar Ribeiro Dantas.

O seu primeiro Regimento Interno foi aprovado pela Resolução nº 1/63, de 25 de janeiro de 1963, prevendo o funcionamento da Corte de Contas em composição Plena e através de três Câmaras, com as competências específicas sobre os processos do interesse dos Municípios, da Administração Indireta e dos processos oriundos de recursos fiscais da Fazenda do Estado, além de um Ministro Semanário, com atribuições de registro diário da redistribuição de créditos às repartições até determinada importância – era uma forma de dinamizar a administração.

Posteriormente a Câmara de Recursos Fiscais passou a funcionar como órgão autônomo ligado ao Poder Executivo.

A primeira sede foi na casa que serviu como residência oficial do Governador, na Rua Campos Sales, 764, depois ganhou melhorias físicas e sua segunda sede, localizada na rua Seridó, 425, em frente ao Colégio Sete de Setembro, por iniciativa do novo Governador Aluizio Alves - o primeiro a ter as suas contas apreciadas pelo TCE. Ganhou também uma nova formação com a edição da Lei nº 2.748, de 8 de maio de 1962, aumentando de sete para nove Ministros, sendo nomeados dois novos membros, o ex-governador

José Varela e José Petronilo Fernandes. Em 1966 foram nomeados Aluizio Gonçalves Bezerra e José Gobat Alves. Contudo, com a superveniência da Constituição Estadual de 1969 ficou restabelecido o número de Conselheiros (nova denominação determinada) em número de 7 (sete), razão pela qual os excedentes foram postos em disponibilidade.¹⁸

Na sequência do tempo, peregrinou por outros lugares, logrando a sua sede própria no prédio readaptado da Assembleia Legislativa do Estado, na Avenida Getúlio Vargas, 690.

O crescimento das atribuições do TCE e do próprio Estado, revelaram a necessidade de construção de novas instalações para o Tribunal, mudou-se, então para um prédio da antiga Companhia de Desenvolvimento Mineração – CDM, na Avenida Interventor Mário Câmara até o seu retorno definitivo para o edifício construído na sua sede anterior, onde ainda se encontra, cujo edifício recebeu o nome de “Múcio Villar Ribeiro Dantas”, justa homenagem a que trabalhou com desvelo e competência pela Corte de Contas, sendo o homem que ditou todas as regras e compassos fundamentais da Instituição e a retirou de sucessivas crises.

Conta a história que a sua instalação não foi pacífica, eis que a sua criação foi questionada perante o Supremo Tribunal Federal, o qual decidiu pela legalidade de sua existência, tendo havido o pronunciamento, em sede de Parecer, dos eminentíssimos juristas Francisco Campos e Orozimbo Nonato. Afinal, a instalação do TCE aconteceu em 12 de janeiro de 1961.

18 Na versão do Dr. Múcio Villar Ribeiro Dantas, *in* Revista do TCE ano II, vol. 2, nº 1 – dez 1988: **Composição:** Em 1963 o número foi elevado para 9, com a nomeação dos Ministros José Augusto Varela e Manoel de Medeiros Brito. Em 1966 elevado para 11 Ministros, com o ingresso de Aluizio Gonçalves Bezerra e José Gobat Alves. Posteriormente, em virtude de disposição legal, foram postos em disponibilidade Aldo Medeiros e Lindalva Torquato, sendo nomeados para suas vagas José Vinicius Dantas e José Petronilo Fernandes. Em 30/11/66 aposenta-se o Ministro José Varela, sendo nomeado para sua vaga o Bacharel Manoel Benício de Melo Sobrinho e, com a aposentadoria do Ministro Vicente da Mota, o ex Ministro Aldo Medeiros reverteu à atividade. Com a superveniência da Constituição de 1969 quatro Membros, agora denominados Conselheiros, foram colocados em disponibilidade: José Petronilo, Manoel Benício, José Gobat e Aluizio Bezerra. Em 7/4/72, com a aposentadoria de Romildo Gurgel, houve o retorno de Lindalva Torquato Fernandes. [mais adiante José Gobat retornou ao cargo].

Daí em diante passou a ser reconhecido constitucionalmente, consoante as Cartas Estaduais de 14 de maio de 1967, 23 de abril de 1979 até a de 3 de outubro de 1989, ainda vigente.

Suas comunicações eram feitas inicialmente através de um Boletim Administrativo criado pela Resolução nº 09, de 1974, posteriormente alterado para Boletim Oficial, pela Resolução nº 10, do mesmo ano. Nele, além dos registros das decisões e atos administrativos, também eram publicados artigos, notas e informações. Com a evolução dos meios de comunicação ganhou nova forma de publicação, através da Revista do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte, dentro da mais moderna técnica, ampliando suas mensagens com cadernos especiais, inclusive, a cada edição, prestando homenagem a uma grande figura da nossa história, como já aconteceu com os imortais da nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras: Câmara Cascudo, Onofre Lopes, D. Nivaldo Monte, Raimundo Nonato Fernandes e Dorian Gray Caldas. Vale ressaltar, ainda, que muitos Acadêmicos da nossa ANRL já emprestaram os seus serviços à Instituição de Contas, a teor de Sanderson Negreiros, Valério Mesquita, Ticiano Duarte, Cláudio Emerenciano, João Batista Machado, Carlos de Miranda Gomes e Woden Madruga.

Paralelamente a esse meio oficial de divulgação, o TCE-RN ainda editou o impresso “TCE em Pauta”, informativo que divulga o lado cultural da Entidade, com amplo conhecimento das suas ações de ordem geral, com menor volume de páginas, mas publicisando os fatos em atualidade.

Os demais atos administrativos, salvo determinação em contrário do Tribunal, são publicados em Boletim Oficial, que lhe cabe manter e no Diário Oficial Eletrônico.

Hoje o TCE-RN está estruturado pela sua nova Lei Orgânica (Lei Complementar nº 464, de 05 de janeiro de 2012) e pelo Regimento Interno aprovado pela Resolução nº 009/2012-TCE, de 19 de abril de 2012, sendo composto por 7 (sete) Conselheiros, ocupantes dos cargos/funções de Presidente, Vice-Presidente, Presidentes das Câmaras, Corregedor, Diretor da Escola de Contas e

o Ouvidor. Funciona dividido em duas Câmaras – a Primeira que tem a competência de julgar as contas dos administradores e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos das unidades dos poderes dos Municípios, e das entidades de sua administração direta e a Segunda, com a competência de julgar as contas dos administradores e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos das unidades da administração indireta estadual e municipal, nestas incluídas as autarquias, fundações públicas, fundos especiais, sociedades instituídas ou mantidas pelo poder público, e suas relações com as entidades do terceiro setor e outras qualificadas na forma da lei para prestação de serviços públicos, e as contas daqueles que derem causa a perda, extravio ou outra irregularidade de que resulte dano ao erário.

Para a sua composição são resguardados os seguintes preceitos da Constituição do Estado, reproduzidos em sua Lei Orgânica:

Art. 19...

§ 1º. Os Conselheiros do Tribunal serão escolhidos, nos termos da Constituição Estadual:

I - três pelo Governador do Estado, sendo um de livre escolha e dois, alternadamente, dentre Auditores e Membros do Ministério Público junto ao Tribunal, mediante lista tríplice organizada pelo Tribunal, observados os critérios de antiguidade e merecimento, e encaminhada ao Chefe do Poder Executivo, precedida, a nomeação, de arguição pública pela Assembleia Legislativa, que deliberará por voto secreto; e

II - quatro pela Assembleia Legislativa.

§ 2º Providas as sete vagas que se abrirem no Tribunal de Contas do Estado, a partir da vigência da Constituição Estadual, as vagas que se derem em seguida serão providas ou pela Assembleia Legislativa, ou pelo Governador do Estado, conforme tenha sido investido o Conselheiro a ser substituído.

Complementam as atribuições do TCE-RN, consoante o art. 25 da sua Lei Orgânica, os Auditores, em número de três, nomeados mediante aprovação em concurso público de provas e títulos, dentre portadores de títulos de curso superior em Ciências Contábeis e Atuariais, Ciências Jurídicas, Ciências Econômicas ou Administração, que satisfaçam os seguintes requisitos:

I - ter mais de trinta e cinco e menos de sessenta e cinco anos de idade;

(Incluído pela Lei Complementar nº 531, de 12 de janeiro de 2015)

II - idoneidade moral e reputação ilibada; (Incluído pela Lei Complementar nº 531, de 12 de janeiro de 2015)

III - notórios conhecimentos jurídicos, contábeis, econômicos e financeiros ou de administração pública; e

IV - contar com mais de dez anos de exercício de função ou de efetiva atividade profissional que exija os conhecimentos mencionados no inciso III deste artigo.

Ainda faz parte de sua estrutura, de conformidade com o art. 28 do referido documento, o Ministério Público junto ao Tribunal de Contas, estruturado em lei complementar, de acordo com os princípios da unidade, indivisibilidade e independência funcional e com os direitos, vedações e forma de investidura relativos ao Ministério Público, nos termos da Constituição Federal.

A Instituição conta com o apoio da Escola de Contas, realização de um antigo anseio dos que fazem o Tribunal de Contas, nascido pela ação decidida do Presidente Tarcísio Costa ao encaminhar projeto à Augusta Assembleia Legislativa do Estado, que o transformou na Lei Complementar nº 258, de 02 de dezembro de 2003 e que teve como seu primeiro Diretor o autor deste trabalho, que lhe deu o conteúdo normativo necessário ao seu funcionamento.

Pela Resolução nº 006/2004-TCE, de 12 de fevereiro de 2004, a Corte de Contas, numa justa homenagem de reconhecimento ao seu ex Diretor Geral Severino Lopes de Oliveira, deu o seu nome à recém criada Escola, que através da Resolução nº 008/2004-TCE, de 26 de fevereiro de 2004, aprovou o seu Regimento Interno tendo por finalidades o desenvolvimento de estudos relacionados com as técnicas de controle da administração pública, o planejamento e execução de ações destinadas à capacitação e ao aperfeiçoamento dos servidores do Quadro de Pessoal do Tribunal de Contas, bem como a realização de treinamento dos gestores e técnicos pertencentes aos órgãos jurisdicionados, sem embargo da promoção de cursos de formação, ciclos de estudos, conferências, simpósios, seminários, palestras e outros eventos assemelhados, como também a realização de pesquisa e consultoria em gestão pública e cursos de extensão voltados para os interesses na área de Direito Financeiro, Administrativo, Tributário, Contabilidade e Gestão Pública.

A sua instalação aconteceu no dia 18 de março de 2004, criando uma atmosfera propícia para o seu desenvolvimento e realizando vários eventos: o primeiro foi o I Ciclo de Estudos denominado “Quem Somos”, numa homenagem ao ex Presidente Romildo Fernandes Gurgel, que prestou pungente e histórico depoimento publicado na Revista do TCE v.1 nº 1 – dezembro de 1996.

Em seguida foram realizados o I Seminário de Integração entre os Controles Interno e Externo, contando com as participações das Controladorias Gerais da União e do Estado, depois uma série de Auditagens-Escola Municipais – a I reunindo os Municípios da Grande Natal; a II ocorrida em Caicó, contando com a participação de vários Municípios do Seridó; o III foi em Mossoró, congregando 57 Municípios da Zona Oeste e por fim a IV, em Macau, contando com 37 participantes, concluindo a 1ª fase do nosso contato com o povo, através dos seus representantes locais. Em cada ocasião era apresentado um temário condizente com as exigências adicionais no último ano de mandato, permitindo que os gestores que terminassem suas administrações conscientemente, fazendo a entrega dos órgãos que administravam aos seus sucessores em condições de gover-

nabilidade, sendo distribuída uma *Cartilha*, fixando os pontos mais relevantes, da transição, elaborada por este articulista.

Todos esses eventos foram acompanhados pela imprensa, mas a importância e o resultado dessas ações ainda não chegaram ao coração da população, com a dimensão que está a merecer, pois aqui efetivamente começou uma inovação na relação - Órgão Fiscalizador e Órgãos Fiscalizados, difundindo a importância da Lei de Responsabilidade Fiscal.

É importante que a sociedade reconheça o que de bom o Tribunal de Contas está fazendo para toda a Comunidade Potiguar, mudando aquela impressão apregoada pelos “coveiros” da administração, sempre dando valor aos eventuais defeitos em detrimento da maior parte de sua ação, positiva e promissora.

PARABÉNS AO TRIBUNAL DE CONTAS DO RIO GRANDE DO NORTE, na oportunidade dos seus 60 anos de existência.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é Procurador de Contas aposentado, professor e escritor, autor de “O Menino do Poema de Concreto” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.





CRÔNICAS



O BARRO VERMELHO DA MINHA INFÂNCIA

Lívio Oliveira

(I)

APERTO O PASSO e sigo vivendo. Vou me recordando da ingenuidade de criança, quando tudo era bom e esperançoso e eu sentia que o mundo era grande, o quintal da minha casa no Barro Vermelho era um playground cheio de árvores em que nós subíamos e ficávamos mirando a estátua de São Pedro, que ainda hoje está fixa no topo da igreja lá no início do Alecrim. E nem nos dávamos conta de que o cemitério, em que estão guardados alguns dos nossos ancestrais, ficava (e fica) ali nos arredores. Era um tempo em que a inocência e a esperança venciam a morte, a ponto de termos caído algumas vezes da mangueira alta, frondosa e produtiva (manga rosa), sem que quebrássemos nenhum ossinho do corpo frágil e ainda magro.

**

EXPLORAVA O INTERIOR DAS CASAS, dezenas, talvez mais que uma centena. O Barro Vermelho era o meu império. E conhecia os mágicos quintais de cada uma, onde buscava as frutas que adoçavam a minha infância: goiaba, caju, araticum, siriguela (juro que não encontrei no Houaiss), manga, pitanga etc etc etc. Eu era mesmo o rei-criança, não tinha os limites que tenho hoje. Talvez eu não conheça atualmente nenhum apartamento dos meus vizinhos de prédio...a vida é bem diferente.

MEU IRMÃO JANSÊNIO me lembra que a gente “arremedava” o encanador ambulante, aí ele dizia: “desentope pia, lavanderia, bidê e o c. de quem quiser!!!” Bem, eu tenho outra versão, mas sei que a memória dele é muito melhor que a minha. E ainda salien-

ta: “Quando provocávamos os vigias, eles respondiam bem alto: “Se não fosse o vigia, tua mãe não paria!”

O MEU BOM AMIGO CHICO, lá dos bons tempos da Segundo Wanderley, também traz a recordação de que o povo da SW mexia com todo mundo que passava ali: garrafeiros, “mocorongos”, “caga-lonas”, dentre outras figuras admiráveis daquela época inocente. A resposta era somente palavrão. Evidente que odiavam as nossas chacotas, mas deviam se esforçar por entender que estávamos nos verdes anos de nossas vidas. E nos perdoavam, ao fim e ao cabo.

(II)

O BARRO VERMELHO era, na minha infância, um ambiente em que todos os sonhos se punham em condição potencial de realização. Explorar cada recanto, com o olhar e os ouvidos abertos para a percepção de um mundo especial – em alguns momentos quase surrealista – era a aventura maior e mais nobre.

Da casa dos meus pais, na rua Segundo Wanderley (primeiro nome de poeta que ouvi), eu partia sempre em busca de aprendizados, às vezes rudes, às vezes suaves, enriquecedores do perfil de menino cheio de inquietudes. Sonhava com as alturas, quando subia nas árvores, muros e telhados, e me realizava mesmo nas brincadeiras e jogos de rua, no chão de barro dos campinhos dos arredores (Cadinho Guedes, na Meira e Sá, e outros) ou nos paralelepípedos que arrancavam pedacinhos dos dedos da meninada, principalmente na rua Coronel João Gomes.

Era ali mesmo onde encontrava os amigos e companheiros imberbes e com coragem e imaginação para a vitória sobre todos os obstáculos. Onde mais haveria um menino (meu irmão “Jansa”?)! que, ao receber dinheiro da nossa mãe para jogar no bicho, chegara em casa noticiando ter jogado no hipopótamo (já sem o dinheiro – gasto em aluguel de bicicletas – e se preparando para a surra)? Também lá, naqueles corredores – antes arborizados e perfumados – até o

Colégio das Neves, o coração palpitava quando passavam as colegiais bonitas e já se alimentavam as nossas primeiras paixões românticas e infantis (que somente muito mais tarde seriam experimentadas na plenitude e na vivência real).

Vou perguntando a parentes, amigos e vizinhos de infância sobre as lembranças do Barro Vermelho nos anos 70 e vou me deparando com apelidos sensacionais, até certo ponto afetuosos, como esses: Besourão, Metade, Miminha, Gabilão, Barrão, Pirão, Bilola, Papudo, Bode, Sibite, Baleia, Circuito, Buclina, China, Pirata, Baia-cu, Pixinga, Vampiro, Rato, Rata, Monstro, Pelado, Bubano, Cuíca, Jadiguru, Pimbão, Furiba etc...como eram mais divertidos, criativos e originais aqueles tempos! E cada uma dessas figuras um mundo curiosíssimo à parte.

O colorido humano do Barro Vermelho era mesmo impressionante. Não havia um dia em que não tivéssemos histórias novas para relatar e para ouvir. Algumas tão cabeludas, que sequer podem ser transcritas para este desprezioso texto memorialístico. Tem umas muito bonitas. Tem uma que a prima Marisa Nóbrega me relatou, e que dá mesmo um conto maravilhoso, até uma cena insuperável de cinema. Quero escrever! Quero escrever!

Uma certeza é absoluta: todas as histórias do BV dos anos 70 têm sabor e sensação, com riso ou com dor, com o sangue das cabecinhas quebradas e dedinhos rasgados nos calçamentos, ou com o sumo doce dos frutos bons, descolados de seus talos para a apreciação da molecada voraz e cheia de atrevidos sonhos.

(III)

MUITAS VEZES caminhei sozinho no Barro Vermelho. Era uma calma só. Algo bucólico. Nas manhãs preguiçosas de domingo, procurava os amigos para brincar. Quase todos dormiam, enquanto a minha desperta inquietude se misturava ao mundo. Andava por todas as ruas, sem destino, investigando a cena, quase sempre enso-larada, das ruas e becos. Percebia fácil se alguma fruta despencasse das árvores ou se algum pequeno animal – gato, cachorro, papagaio,

passarinho, lagartixa – anunciasse a sua presença lúdica. Os carros eram poucos, as motocicletas pouquíssimas.

Não havia tanto ruído. Às vezes passava uma carroça qualquer, sempre puxada por um pobre e emagrecido cavalo ou burro. Era de dar dó. Ainda é assim, porque as tenho visto neste novo século, novo milênio, em que as mudanças, as reformas, parecem mais querer arrancar pedaços de nossas memórias e de nossas histórias. Este tempo está cheio de frenéticas mudanças tecnológicas e até legislativas, mas os burros continuam puxando as carroças, cabisbaixos. E já não caminho mais com a mesma tranquilidade que experimentava naquelas manhãs de domingo dos anos 70. No entanto, ainda me sinto tão só. Talvez todos ainda estejam dormindo.

**

AINDA HOJE prefiro driblar as amarguras e seguir caminhada, apesar dos percalços. Melhor guardar os doces sabores, como aqueles das guloseimas da Mercearia de Belkiss, onde eu passava tardes sentado em caixotes de madeira que comportavam refrigerantes (Dore-Cola, Grapette, Guaraná-champanhe da Antártica, Guaraná da Brahma, Coca-Cola, Fanta Uva, Fanta Laranja, Pepsi-Cola). Ficava ali, sem camisa, comendo salgados e doces, observando o movimento e as novidades que se espalhavam muito rapidamente.

Bel (assim a chamamos, carinhosamente) sempre foi e continua sendo um amor de pessoa. Gentil com todos. Às vezes, até ingênua. Por isso mesmo acredito que todos a protegiam quando mantinha o estabelecimento. Ninguém permitia que fosse desrespeitada. Também apreciava as suas idas frequentes à Igreja São Pedro. Ficava acompanhando com o olhar de admiração, até que ela dobrasse a curva, onde encerrava o muro longo do Colégio das Neves. Belkiss sempre significou, para mim, uma espécie de santa a abençoar a Segundo Wanderley e o Barro Vermelho. Ainda a vejo, às vezes, quando visito mamãe. E sempre me sinto em paz nesses instantes.

NOS DIAS DE CHUVA, ficávamos em festa. Principalmente, se fosse intensa e duradoura. Corríamos pela rua encharcada – cuidando para não escorregar, senão acabava a brincadeira – e íamos em direção às bicas torrenciais. Já sabíamos que uma, da Calixtrato Carri-lho, era a mais forte, verdadeira catarata, de doer o cocuruto quando a água batia dura e gelada, quase perfurante. A gente se tremia de frio, pulava e gritava de alegria. Não havia sentido nenhum? Havia, sim! Havia todo sentido. Todo sentimento, como diria Chico Buarque. Ainda hoje, quando chove em Natal, tenho uma vontade imensa de sair correndo pelas ruas do meu bairro atual, em busca das torrentes d'água que banhavam de alegria a molecada do Barro Vermelho.

(IV)

ANOS 80...a cena Rock era forte lá no Barro Vermelho (aliás, desde os anos 70, quando houve até excursão de alguns a Recife para o show de Rick Wakeman, ícone do Rock Progressivo). Trago para cá uma história, dentre muitas da época: O amigo Ricardo China disse que me emprestaria uns discos. Fui na sua casa. Ele já havia saído da Segundo Wanderley e estava morando na Alexandrino de Alencar. Tinha uma grande coleção deelepês. Dirigiu-se à estante, pegou um do Queen (um verde, com um robô gigante na capa, além de mais uns dois dos quais não me recordo) e me emprestou, todo desconfiado, morrendo de medo de eu dar fim. Levei os discos pra casa e disse que os devolveria em duas semanas. Acho que ele não acreditou.

Pois bem. Antes das duas semanas, devolvi os discos, só que antes os lavei com sabão de coco (produto indicado e eficaz) e limpei as capas com todo cuidado, paninho úmido e tudo. Aproveitei e também fui até a loja Modinha, na Princesa Isabel, e comprei umas sobrecapas de plástico. Levei-os assim para ele, renovados, reluzentes. Emprestou-me mais uns três, ainda desconfiado e inseguro. A ocasião se renovou e cumpri novamente o prazo de devolução. E refiz toda a operação de limpeza e melhoramento das condições dos discos.

Na terceira ou quarta vez que voltei lá, já me recebeu muito animado, com o olhar mais vivo, alguma alegria explícita. Na quinta

vez, vendo que eu estava deixando a sua coleção brilhando, tinindo, disse entusiasmado: “– Cara, pode pegar o que quiser aê! Não se acanhe! Deixe de frescura!”.

**

NO BARRO VERMELHO havia um espírito fortemente lúdico, festivo. Nos anos setenta, a rua Coronel João Gomes (depois, também a avenida Jaguarari, nos oitenta) era fechada por ocasião das comemorações juninas. Eram festas que chamavam a atenção de toda a cidade, cheias de surpresas engraçadíssimas, hilariantes mesmo. Todos se envolviam, desde a véspera, preparando-se o cenário do casamento matuto (Miltinho, que foi o noivo junino em 1979, mostrou-nos há pouco uma foto histórica lá no grupo de “Zapi” da Segundo Wanderley) e também sendo “inventadas” as bebidas (umas batidas muito doces) e comidas para a festa. Os traques, cobrinhas, peidos-de-véia, bombas-bujão alarmavam e divertiam todo mundo. E faziam o terror dos cães e gatos, coitados. Eram armadas na rua de paralelepípedos umas “paredes” de palha de coqueiro. Aquele espaço, reino indevassável, transformava-se em um ambiente de sonhos: – Anarriê! Anavantu! Changê! Balancê! Era tudo delirante. Daquele delírio que ficou no passado sobram as muitas saudades, ainda com a cor sanguínea das paixões, todas alimentadas e sonhadas no Barro Vermelho.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “Teorema da Feira” e outros livros.

A BARBA

Vicente Serejo

Câmara Cascudo foi um leitor atento dos ensaios etnográficos de J. Leite de Vasconcelos, referência na vida intelectual portuguesa na segunda metade do século dezanove e primeira do século vinte. É uma presença nos estudos cascudianos. Viveu quase 83 anos, julho de 1858 a maio de 1941. Sem ele, o estudo da cultura popular em Portugal e no Brasil não teria trilhado caminhos tão precocemente eruditos ao lado de outros grandes nomes, como Teófilo Braga e Adolfo Coelho.

Vasconcelos inspirou Cascudo na Acta Diurna de 4 de fevereiro de 1949 - 'A barba crescida e o luto', publicada no Diário de Natal. O enlutado, no Brasil, informa Cascudo, não fazia a barba antes do sétimo dia. Mas, a barba era também sinal de austeridade e poder, e ainda da boa estética máscula e viril. E quem, em língua portuguesa, primeiro estudou a barba do rosto do homem? Leite de Vasconcelos, num ensaio publicado em 1925, que classificou de uma 'etnografia comparativa'.

Tem aqui nestas estantes a edição original do ensaio de Vasconcelos, um exemplar perfeito e encadernado em couro pleno. Deixo de lado o encanto do volume para lembrar que a barba é hoje uma moda que vai e volta de vez em quando. Seus ciclos de fulgor, a julgar pelos recortes que tenho aqui, ficaram mais intensos a partir de 2005. Naquele ano, o poeta Ferreira Gullar registrou numa de suas crônicas o desprestígio social do chapéu e do bigode. Hoje, doze anos depois, estão em voga.

Outro dia, ou para ser mais preciso na edição de 8 de fevereiro de 2015, a Folha de S. Paulo registrou a moda das jovens inglesas e americanas voltando ao tempo dos hippies, com seus pelos crescidos nas axilas. Algumas, mais ousadas, chegavam a pintar esses pelos,

assim como os jovens tingiam a barba de cores fortes. Ainda em 2015, ai pelos dias de março, os coques surgiram sobre a cabeça dos homens, num estilo, digamos, samurai, além de vivos bigodes artisticamente recortados.

Só agora, neste junho que passa com os dias lavados a jato, a matéria da Folha de S. Paulo levantou um aspecto novo que atesta a força de atração da barba. Mais do que apenas moda, há de se considerar que é dos barbudos que elas gostam mais. Que há um sentido estético, não se pode negar. Mas vai além sua força. Biologicamente a barba exerce uma forte atração sobre as mulheres, principalmente naquelas instintivamente destinadas a se sentirem atraídas por uma imagem máscula.

Estudos mostram que há um lado frágil no papel sexual da barba: se ficam muito comuns, se acabam banais e caem na mais vulgar das visões, perdem a força de atração, e assim desaparecem e só retornam tempos depois. Daí a moda que vai e volta. Não é que os imberbes não tenham também sua beleza, mas é que há certo sentido selvagem nos homens barbudos. Aparentemente desleixados, como se restaurassem a força ancestral do macho tão rarefeito nesses tempos de falsa modernidade.

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

CARTA PARA DIOGENES

Daladier Pessoa Cunha Lima

Todas as vezes que lhe trato assim, pelo primeiro nome, estranho o tom formal, mas o título do texto não chamaria igual atenção se fosse “Carta para Cunha”, como de fato o é. Há poucos dias, você me telefonou e disse que iria festejar seus 80 anos. Antes, pensara em viajar com a família, um lazer que muito lhe agrada. Porém, após pequeno susto com a saúde, pensou: “não sei quanto tempo tenho pela frente, então, vou reunir a família e amigos para celebrar minhas oito décadas de vida”. Aquela rápida conversa lembrou-me do nosso tempo de meninos em Nova Cruz, você e eu com idades muito próximas, alunos do Educandário Nossa Senhora do Carmo, das freiras franciscanas, nós dois vestidos com a fardinha, calça curta de tecido azul marinho e camisa branca. Não há como esquecer da nossa primeira escola, que agora é um colégio, das queridas irmãs que nos fizeram adentrar o mundo dos estudos e nos transmitiram valores, virtudes e princípios cristãos. Saudades e gratidão também guardamos de três bondosas pessoas – Corina, Lúcia e Hilda – que, em casa, ajudaram dona Nicinha a cuidar dos filhos pequenos.

Nossos dois irmãos mais velhos – Ariam e Gilma – nasceram em Natal; os mais novos – Marcelo e Olindina – nasceram em João Pessoa, e nós dois, os do meio, nascemos em Nova Cruz, cidade equidistante das duas capitais. Pois é, somos nova-cruzenses e nascemos na mesma casa, pelas mãos da mesma parteira, com intervalo de um ano e alguns meses. Jogamos muitas peladas de futebol no campo da Lagoinha, brincamos com castanha de caju, com “cédulas” de papel de cigarro, com carros de puxar e outros brinquedos da época. Algumas das suas roupas eu as aproveitava, e até os livros do colégio. Criança bem pequena, você era meio zangado – lembra-se? –, dentro do estilo: fácil de se irritar e difícil de serenar. Talvez a asma que tanto lhe importunou tenha contribuído para isso. Mas toda a

“zanga” você gastou na infância, e, à medida da passagem dos anos, você se tornava o oposto, afável, cordial, de sorriso fácil. Nossa mãe dizia que eu demorei a falar de forma clara e que, quase sempre, somente você era capaz de traduzir as minhas palavras, única medida para que eu voltasse à calma. E a loja de papai, que ele tanto amava, ah, a loja, onde vendemos tecidos e aprendemos lições para a vida.

Uma imagem que nunca se apagou das minhas retinas: Cunha Lima – era assim que mamãe lhe chamava – com uma revista ou um livro nas mãos, totalmente preso à leitura. Dali, você não saía para nada, mesmo que fosse para a melhor brincadeira. Fomos criados em um ambiente de valorização dos estudos e da leitura, mas penso que esse seu apego aos livros é de nascença.

Lembra-se do nosso Anjo da Guarda, visto em um pequeno quadro preso à parede do nosso quarto, na casa de Nova Cruz, com grandes asas e com as mãos a proteger uma criança? Nosso Anjo era bacana, atento e zeloso, mas não evitou que, vez por outra, houvesse entre os dois meninos uma contenda só resolvida no tapa, sem machucar. Porém, logo reinava a mesma paz e o mesmo afeto. Há muitas outras passagens para recordar, mas o limite do texto não permite.

Hoje, proponho que nossa atual escala do tempo avance mais devagar, assim, de 80 para 90, de 90 para 100. E depois dos 100? Aí é outra conversa, os tempos serão outros ...

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é médico e professor, Reitor da UNIRN. Autor de “Retratos da Vida” dentre outros trabalhos.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA

33 ANOS

Armando Negreiros



Na última quinta-feira, dia 20 de julho de 2017, houve uma confraternização na Academia Norte-rio-grandense de Letras - ANRL, ocasião em que tivemos o lançamento do CD de Nelson Freire em parceria com o nosso Presidente Diógenes da Cunha Lima. Tive a honra de ser convidado pela nossa eminente e competente Secretária Geral Leide Câmara para dizer algumas palavras em referência aos aniversariantes do mês: Sanderson Negreiros, que completou no dia três 78 anos, foi até hoje o mais jovem a entrar na ANRL, com 27 anos de idade, fundou a cadeira de número quarenta e escolheu como Patrono Afonso Bezerra. É o único fundador de cadeira vivo. Paulo Bezerra Balá fez 84 no dia 16 e para imensa tristeza de todos nós faleceu nessa sexta-feira, dia 21/07/2017, nos-

sas condolências a toda a família. No dia 20 completaram Manoel Onofre Júnior, 74; Diógenes da Cunha Lima, 80 e no dia 23 Iaperi Sôares de Araújo, 72.

Dessa forma entreguei a idade dos ilustres confrades! - E por que danado no título do artigo você coloca “33 anos”? Porque não é de idade e sim de Presidente da ANRL, desde 08 de novembro de 1984, perdendo apenas para Dona Noilde Pessoa Ramalho na Escola Doméstica. Grandes concorrentes foram Meira Pires no Teatro Alberto Maranhão, Leide Morais na Maternidade Escola Januário Cicco e Enélio Petrovich no Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Pois hoje resolvi homenagear o nosso presidente. É uma tarefa fácil pelos feitos do ilustre escritor, poeta, professor, consultor, advogado, intelectual Diógenes da Cunha Lima, filho. E, ao mesmo tempo, difícil pela exiguidade do espaço disponível.

Nascido na cidade de Nova Cruz, antiga Antiga Esfolada, pelas mãos da parteira Maria Camila. Filho do seu homônimo e de Eunice Pessoa da Cunha Lima. Teve o estímulo do pai para enveredar pelo amor aos livros, escrevendo a sua primeira poesia aos oito anos de idade, “O reflexo”, que o seu pai publicou num jornal da igreja.

Sua infância transcorreu em plena Segunda Grande Guerra Mundial. Segundo descrição do seu biógrafo Antonio Júnior, no livro “Um sentido para a vida”, era um menino magro, fraco e atrevido; tinha na escola os apelidos de Ar-de-vento e Pirulito; além de gostar de livros, gostava também de dinheiro e de namorar, aliás, de noivar. Chegou a dar alianças a doze meninas de uma só vez, numa experiência de noivado coletivo. Segundo seu irmão Daladier Pessoa da Cunha Lima: “Criança bem pequena era meio zangado, dentro do estilo: fácil de se irritar e difícil de serenar.” Com o tempo inverteu essa equação sendo “difícil de se irritar e fácil de serenar”...

Aos doze anos foi obrigado a deixar de banhar-se nos rios Bujari e Curimataú para continuar os estudos em Natal. Morou com a tia Zilpe, depois na Casa do Estudante e em várias pensões. Como todo bom poeta era também um boêmio. Uma das principais características de Diógenes é a sua fidelidade e generosidade com os

amigos. Nas amizades, ao contrário da física, sinais iguais se atraem. Cito entre os principais contemporâneos e amigos: Sanderson Nogueiras, Nei Leandro de Castro, José Márcio Furtado, José Augusto Delgado, Dailor Varela, Ubirajara Pinheiro, os saudosos Luís Carlos Guimarães, Newton Navarro, Hélio Vasconcelos, Danilo Bessa, Luís Rabelo, Zila Mamede e Berilo Wanderley.

Entre ser filósofo, diplomata ou professor de português, acabou optando pela Faculdade de Direito de Natal, exercendo paralelamente o cargo de adjunto de promotor. Teve entre os seus professores Paulo Pinheiro de Viveiros, João Vicente da Costa, Floriano Cavalcante, Manoel Varela de Albuquerque, Américo de Oliveira Costa, Vécio Barreto, Antonio Soares de Araújo Filho, Edgar Barbosa e Claudionor Telógio de Andrade, que, por ser muito rigoroso com os horários um aluno sugeriu trocar o seu nome para Claudionor Relógio de Andrade, pai do meu grande amigo Glênio Aquino de Andrade.

Seria enfadonho citar os diversos cargos ocupados por Diógenes, por isso citaremos apenas alguns: Secretário de Cultura da Prefeitura, de Educação do Estado, Presidente da Fundação José Augusto, Reitor da UFRN.

Amigo e admirador de homens que mudaram a história do Rio Grande do Norte: Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Dinarte Mariz, Djalma Marinho e Cortez Pereira, de quem foi advogado.

Escreveu o primeiro livro aos 31 anos, “Lua 4 vezes sol”, com prefácio de Câmara Cascudo, que afirmou: “É um livro diferente, ousado, disfônico, atordoador, perturbando o trânsito da nossa tranquilidade literária provinciana”. Especialista em biografias escreveu “Câmara Cascudo, um brasileiro feliz”; “O Magnífico, uma biografia de Onofre Lopes”; “O homem que pintava cavalos azuis”, biografia de Djalma Marinho; “Solidão, solidões – uma biografia de Dinarte Mariz” e ousou ao escrever “Natal – uma nova biografia”. Compositor de várias músicas teve em Veríssimo de Melo um parceiro de música e de vida.

Vinte poemas do seu livro “Corpo breve” foram traduzidos

para o francês; Respondeu com o “Livro das respostas” às perguntas surrealistas do “Libro de las preguntas” de Pablo Neruda; recebeu distinções literárias com os prêmios Câmara Cascudo e Otoniel Menezes; comprou um prédio na rua Chile, 63, onde nasceu o poeta Ferreira Itajubá e o transformou num Espaço Cultural; adquiriu um terreno onde existe uma centenária árvore de origem africana, hoje conhecida como “O baobá do poeta” que teria inspirado Saint-Exupéry para o seu “O pequeno príncipe”.

O que acabo de relatar é uma ínfima amostra do grande Diógenes da Cunha Lima, filho. Parabéns pelos 80 bem vividos anos, boas comemorações e vida longa! Hasta Martes!

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.



POEMAS



HAICAIS

BREVE COLETÂNEA

Jarbas Martins

À minha filha Talita Martins, em seu mundo “DIMINUITO COTIDIANO”.

1. SERTÃO DE ANGICOS

Juremas e cheiro.
Minha alma, minha palma.
Ontem de cardeiro.

2.

leve-me no olhar
azul segredo de um blues
perdido a cantar

3. PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

És lenha que aflora.
Teu nome é a ave que some.
Meu passado é agora.

4. ROMÂNTICO

Sem velhos ressábios
colher flores com você
rimar lábios c/ lábios

5. NÉVOA, NADA

Seis pombas em bando.
Levam-nas ao nada a névoa,
sem onde nem quando.

6. EROS

Finge esfinge e some.
Caminha, na dor se aninha.
Amor é o seu nome.

7. DESPERTAR

Meu sonho esqueci
levou-o agora em seu vôo
deserto - o bem-te-vi

8. QUIASMO / QUIASMA

Um cais de haicais.
Pasma ! Cruzou-me um quiasmo.
Um haicai sem cais.

9. SOMENTE

Sobejo e um assombro.
Manhã, casca de romã
cuspida em meu ombro.

10. JARDIM

Espezinhada, chá.
Rosa rasa que se abrasa
entre a Dor e a rá.

11. INFÂNCIA

Lembrança pouca.
Figurinha, bala, beijo.
Gosto de cuspe na boca.

12.

O sol em meu ombro.
Na nuvem de chuva a luva
e nenhum assombro.

13. MORO

Tudo o contradiz.
O ouro tolo e o cabelouro,
o cariz do nariz.

14. MINHA RIMA

Limadura, lima.
Ímpia, a fórceps, rípia.
Minha obra-prima.

15. PÔR DE SOL

Abrupta hora.
O mênstruo, o sangue, a rubrica
da agônica flora.

16. Inspirado numa tela de PICASSO

- «Menina com boina vermelha»

Buttom do passado.
Tua boina, teu batom.
Teu sonhar de lado.

17. A RÁ DE DEUS

Deus, olvido e trans-
se. Aonde o afã se esconde
da impenitente rã?

18.

Morar tão de leve
morar breve em teu olhar
onde Deus esteve

19. CHUVA

Monótona mágoa
se esboça em forma de poça.
Dança uma luz na água.

20.

não perturbem a lua
o cego vôo do morcego
o eco da cacatua

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outras obras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CONFETES E CINZAS

Ladislau Araújo

Como se estivéssemos
num extenso carnaval,
nos fantasiamos
por quase um ano.

Entre adereços e canções
singrávamos tardes e noites
envoltos em ilusórias
serpentinhas e
intermitentes
chuvas de confetes.

Mas o emudecer
da fanfarra
anunciou
uma longa e silenciosa
marcha
de cinzas.

Ladislau Araújo é poeta, fisioterapeuta com pós-graduação em Saúde Pública.

TRÊS POEMAS À MEMÓRIA DO MEU PAI

- Homenagem aos pais e o meu pai, poeta Nilberto Cavalcanti de Souza

Roberto Lima de Souza

1- AO MEU PAI DE ANTIGAMENTE

Agora, distante do tempo de antigamente,
Contemplo melhor os teus passos
E a nossa antiga casa do Tirol.
O bairro era arrodado de dunas e árvores,
E banhado por um sol manhoso de ameno arrebol...
Foi lá, meu pai, que nos perdemos nas dunas,
No nosso primeiro passeio por entre as trilhas do morro.
E tu nos guiaste, descobrindo novos caminhos de voltar para casa.
Agora, distante no tempo, faço, de novo, o passeio
Para rever o mundo perdido na infância,
Quando nos mudamos para outro ciclo no tempo
Para o definitivo encontro da poesia com a canção,
Numa ciranda de alegria,
Onde tu eras a letra, e a minha mãe, a melodia.
São outros os tempos agora, meu pai,
Mas é a mesma a alegria de ontem
Que parece voltar no recaminho...
É que as alegrias da infância são brancas como as dunas do velho Tirol:
Era mais puro o ar, e a noite mais escura,
Mas podíamos respirar estrelas
E descobrir três-marias e cruzeiros do sul em todos os sextantes...
Nas festas de São João,
Eras os fogos, o acender litúrgico da fogueira
E mais aqueles dois inesquecíveis balões:
O primeiro se incendiou aos olhos entristecidos

Do meu irmão mais velho, sem sequer sair do chão;
Mas o segundo despreendeu-se da terra, iluminou noite
E transformou-se em festa cintilando na amplidão...

O primeiro foi a dor, o segundo, a alegria,
Porque os dias da vida são feitos de dores e alegrias...
Não quero agora recordar as dores,
Porque tua alegria foi suficientemente forte
Para fazer a nossa esperança subir como o balão...
Teu despertar aos sábados, para ir ao velho mercado
Eram surpresas de renovadas alegrias:
Trazias os peixes, entrançados em sargaço, com cheiro de maresia;
Outras vezes, eram os “caranguejos gordos”
Que, no leite de coco com tempero-verde¹⁹,
Soltavam um cheiro gostoso enquanto coziam...

Agora, meu pai, anda tudo diferente,
Mas eu quero agradecer as alegrias
E esses odores e sabores todos que nos descobriste
E mais ainda essas lembranças felizes com cheiro de antigamente.
Agora, chegaram novas crianças, e tudo recomeça, meu pai,
Em novos ciclos de encontro da poesia com a canção,
Valores que nós herdamos,
Heranças que nunca morrem
Enquanto houver coração.

19 Coentro e cebola verde. Hoje também chamado de cheiro-verde.

2- UMA LEMBRANÇA DE MEU PAI

Um dia, inda pequeno,
Mãos dadas com o meu pai,
Passei minha cidade.
E, ao pararmos defronte a uma casa
Muito igual a tantas outras,
Ouvi meu pai me falar:

- “Foi ali que tua mãe te concebeu,
Foi ali que te gerou e deu à luz...”

... E ao brilho dos seus olhos,
A casa se iluminou
E se tornou, de repente,
Completamente diferente
De todas as outras casas...

3 - A MANGUEIRA

Nasceu bem livremente uma mangueira
Lá no nosso quintal... Ah que alegria!
Então, meu pai falou, por brincadeira:
Tens que regá-la, filho, todo dia!

E, desde então, cuidei bem da fruteira
A perguntar quando floresceria,
Mas meu pai me falava: - A vida inteira,
Tens que regar com amor, sabedoria...

...Quando a mangueira florescer, meu filho,
Verás todo o esplendor, todo esse brilho
Dos frutos que, na vida, hás de colher...

Da sua profecia, não me esqueço
E, quase sempre, pai, que eu adormeço,
“Vejo, em sonho, a mangueira florescer”!²⁰

ROBERTO LIMA DE SOUZA é escritor, poeta e compositor. Exerceu magistério superior durante longos anos. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

20 Verso de um soneto que o meu pai costumava declamar.



DISCURSOS



A NECESSIDADE DA TEOLOGIA*

Padre João Medeiros Filho

Pergunta-se: o mundo pode viver sem teologia? Tal questionamento está ligado a outro do mesmo nível: conseguirá uma sociedade verdadeiramente humana viver sem religião, ou seja, sem teologia? As ciências, a tecnologia e o progresso conscientizam-nos cada vez mais de que é impossível uma sociedade humana a-religiosa. Até bem pouco tempo, havia correntes de pensamento, afirmando ser a religião, se não nociva, pelo menos irrelevante. Mesmo entre alguns cristãos houve certa hesitação. Vale citar o salmista: *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam. Se o Senhor não guardar a cidade, debalde vigiam as sentinelas* (Sl 127, 1). A religião é parte ontológica da vida e da sociedade humana. Esta convicção foi sustentada através da história, não só pela tradição cristã, mas também pelas culturas pagãs. É oportuno citar alguns testemunhos significativos:

Plutarco dizia: É mais fácil a um viajante encontrar uma cidade sem casas do que uma cidade sem templos. Platão asseverava solenemente: *Se não é Deus que preside a fundação da Pólis, não se fugirá das mais graves desventuras*. Cícero assim se expressava: *Eu não sei se aniquilar a devoção aos deuses, seria destruir a fé, a sociedade do gênero humano e a mais excelente das virtudes, a justiça*. Confúcio afirmava categoricamente: *Para haver um povo, são necessárias três coisas: o governo, o pão e a fé. Se fosse preciso dispensar uma, seria o governo: se uma segunda, seria o pão, jamais a sua fé*.

Ser religioso é próprio da essência do homem. Esta é outra tese da tradição clássica, que a modernidade tentou contestar. Hoje, porém, com a *volta ao religioso*, torna-se mais fácil reconhecer esta verdade e seu caráter ontológico. A filosofia proclama, independentemente de qualquer sentimento de religião, que o ser humano é espiritual. E este não significa algo etéreo, volátil ou distante, mas abertura ao Transcendente, aspiração ao Infinito, sede do Eterno. Es-

pírito é a dimensão de interioridade ou de profundidade, que habita em nós. Ora, o que é a religião, filosoficamente, senão a resposta ao postulado da transcendência presente no coração do homem? Aqui nascem a teologia e a necessidade de sua presença na sociedade.

Seja qual for a nossa trajetória, ora chamada de desejo por Tomás de Aquino, ora dinâmica do psiquismo por Jung ou qualquer outra denominação, chegar-se-á ao mesmo termo: o Transcendente. Pode-se, portanto, concluir: o Divino faz parte do humano, de sua essência.

Caberá perguntar agora se a religião é também parte integrante da própria sociedade. Claro, pois formada de seres humanos, é consequentemente religiosa. O teólogo jesuíta Daniélou insistiu muito sobre esta verdade em seu livro “Oração, problema político”. Ali, reitera: *A religiosidade é um elemento constitutivo deste mundo. Sem Deus ele se torna desumano. Deus faz parte da civilização.* É oportuno lembrar a bela frase de Giorgio La Pira, prefeito de Florença e líder político italiano, na década de 60: *Para ser verdadeiramente humana, uma cidade precisa de chaminés e torres de igrejas.*

A religião se enraíza primeiramente no indivíduo para em seguida integrar o social. Em outros termos, a religião é social, porque é humana. E nisto, estão determinadas a necessidade e a caminhada da teologia. Portanto, é preciso dizer que a teologia não pode prescindir dos aspectos sociais da vida humana. O Estado, embora não professe nem lhe caiba professar alguma religião em particular, pode e deve promover positivamente a liberdade religiosa e suas manifestações legítimas, como valor qualificante da sociedade. Religião e teologia fazem parte do equilíbrio e do bem-estar do ser humano. Destarte, entendem-se os motivos pelos quais o Ministério da Educação concede às igrejas do Brasil oficializar os cursos de teologia, como acontecera com esta Faculdade.

O que seria, de fato, das sociedades ocidentais sem o cristianismo, o judaísmo e das orientais sem o islamismo, o hinduísmo e o budismo? O que seria delas sem a reflexão teológica, que apregoa a necessidade de justiça, paz, união e solidariedade entre os homens? Já dizia Hans Kung: *Se não há sociedade saudável sem religião, tampouco haverá sem teologia.*

A reflexão teológica apontando desvios e desacertos, ilumina os cidadãos na verdadeira caminhada. Por isso, nesta quase secular igreja mossoroense, na encruzilhada de novos pensamentos e tendências, no desafio da globalização, do neoliberalismo e outras vertentes da sociedade hodierna, tornava-se indispensável aqui uma escola de nível superior de teologia. E por tal razão engajaram-se alunos e docentes, neste novo espaço de reflexão evangélica, cristã, católica e teológica, que é esta Faculdade Diocesana.

Prezados concluintes, vocês são convidados a exercer o papel da reflexão teológica nesta região. Mas, a teologia se nutre e cresce também a partir da vivência da fé pelo povo. Na falta desta seiva espiritual, a árvore teológica poderá produzir vários ramos de ideias e muitas folhas de palavras, mas poucos frutos de ação e de vida.

Nesse sentido, Maria Santíssima emerge, não só como modelo do teólogo que reflete a Palavra em seu coração (*Ela guardava tudo em seu coração*. Lc 2,19), mas também enquanto exemplo do cristão, que encarna o Verbo em sua existência pessoal e social (cfr. Lc 11, 28). Também devemos nos inspirar em Santa Luzia, padroeira deste generoso povo mossoroense. Protetora da visão, ela ajudar-nos-á a ver mais longe, no meio das trevas e das nebulosidades. Assim, um teólogo poderá se aprofundar mais, com a intercessão da Virgem de Siracusa, para vislumbrar horizontes de verdade, justiça e liberdade, virtudes tão presentes na história desta dileta gente de Mossoró.

Deste modo, não se deve esquecer que a teologia pode contribuir para que a fé e sua projeção no mundo cresçam e frutifiquem em plenitude no coração da sociedade. Tal é o sentido da bela afirmação de padre Edward Schillebeeck: *compete à ciência teológica aquilo que pode contribuir a gerar, nutrir, defender e fortalecer uma fé salubérrima, que proporcione uma qualidade de vida dos cidadãos*.

Especialmente hoje devemos expressar nossa gratidão. Ela é teológica, enquanto virtude e dom divino, reclamada pelo próprio Mestre, no episódio da cura dos leprosos (cfr. Lc 17, 11-19). Assim, numa colação de grau de teólogos, não podemos deixar de manifestar nossa gratidão primeiramente a Deus, razão de nosso ser, nossa fé, e nossa reflexão.

Nosso grande obrigado a todos que lutaram para que esta Faculdade se tornasse um marco intelectual, cultural e de fé, na vida da diocese de Mossoró. Nosso agradecimento sincero ao Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano, Dom Mariano Manzana, que acreditou e muito contribuiu para erigir esta magnífica e importante obra em seu bispado. Relevante, não apenas por preparar seus futuros presbíteros e agentes de pastoral, mas também por se tornar um espaço de questionamento, reflexão evangélica e de cultivo dos valores humanos. Nossos agradecimentos ao clero diocesano, de maneira particular ao Padre Sátiro Cavalcanti Dantas, que suportou o calor do dia e o incógnito da noite, sem medir esforços. Padre Sátiro foi incansável, desde os primórdios desta Instituição de Ensino Superior, quando das verificações do MEC. No silêncio monótono e aparentemente pouco produtivo, à espera da decisão dos avaliadores, viveu horas penosas de expectativa, jocosamente denominadas por ele de *velório de defunto vivo*. Obrigado, padre Sátiro, por todo o seu empenho, seu incomensurável devotamento e amor à educação e à teologia. Seu profundo conhecimento de Santo Agostinho, um dos maiores teólogos da Igreja, é exemplo para as novas gerações formadas por esta augusta Faculdade. Padre Sátiro viveu o que ensina a Sagrada Escritura: *há um tempo de semear e outro de colher* (Sb 3, 2). Ele entregou a direção desta IES para se dedicar ainda mais à mesma pela oração e pelo exemplo. Teilhard de Chardin pregava que a *oração é a teologia de joelhos*.

Ao Padre Flávio Augusto Forte Melo, operário das primeiras horas, nosso reconhecimento e gratidão. Exerceu múltiplas funções: desde anfitrião, motorista das comissões do MEC a coordenador e docente. *Fiz-me tudo para todos*, pregou o apóstolo Paulo (1Cor 9, 22). Somos também gratos à diretoria atual, na pessoa do padre Charles Lamartine de Souza Freitas, pela confiança em nós depositada e pela honra com que nos distinguiu. Ao Colégio Diocesano Santa Luzia o nosso reconhecimento por abrigar esta instituição, que marca uma nova fase na história dessa centenária entidade educacional do Rio Grande do Norte, sobretudo este ano, quando são ministrados três novos cursos, um deles pioneiro nesta cidade.

Uma palavra de saudade e prece aos nossos grandes irmãos e amigos, Monsenhor Américo Simonetti, que plantou a semente desta frondosa árvore (o curso de iniciação teológica) e a Dom José Freire, que abençoou o projeto e acreditava na importância e necessidade desta Escola Superior. Cremos que, lá do Céu, ambos rezam para que esta faculdade seja um espaço divino e humano para glória de Deus e grandeza do povo mossoroense.

Aos alunos, nossa palavra de ânimo e esperança. Auguramo-lhes que encontrem resposta aos seus questionamentos e aspirações. Que haja dentro de cada um vocação e abertura para a ciência, mas sobretudo para uma fé orante, que transforma e enriquece a vida humana.

Aos professores, nossa partilha e declaração de caminhada solidária. Há muito a descobrir, a aprender com a fé e a vida deste exemplar e fiel povo de Mossoró. Temos o compromisso de lançar mais ao largo as redes do saber e da pesquisa, como orientava Cristo aos discípulos no episódio da pesca miraculosa (cfr. Lc 5, 1-11) Esta metáfora aplica-se ao pesquisador e ao teólogo, que também lançam suas redes no mar turbulento ou revolto da vida e do mundo. Cabe-nos dizer que vale a pena mergulhar nas águas profundas da ciência e da cultura, pois elas igualmente são espaço privilegiado de Deus e sua graça. Temos uma nobreza que a ciência teológica nos confere e não podemos trair nossa vocação.

Nosso profundo agradecimento aos concluintes que nos honraram, escolhendo-nos como seu patrono. Aquilo que realizamos é nosso dever: *Recebestes de graça, dai de graça* (Mt 10, 8). Enfim, uma palavra fraterna à Igreja de Mossoró – da qual nos consideramos parte – a todos aqueles que são destinatários da reflexão desta Faculdade e do seu saber, nossa gratidão e sobretudo nossa prece para que caminhem sempre na descoberta do divino e do sagrado.

Irmãos e amigos, esperamos, com a ajuda de Deus e da ínclita Santa Luzia, que, dentro de alguns anos, possamos ter a Universidade Católica de Mossoró, sonho e aspiração do laborioso e perseverante padre Sátiro, a quem devemos também a maturidade da UERN, a beleza deste Colégio Diocesano e tantos outros feitos enriquecedores do

ponto de vista intelectual e espiritual, nesta querida terra de Santa Luzia. Para isso, Deus dará a todos luz, forças e coragem. Pois, o clero de Mossoró e o Povo de Deus repetirão as palavras do salmista: *O Senhor é minha rocha e minha fortaleza, a quem temerei?* (Sl 62/61, 2). Muito obrigado. Parabéns, caríssimos concluintes, professores e comunidade acadêmica desta estimada Faculdade Diocesana de Mossoró.

* Discurso de paraninfo proferido na solenidade de colação de grau do curso superior de Teologia da Faculdade Diocesana de Mossoró.

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, escritor e professor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

AULA DA SAUDADE *

Côn.º José Mário

Queridos Alunos jubilares, da Turma cinquentenária.

Estimados colegas professores, aqui presentes.

Prezados convidados para este momento.

Gostaria de ler para vocês o que escreveu a sapiente filóloga Carolina Michaelis de Vasconcelos, no livro “Saudade Portuguesa”: “É inexata a ideia que outras nações desconheçam esse sentimento. Ilusória é a afirmação (já quase quatro vezes secular), que mesmo o vocábulo Saudade – mavioso nome que tão meigo soa nos lusitanos lábios – não seja sabido dos Bárbaros estrangeiros, não tenha equivalente em língua alguma do globo terráqueo e distinga unicamente a faixa atlântica, faltando mesmo na Galiza de além-Minho.

Há quatro vezes peninsulares, de origem neo-latina todas elas, que são sinônimas de saudade. E todas elas foram já citadas por críticos nacionais e estrangeiros.

Certo é apenas que não correspondem plenamente ao termo português. Certo, sobretudo, que não têm nem de longe, na economia dos respectivos idiomas irmãos, importância e frequência da saudade na língua portuguesa; nem tão pouco o quid, o não-sei-quê, de misterioso que lhe adere.

Isso vale tanto do castelhano *soledad soledades*, como do asturiano *senhardade*, de singularitate; vale tanto do vulgarismo galiziano *morrinha*, como do catalão *anyoransa anyorament*, usado amiúde por Ausias March, esse Petrarca catalão, nos seus sentidíssimos *Cants d’Amor* e *Cants de Mort* e usado hoje na própria Castela.

Plena concordância há, porém, entre Saudade e a *Sehnsucht* dos alemães, tão penetrantemente exteriorizada na figura comovedora de Mignon, a expatriada, e nas belas canções de Goethe que principiam:

Conheces o país onde o limão floresce?

Kennst du das Land wo die Zitronem blunh?

Só quem conhece a saudade sabe quanto eu vou sofrendo.

Nur wer die Sehnsucht Kennt, Weiss was ich leide.

Em ambas, elas vibram maviosamente a mágoa complexa da saudade: a lembrança de se haver gozado em tempos passados, que não voltam mais; a pena de não gozar no presente, ou de só gozar na lembrança; e o desejo e a esperança de no futuro tornar ao estado antigo de felicidade.

Mas em regra a Sehnsucht alemã tem caráter meta-físico. Aspira a estados e a regiões ideais, sobre-humanas: ao Além.

Apesar dessas conformidades não nego maneira alguma que o doloroso e doentio achar – menos d’aquilo que amamos – pessoa ou coisa – provocado pelo allontanamento quer corporal quer espiritual, o ricordarsi del tempo Felice nella miseria, fosse mais frequente do que alhures, na terra portuguesa, e nos séculos dos Descobrimentos e das Conquistas longínquas na África, Ásia, América. Nem nego que a Saudade seja traço distintivo de melancólica psiquê portuguesa e das suas manifestações musicais e líricas, muito mais do que a Sechnsucht é característica da alma germânica. Refletida, filosófica, acatadora do imperativo categórico da Razão pura, ou hoje em dia do imperativo energético da atividade ponderada, essa tem muito maior força de resistência contra sentimentalismos deletérios”.

Há cinquenta anos partiram e trouxeram até hoje em suas memórias e nos corações, a figura de mestres e mestras, verdadeiros (as) sacerdotes e sacerdotisas do magistério, entusiasmados todos com o ideal do magistério na constante e fiel disposição de se colocarem a seu serviço, transmitindo experiências vividas no dia-a-dia, empolgando-os a fazerem o mesmo em suas profissões.

Foram inegavelmente eles com vocês, os artífices dessa conquista. Burilaram a personalidade de vocês que tão jovens, estavam vivendo quase simultaneamente as consequências da revolução militar.

A figura do Pe. Itan Pereira, quem esquecer poderia? a oratória e o uso da palavra justa e das eloquentes imagens por ele usadas quando nos falava?

As aulas tão bem preparadas pelo Pe. Tércio, com uma didática e um raciocínio lógico invejáveis. Ideias concatenadas e espírito crítico e irônico, aguçando o interesse, dos alunos, pela aula que jamais era enfadonha.

O Prof. Laércio, a grande ponte entre a direção, o corpo docente e discente, que conquistava os alunos pela seriedade e confiança com que encaminhava a rotina diária do Ginásio Diocesano!

A professora que não obstante a idade sempre foi chamada por vocês de Dona Afra!

Tio Nonô, queridíssimo e grande admirador da língua e cultura francesas não deixava de incluir a frase: tantas vezes repetida: São Paulo (referindo-se à cidade) vive eternamente!

Pe. Balbino ensinando inglês e baixinho dando pulos para que vocês pronunciassem bem, entre outras coisas, os meses do ano.

Prof. Guerra, figura conservadora dos mestres de seu tempo, nunca ministrando uma aula sequer sem seu eterno paletó. Abria-lhes os horizontes para melhor conhecer, não somente, a geografia do Brasil mas, a geografia mundial. Tinha o domínio da disciplina e merecia de todos o carinho de ser tratado pelo nome de Guerrinha.

Pe. Hudson, vendendo juventude, era quase da idade de vocês e isso facilitava poder transmitir-lhes a educação religiosa.

Profa. Hilda Araújo, segura na matéria, conseguia que uma turma de rapazes despertasse para os valores de uma educação artística.

Profa. Iracema Trindade, séria e severa. Nasceu para ser professora, tinha domínio de classe e conhecia bem a história.

Professores João Diniz e D. Neta, a dupla de matemática e do desenho, se não fossem tão competentes e simpáticos não teriam conseguido levá-los ao interesse de uma matéria tão insípida quanto a matemática e no entanto tão necessária ao mesmo tempo.

Numa turma de onde saíram seis médicos e quatro odontólogos, é inegável o importantíssimo papel que tiveram o Prof. Mário Edson e as professoras Justina Iva e Zefinha!

O português que aprendemos no ensino fundamental e melhorado no ensino médio é o que nos acompanhará ao longo de toda nossa existência, o de vocês se deve às Profas. Tiana, Afra e Elizabeth. É dele que vocês se servem já todos formados em nossos dias.

O Prof. Furtunato educando fisicamente com grande competência e se sobressaindo pela determinação e companheirismo.

O Pe. Galvão que mesmo gaguejando em português, esforçava-se para transmitir uma boa pronúncia da linguagem francesa.

Os Profs. Baiardo e Genilde, muito jovens na época, também, muito contribuíram na sua formação.

E por fim, não poderia faltar o Prof. Plácido, o único que representa, no corpo docente o nome da turma.

A farda que hoje endossam, é como uma roupa forte que envolve corpos, como que abrigando ao longo desses cinquenta anos, sonhos alimentados, princípios aprendidos e ideais alcançados.

Nestes cinquenta anos, seus corações bateram forte sem contrair cicatrizes, as mentes viajaram para o lado de dentro da vida e suas vontades, sem dúvida, se apaixonaram pelo o que conseguiram realizar em suas respectivas profissões. Agora, jovens sonhadores de ontem. Hoje, homens realizados pelo o que fizeram.

Conservar lembrança é haurir do baú da vida e da experiência, fatos que deixaram alguma marca registrada com a tinta da amizade e do companheirismo.

Lembrar é assimilar as lições vividas nestes cinquenta anos, cujo estilete deixou gravada no cerne do coração de cada um, uma perene mensagem de vida, sempre abrindo novas portas para o futuro.

Estimados alunos de ontem e colegas de hoje, Concluindo:

São cinquenta anos! já se foi meio século! E nós aqui estamos vivenciando este momento único: Bodas de Ouro de um convívio que não se distanciou de cada um de nós.

O poeta Aldemar Tavares assim escreveu:

“Onde anda o corpo da gente, a sombra vai pelo chão...

É assim, também, a saudade, a sombra do coração...»

Já houve quem escreveu que não é com uma ideia que se erguem os homens, é com um sentimento. Entre eles a saudade do que a vida de bom em nós plantou.

Não sei em mim qual é o maior sentimento que me invade neste instante, se o da saudade sobre a qual eu discorri ou o da gratidão, a vocês pela imensa honra que me deram ao convidar-me para ser o professor desta aula.

Sou-lhes profundamente grato.

***Colégio Diocesano, Caicó, 22 de julho de 2017.**

Aula proferida por ocasião do Cinquentenário da Turma Concluinte, do Colégio Diocesano de Caicó, da qual o Cônego José Mário de Medeiros foi professor em 1966.

JOSÉ MÁRIO DE MEDEIROS é sacerdote católico, professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Saudação aos aniversariantes do mês de Julho na Academia Norte-rio-grandense de Letras, proferida em reunião de confraternização pelo Acadêmico Armando Negreiros

- Prezados confrades, meus senhores, minhas senhoras, a nossa Confrade Secretária, competente e eficientíssima Leide Câmara, me incumbiu de saudar os aniversariantes do mês. Entretanto, o momento não é para discursos e oratórias prolongadas. Seja breve se quiser ser agradável. Serei.

- Início pelo meu primo **Sanderson Negreiros** que completou 78 no dia 03 de Julho, uma segunda-feira. Carolina Negreiros, a sua mãe, era irmã do meu avô paterno Manoel e do meu avô materno Solon. Era primo legítimo de Rafael, meu pai, e de Elizabeth, minha mãe, que está no fulgor dos seus 87 anos de idade que serão completados no próximo 14 de agosto.

Sanderson Negreiros, foi até hoje o mais jovem a entrar na ANRL, com 27 anos de idade, fundou a cadeira de número quarenta e escolheu como Patrono Afonso Bezerra. É o único fundador de uma cadeira vivo, atuante e brilhante.

- **Paulo Bezerra de Balá**, meu querido colega, médico e confrade também da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, completou no dia 12, uma quarta-feira, 84 anos. Sempre costumo dar-lhe carona na volta das reuniões acadêmicas e outros encontros sociais. Infelizmente encontra-se enfrentando uma patologia que nós, idosos, deveríamos ser imunes a essas coisas. É um bravo do sertão do Seridó, gente de primeiríssima qualidade, escreve bem e com objetividade cortante. Conto uma história dele, que me foi relatada por Ronald Gurgel, seu companheiro numa República, no tempo de estudante em Recife. Chegou, por volta de uma hora da tarde, a

notícia de que o pai de um dos companheiros de moradia havia morrido. O rapaz estava tirando uma sesta, depois do almoço. Quem iria dar a triste notícia? Paulo Balá imediatamente prontificou-se. Chegou próximo à rede em que o amigo cochilava, deu três mucucas no punho da rede, o rapaz acordou assustado e ele falou: - Você não dizia que o homem era de ferro! E a seguir complementou a notícia da morte do pai.

No dia de hoje temos o nosso editor **Manoel Onofre Júnior**, perfazendo 74 anos, um jurista, escritor, pesquisador, crítico literário, com vários livros analisando em profundidade a literatura regional. Grande viajante e observador da cena mundial. Quase todos os domingos nos encontramos na praia de Ponta Negra, ele saindo, eu chegando. O guardador de carros, nos dias em que não me encontro com ele, comenta: Dr. Manoel Onofre disse que o senhor, Dr. Armando, como médico, deveria saber que este sol, depois das onze, não é bom para a saúde!

- Também hoje, dia 20, o nosso presidente, **Diógenes da Cunha Lima**, filho, completa, de rombo, 80 anos! Presidente da ANRL, desde 08 de novembro de 1984, perdendo em permanência no cargo apenas para Dona Noilde Pessoa Ramalho na Escola Doméstica. Administradores longevos e competentes também foram Meira Pires no Teatro Alberto Maranhão e Leide Morais na Maternidade Escola Januário Cicco.

Todos nós conhecemos muito bem o nosso presidente, a sua capacidade de agregar, de ajudar, de organizar. Agora mesmo está liderando uma campanha para a posse na Academia Brasileira de Letras, vestir com um fardão de setenta mil reais, um novo imortal do Rio Grande do Norte, João Almino, mossoroense que será empossado no próximo dia 28, uma sexta-feira.

Um pouco sobre a sua infância, já que na atualidade todos o conhecem muito bem. Sua infância transcorreu em plena Segunda Grande Guerra Mundial. Segundo descrição do seu biógrafo, Antonio Júnior, no livro “Um sentido para a vida”, era um menino magro, fraco e atrevido; tinha na escola os apelidos de Ar-de-vento

e Pirulito; além de gostar de livros, gostava também de dinheiro e de namorar, aliás, de noivar. Chegou a dar alianças a doze meninas de uma só vez, numa experiência de noivado coletivo. Segundo seu irmão Daladier Pessoa da Cunha Lima: “Criança bem pequena era meio zangado, dentro do estilo: fácil de se irritar e difícil de serenar.”

Finalmente, amanhã, dia 21, sexta-feira, teremos os 72 anos de **Iaperi Sôares de Araújo**. Pronuncio Sôares porque no registro tem um circunflexo no “o”. Há exatos quarenta anos, precisamente em outubro de 1977, conheci Iaperi Soares de Araújo, então um jovem de 32 anos de idade. Nessa época a Universidade Federal do Rio Grande do Norte acolhia uma nova geração de **Professores**, rotulados de **Colaboradores**, para iniciar a carreira docente na Maternidade Escola Januário Cicco.

Na apresentação formal, feita pelo Professor Leide Moraes, da equipe mais *moderna* - como se diz na linguagem militar -, aos docentes seniores, a atitude de Iaperi não foi das mais receptivas. Carrancudo, agastado, amuado. Depois descobri o motivo: Iaperi sentia-se como aquela criança que perde as benesses de ser o caçula, o benjamim, com a chegada de um irmão mais novo – enjeitado, no canto, no caritó.

Com o tempo o lundu passou, pois Iaperi, homem de sete instrumentos que é, nunca perdeu o seu posto na hierarquia preferencial do Coronel Leide Moraes, o seu compreensivo e flexível tutor, por escolha recíproca. Sobre Iaperi ele dizia, em pleno anfiteatro, lotado de professores, funcionários e alunos:

- Qualquer um de vocês pode substituir um ao outro. Mas ninguém pode substituir Iaperi, porque o que ele faz, além da medicina, vocês não sabem fazer. A essa altura Iaperi já esboçava um sorriso de imodéstia e convencimento.

Muito obrigado pela atenção.

HOMILIA PARA A MISSA DE OITENTA ANOS DE DIÓGENES DA CUNHA LIMA

“*Os dias de nossa vida chegam aos setenta anos, e os mais abençoados atingem os oitenta. Celebremos bem, pois tudo passa rapidamente*”, proclama o salmista (Sl 90,10). Um dos maiores teólogos da Igreja, Santo Agostinho, aconselhava aos cristãos de Hipona que “*festejassem cada ano de sua existência, pois ela é o dom supremo de Deus e cada década vivida é uma graça inefável*”. Muitos séculos depois, proclamou o poeta brasileiro: “... *[a vida] é um divino mistério profundo, é o sopro do Criador numa atitude repleta de amor*!”. Na verdade, a reverência pela vida digna é a forma mais alta de oração.

Como saudar o aniversariante de hoje? Professor, doutor, reitor, advogado, escritor, poeta? Não obstante todas as suas virtudes e sapiência, prefiro ficar com o poeta, pois sempre acreditei que cada vate seja um mensageiro do Absoluto, um anjo do Eterno na terra dos homens, pulsação do Sagrado nas veias do tempo. A poesia ultrapassa a linguagem, a semântica humana e os códigos linguísticos, à semelhança de Deus, o sempre Transcendente, mas que se faz imanente e tangível pela prece ou oração, que é a forma perfeita e absoluta da poesia.

Sou um temporão dentre os amigos de nosso aniversariante. Aqui e agora, relembro as palavras de Carlos Drummond de Andrade, referindo-se a Luís da Câmara Cascudo: “*Tarde demais cheguei para o convívio e a amizade do mestre potiguar*”.

Caro Diógenes, não tenho a inspiração do itabirano, tampouco a beleza e elegância literária de João Cabral de Melo Neto, quando ambos saudaram Manuel Bandeira, por ocasião dos seus oitenta anos. Sou simplesmente um cura de aldeia. Sei apenas, como uma criança, balbuciar algumas preces, elevando-as, em forma de gratidão, a Deus, onipresente na beleza do sol e da lua, na sonoridade

da música e no perfume das rosas, no ar, no mar, no céu e na terra. Nesta data tão especial, entre cumprimentos e homenagens, digo-lhe: Viva plenamente a vida, como pegadas do Divino na história humana. Ela é presente do Céu, não em termos de cronologia, mas sobretudo em forma de dádiva. O tempo avança célere e inexoravelmente e vai devorando nossos sonhos e levando as pessoas e coisas que amamos. Segundo a mística Santa Teresa d'Ávila “*tudo passa, só Deus não muda... No entardecer da vida permanece apenas o amor, que é o nome verdadeiro de Deus*”. Embale a sua poesia, pois ela é como as asas da alma e a “*servidora da esperança*”, disse-nos Adélia Prado. Deus amar-nos-á, fazendo-nos ricos e fecundos como os regatos e as árvores, “*dando-nos o verdor e o florir de sua primavera e um rio aonde ter, quando acabamos*” (A. Caieiro).

Não ousou descrever a profícua caminhada de Diógenes, pois não seria este o momento mais adequado para tal. Louvo o cristão e o homem de fé, protegido desde o instante do seu nascimento, com a intercessão e as bênçãos da Senhora Sant'Ana, que o coloca aos pés de sua filha, a Imaculada Conceição, padroeira de Nova Cruz. Na Igreja dedicada a Nossa Senhora, perto do Rio Curimataú, junto à Virgem Santíssima, na missa celebrada por Monsenhor Pedro Moura, aprendeu nosso aniversariante a pronunciar o salmo do encantamento da vida e do louvor ao Pai Celestial: “*Introibo ad altarem Dei. Ad Deum qui laetificat juventutem meam*”. Sim, irei ao altar de Deus, do Deus, que alegra a minha juventude. Hoje, sinto no pulsar de meu coração que, nos jardins floridos e poéticos da eternidade, Dom Nivaldo Monte, “*O Semeador da Alegria*” dirige-se a Padre Normando Pignataro Delgado, o qual vislumbrava a “*Florada do Pau d'arco*” e lhe diz: “Nêgo véio”, vamos puxar o badalo do sino de Extremoz e cantar para Diógenes o solene Te Deum, neste dia de festa, glória e alegrias.

Voltemos a Sant'Ana. Creio que ela inspirou a vida de nosso homenageado, cujo nome seria Ana, se a criança nascitura fosse uma menina. Podemos perceber que na iconografia religiosa cristã e católica, a Mãe de Maria apresenta-lhe as “*Tábuas da Lei*”, ou seja, a Torá. Não terá sido a Avó de Cristo, que incutiu ou alimentou em

Diógenes a paixão pela ciência jurídica?

Para diferenciar a Mãe de Nossa Senhora, de outra Ana, denominada na Bíblia de profetisa, os Evangelhos Apócrifos chamam a esposa de São Joaquim de “Ana poetisa” pela magnitude e beleza do seu ventre, que encarnou Maria, o rosto materno de Deus. Maria Imaculada, Mãe de Cristo é o mais belo de todos os poemas, nela o céu invadiu a terra, o Eterno se fez tempo e Deus habitou o planeta dos homens. E isto só é explicável no âmago do mistério divino, inesgotável e permanentemente poesia de Deus. Imagino que foi Ana, a poetisa que concedeu também a Diógenes o dom e a inspiração para os versos e rimas.

“Que retribuirei ao Senhor, por tudo o que Ele me tem dado? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o seu nome” (Sl 116, 12), canta o salmista. Assim, estamos fazendo neste momento eucarístico, quando agradecemos a Deus a caminhada de bênçãos e graças de nosso irmão.

Pode parecer insólito, caro amigo, externar agradecimentos laicos nesta homilia. Mas, hoje queremos exaltar o seu contributo à história e à cultura do Rio Grande do Norte e do Brasil, ao longo de sua existência. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Fundação José Augusto, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, a Consultoria Geral do Estado, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, menina dos seus olhos, o Conselho Estadual de Cultura e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras muito lhe devem e rendem suas homenagens. Obrigado, irmão, pelos que se esquecem de agradecer; pelos que não sabem agradecer; e até pelos que não querem agradecer. Como cristão e ministro de Deus, quero proferir um agradecimento especial, pelo seu amor à Igreja de Cristo e, mormente, pela sua fé que o traz aqui, aos pés de Nossa Senhora da Apresentação, um dos incontáveis oragos de Nossa Senhora, que o abençoou na pia batismal de Nova Cruz e lhe sussurrou: Vá cuidar de um baobá para que os meus filhos se lembrem de que a sua vocação é se tornar uma árvore frondosa e não se esqueçam de elevar as mãos para o céu, ao contemplarem a beleza das flores, das plantas e a exuberância da natu-

reza. Portanto, não devemos esquecer que o belo é a sombra de Deus no mundo. O baobá é também símbolo e metáfora do ser humano, que, segundo a Ode de Horácio, deve “*ter os pés fincados no chão e os olhos elevados para o Infinito*”. Que você seja sempre abençoado pelo Pequeno Príncipe, (aqui, não o da criação do escritor francês), a Alteza e Realeza do Presépio, tão pequeno, tão terno e tão doce, a eterna poesia de um Deus.

Parabéns, Diógenes! Que, neste dia tão marcante e solene de sua vida, você guarde Deus dentro de si. Assim, rezaremos de modo especial nesta missa. Que a paz povoe o seu coração e a plenitude da graça divina encha a sua alma. Ângelus de Silesus, teólogo alemão do século XVII, chegou a dizer que “*Quem não tem o paraíso dentro de si, dificilmente encontrará-lo-á, fora*”.

Você conhece a minha timidez e simplicidade. Assim sendo, pedi que o abençoasse o Santo Padre, o Papa Francisco, cuja misericórdia, bondade e doçura são fagulhas vivas da deslumbrante poesia divina. Deus o abençoe, meu irmão e amigo!

NATAL, MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO, 26 DE JULHO DE 2017.

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO

SUA SANTIDADE O PAPA FRANCISCO
CONCEDE DE TODO O CORAÇÃO A
DESEJADA BÊNÇÃO APOSTÓLICA

AO DR. DIÓGENES DA CUNHA LIMA,
POR OCASIÃO DOS SEUS OITENTA
ANOS E INVOCA, POR INTERCESSÃO
DE MARIA SANTÍSSIMA, A ABUNDÂN-
CIA DAS GRAÇAS DIVINAS.

CIDADE DO VATICANO, EM 26 DE
JULHO DE 2017.

DOM KONRAD KRAJEWSKI.
ARCEBISPO ASSISTENTE



ANRL em setembro de 2017

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima. (eleito)
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima (vaga)
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra. (vaga)
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

